

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS - MESTRADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM LEITURA E COGNIÇÃO

Joice Nara Rosa Silva

DA FICÇÃO À REALIDADE: A HISTÓRIA (RE) CONTADA EM
NETTO PERDE SUA ALMA

Santa Cruz do Sul

2014

Joice Nara Rosa Silva

**DA FICÇÃO À REALIDADE: A HISTÓRIA (RE) CONTADA EM
*NETTO PERDE SUA ALMA***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado, Área de Concentração em Leitura e Cognição, Linha de Pesquisa em Processos narrativos, comunicacionais e poéticos, da Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Eunice Piazza Gai

Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Fabiana Quatrin Piccinin

Santa Cruz do Sul

2014

Joice Nara Rosa Silva

**DA FICÇÃO À REALIDADE: A HISTÓRIA (RE) CONTADA EM
*NETTO PERDE SUA ALMA***

Esta dissertação foi submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado; Área de Concentração em Leitura e Cognição; Linha de Pesquisa em Processos narrativos, comunicacionais e poéticos, Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Letras.

Dra. Eunice Terezinha Piazza Gai
Professora Orientadora – UNISC

Dra. Fabiana Piccinin
Professora Coorientadora – UNISC

Dr. Carlos Garcia Rizzon
Professor Examinador – UNIPAMPA

Dra. Rafael Eisinger Guimarães
Professor Examinador – UNISC

Santa Cruz do Sul

2014

AGRADECIMENTOS

A Deus pela vida e pela coragem de sempre seguir em frente após uma derrota.

As minhas orientadoras pela oportunidade, pela dedicação e paciência pelas minhas falhas.

Agradeço a você Luiza por estar sempre a nossa disposição e não medindo esforços para nos ajudar nessa caminhada.

Carinhosamente, agradeço a Agnes Hübscher Deuschle, amiga que me ajudou no momento mais difícil desta jornada.

A todos, muito obrigada.

*Veio para ressuscitar o tempo
e escarpelar os mortos,
(...)*

*Veio para contar
o que não faz jus a ser glorificado
e se deposita, grânulo,
no poço vazio da memória.*

(Carlos Drummond de Andrade)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo estudar a relação entre Literatura e História a partir da análise do romance histórico *Netto Perde sua Alma*, de Tabajara Ruas. Pretende-se verificar como a História é interpretada pela Literatura e examina-se sua contribuição para a construção de obras ficcionais. Por outro lado, avalia-se a questão de que a História também se beneficia ou pode se valer da ficção para escrever os fatos históricos. Nesse contexto, reflete-se sobre a presença e atuação dos Lanceiros Negros no período da Revolução Farroupilha e os conflitos do personagem Netto, bem como sobre o tema da liberdade dos escravos, conforme abordado pela historiografia tradicional e na obra de Tabajara Ruas.

Palavras-Chave: História. Literatura. General Netto. Lanceiros Negros. Escravidão.

ABSTRACT

This research aims to study the relationship between Literature and History from a analysis based on the historical novel *Netto Perde sua Alma*, by Tabajara Ruas. It intends to verify how history is interpreted by Literature and how history contributes to fictional works production. On the other hand, it evaluates the question that history also benefits itself or may make use of fiction to write historical facts. On this scenario, it reflects about the presence and activity of *Lanceiros Negros* during the *Farroupilha Revolution*, as well as about the freedom of the slaves, as approached by traditional historiography and by Tabajara Ruas artworks.

Keywords: History. Literature. Freedom. Slave.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
1 RELAÇÃO ENTRE A LITERATURA E A HISTÓRIA .	12
1.1 Literatura e História: pontos convergentes e divergentes entre as áreas do conhecimento.....	12
1.2 A Literatura como fonte da pesquisa histórica.....	17
1.3 Um novo olhar sobre a escrita da História e da Literatura: o real e o ficcional.....	19
1.4 A O Romance Histórico: origem.....	20
1.4.1 O romance histórico no Brasil.....	23
1.4.2 A História e o romance histórico sul-rio-grandense.....	25
1.4.3 O novo romance histórico: considerações.....	27
1.5 Uma nova perspectiva sobre o saber da História.....	29
2 O CONTEXTO POLÍTICO DA EUROPA AO BRASIL.....	31
2.1 Revolução Farroupilha.....	35
2.1.2 Nasce uma nova República.....	36
2.1.3 A Revolução Farroupilha marcha para o fim.....	37
2.1.5 A participação do negro na Revolução Farroupilha.....	39
2.1.6 A Formação da Sociedade no Período da Revolução Farroupilha.....	40
2.1.7 A Revolução Farroupilha e os Escravos.....	43
2.1.8 Os Lanceiros e a Revolução Farroupilha.....	44
2.2 A Batalha de Porongos: o ataque e a morte dos Lanceiros Negros.....	46
2.3 General Antônio de Souza Netto.....	52
3 NETTO PERDE SUA ALMA: uma releitura da revolução farroupilha.....	56
3.1 O autor.....	56
3.2 O Romance.....	57
3.2.1 A história narrada: uma análise.....	58
3.2.2 O tempo e o espaço.....	67
4 CONSIDERAÇÕES SOBRE O NARRADOR E O PERSONAGEM EM NETTO PERDE SUA ALMA.....	72
4.1 As vozes narrativas.....	75
4.2 Os personagens.....	80

4.2.1 Neto	81
4.2.2 Milonga e Caldeira	84
CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
REFERÊNCIAS	94

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo estudar a relação entre Literatura e História a partir da análise do romance histórico *Netto Perde sua Alma*, de Tabajara Ruas. O propósito de estudar essa relação é verificar como a História é interpretada pela Literatura. Neste sentido, procuramos examinar a contribuição da História para a Literatura, verificando até que ponto a História se utiliza de “ferramentas” da Literatura para registrar os fatos históricos.

Buscamos resgatar o confronto ideológico que originou a Revolução de 35 e refletimos sobre os conflitos, no Período Regencial, que desencadearam a Revolução Farroupilha, a Sabinada, a Cabanagem e a Balaiada. Além disso, procuramos analisar a presença do negro na História do Rio Grande do Sul e sua participação no 1º Corpo de Lanceiros Negros, no período da Revolução Farroupilha. Para tanto, tomamos por base os fatos históricos bem como o romance *Netto Perde sua Alma* para analisar a presença do negro na historiografia gaúcha através da Literatura.

A hipótese que norteia esse trabalho é de que a Literatura e a História se complementam. Assim como a Literatura utiliza a História como pano de fundo para construir suas narrativas, o historiador reconstrói os fatos históricos através da ficção. Além do mais, as uniões das áreas do conhecimento contribuem para o preenchimento de lacunas deixadas pelos documentos históricos. Dessa forma, a Literatura oferece ao historiador um panorama da vida, dos costumes e das relações sociais de uma determinada época. Uma visão mais ampla, mais crítica dos acontecimentos históricos. De acordo com D’Onófrío a narrativa é todo o discurso que apresenta uma história imaginária como se fosse real, constituída de uma pluralidade de personagens que têm fatos de vida entrelaçadas num tempo e num espaço.

Para a análise da figura do negro na ficção rio-grandense, especialmente na obra de Tabajara Ruas, tomamos por base os fatos históricos, e a representação do negro na Literatura. Segundo o pensador grego Aristóteles, a partir das manifestações artísticas da poesia lírica, épica e dramática, é possível estudar o personagem. O filósofo destaca a mimesis, em que define o fazer poético como uma atividade de imitação natural ao homem. “Imitar é natural ao homem desde a infância [...] Por serem naturais em nós a tendência para a imitação, a melodia e o ritmo [...] primitivamente, os mais bem dotados para eles, progredindo a pouco e pouco, fizeram nascer de suas improvisações a poesia” (ARISTÓTELES, 1992, p. 21- 22).

Com base no que já foi dito, procuramos nesse trabalho, analisar nosso objeto de estudo em quatro capítulos. No primeiro capítulo, trabalhamos a relação entre a Literatura e História.

Além disso, buscamos destacar os pontos convergentes e divergentes entre as áreas do conhecimento. Outro ponto abordado diz respeito como a Literatura poderia auxiliar na pesquisa histórica. Sandra Pesavento argumenta que apesar de a História e a Literatura apresentarem papéis diversos na construção da identidade, ambas se preocupam com a representação do mundo social. Por fim, trabalhamos com o surgimento do romance histórico. De acordo com Lukács, o romance histórico consiste em apresentar uma narrativa, cujo objetivo é a reconstrução do episódio histórico, em que o autor abdica de seu tempo e torna-se apenas uma testemunha dos acontecimentos passados, procurando pensar e agir conforme pensariam e agiriam os personagens históricos.

No segundo capítulo, discutimos o contexto político da Europa e do Brasil. Aqui abordamos as ondas revolucionárias; a vinda da família real para o Brasil; o comércio colonial; o surgimento dos partidos Liberais e Conservadores e a formação dos Estados Nacionais Brasileiros. Resgatamos algumas rebeliões provinciais no Período Regencial. Essas revoltas tinham como pano de fundo as reivindicações federalistas, por meio das quais as elites locais buscavam mais autonomia econômica e, por vezes, em alguns casos, solicitavam melhores condições sociais. Nessa conjuntura revolucionária, “nasce” a Revolução Farroupilha, um dos maiores conflitos regenciais.

O nosso objetivo em resgatar todo o panorama histórico é chegar ao foco de estudo, a Revolução Farroupilha. Porém não desejamos construir mais um trabalho sobre a Revolução de 35. Enfatizamos os Lanceiros Negros, escravos e ex-escravos que fugiram das fazendas onde trabalhavam para lutar por Igualdade e Liberdade ao lado dos revolucionários republicanos.

Por muito tempo a historiografia tradicional negligenciou a presença dos escravos na Revolução Farroupilha. Os historiadores não reconheciam a importância dos negros para a Revolução de 35. Houve um acordo entre os republicanos e os escravos de que se lutassem pela República, os negros ganhariam a liberdade quando a guerra terminasse. Porém a Paz do Ponche Verde só deu liberdade aos soldados negros que estavam ainda servindo aos revoltosos. Os escravos que eram cativos continuaram sendo maltratados pelos senhores de terras. O Império Brasileiro não tinha interesse no término da escravidão.

No terceiro capítulo, apresentamos o autor, a obra e, para entendê-la melhor, buscamos subsídios em autores como Genette, Le Goff, D’Onófrío, Ligia Leite e Aristóteles. A partir desse estudo, fizemos uma análise das categorias relacionando com o romance histórico. No quarto capítulo, foram realizadas considerações sobre o narrador e o personagem na obra *Netto Perde sua Alma*. Nesse capítulo procuramos resgatar características que demonstrem na

narrativa de *Netto Perde sua Alma*, indícios que o classifiquem como romance histórico. Além disso, trabalhamos também com a teoria do personagem de ficção e as vozes narrativas no romance.

Assim, a narrativa histórica tradicional tende a resgatar o passado de forma que se aproxime ao máximo da verdade, fazendo uma análise criteriosa dos dados pesquisados. Voltaire afirma que a “História é narração de fatos verdadeiros, ao contrário da fábula, narração de fatos fictícios.” (VOLTAIRE, 2003, p.267). Por outro lado, a narrativa Literária não tem uma preocupação com a verdade dos fatos, ou seja, a Literatura transcende o real, trabalhando com a verossimilhança dos fatos históricos. Procura ir além dos fatos e consequências e constrói paradigmas com a sociedade, impulsionando o leitor a construir suas próprias opiniões sobre o tema abordado na narrativa Literária.

Nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido

(Walter Benjamin)

1 RELAÇÃO ENTRE A LITERATURA E A HISTÓRIA

1.1 Literatura e História: pontos convergentes e divergentes entre as áreas do conhecimento

O que difere a Literatura da História? Essa pergunta gera vários debates com relação às duas áreas do conhecimento. Autores como Chartier enfatizam que a Literatura é próxima da História no momento de contextualizar o texto. E no instante de escrever os textos, pois a Literatura auxilia os historiadores na organização dos fatos históricos, isso acontece através da narrativa, esta pode ser o elo entre as áreas do conhecimento. A narrativa é um dos pontos convergentes entre a Literatura e a História, pois ambas a utilizam como ponto de partida.

A narrativa histórica tradicional busca restaurar o passado através de uma organização temporal dos acontecimentos, uma reconstituição dos fatos cronologicamente dispostos em relatos, pois o historiador tem a incumbência de interpretar, organizar e reconstruir os fatos com base nas suas experiências para depois escrever e compartilhar com o leitor. Dentro desse contexto, Trindade (2010) afirma que:

A narrativa se organiza principalmente como um discurso em episódios que acontecem mediante uma sequência de eventos e de ações. Assim a narrativa permite estruturar a experiência relacionando o mundo interior (os valores, as emoções, as intenções e os objetivos), com o mundo exterior, o presente com o passado e com o futuro. (TRINDADE, 2010, p.114).

Partindo desse pressuposto, observamos que o ato de narrar permite transcender as “barreiras” do passado, oportunizando o resgate da memória histórica através de documentos ou relatos da História da humanidade. Trindade complementa dizendo “que a narrativa tem início com a própria história da humanidade. Não existe povo sem narrativa, a comunidade se faz através da narrativa que perpetua suas lendas, suas histórias, sua cultura”. (TRINDADE, 2010, 118p.)

A História interpreta os documentos, organiza os fatos procurando reconstruir e preencher as lacunas através da narrativa. Para a História, a narrativa possibilita estabelecer

uma organização temporal dos acontecimentos. Assim, a narrativa busca restaurar o passado, aproximando-se ao máximo deste.

A narrativa histórica busca reconstruir os fatos a partir de relatos ou documentos históricos, e dentro dos mesmos reproduzir os acontecimentos a partir de uma cronologia, e dentro dela preencher as lacunas através da organização dos fatos. Essa organização é característica do Positivismo, corrente teórica que defende a ideia de que o conhecimento científico é a única forma de alcançar o conhecimento verdadeiro. De acordo com os seguidores dessa corrente, uma teoria somente pode ser considerada verdadeira caso a mesma esteja embasada em métodos científicos. Conforme Bann (1994), “A História adotou seu paradigma “científico” [...]”¹

A origem do Positivismo se baseava no cientificismo do pensamento e do estudo humano. Augusto Comte acreditava que o conhecimento científico era a base para alcançar a verdade sobre o conhecimento. Para Comte, a História estava ligada à Política, pois para se aproximar da verdade absoluta, o pesquisador necessitaria pesquisar em documentos para obter a verdade dos fatos.

Os seguidores dos ideais positivistas baseavam-se na neutralidade no instante de construir sua obra, isto é, na separação entre o pesquisador/autor. O pesquisador no momento que estiver escrevendo sobre sua pesquisa não deve mostrar opiniões e julgamentos sobre os dados pesquisados, ele retrataria de forma neutra e objetiva os fatos, sem analisá-los.

Conforme os ideais positivistas, o conhecimento se explica por si mesmo, ou seja, não há necessidade de explicá-los. Pois, o pesquisador tem a incumbência de recuperar os acontecimentos históricos através de documentos oficiais e colocá-los a exposição da sociedade.

Os ideais positivistas reduziam o homem a um coletor de informação, descaracterizando-o como um ser pensante e crítico diante da coleta das informações históricas. Para os seguidores desses ideais, a História “narraria” os acontecimentos por si só, sem precisar de um estudo mais aprofundado dos fatos.

Para os positivistas, a História assumiria o caráter de ciência pura no instante que os acontecimentos fossem descritos de forma cronológica e, por sua vez, o significado dos fatos seriam apresentados como realmente foram expressos pelos documentos. Além disso, a

¹ BANN, Stephen. **As invenções da história**: ensaios sobre a representação do passado. Tradução Flávia Villas-Boas. São Paulo: Ed. da Universidade Estadual Paulista, 1994. p.55.

História possuiria uma verdade no instante em que apresentasse uma única versão dos fatos. O saber histórico, dessa forma, se caracteriza como ciência exata.

Ao contrário dessa linha de pensamento, Febvre (1936) faz a seguinte crítica:

[...] A história era estabelecer os fatos, depois pô-los em funcionamento. Isso era verdadeiro e era claro, mas em suma, e, sobretudo a história era tecida, unicamente ou quase, de acontecimentos. [...] Pesquisar todos os textos e escolher entre eles os únicos dignos de crença; com os melhores compor um relato exato e preciso. (FEBVRE apud LIMA, 1989, p. 20).

Lucien Febvre propõem o contrário da visão positivista da História, ou *histoire événementielle*, ou seja, ir além dos fatos e acontecimentos ocorridos. A História apoiava-se na reconstrução dos fatos, para mais tarde organizá-los cronologicamente dispostos em relatos. Para Febvre, a História é interpretativa e construtiva, pois a “história é uma resposta a perguntas que o homem de hoje necessariamente se põe”.² Assim o historiador constrói a história através da interpretação das informações com base na sua época, ou seja, a estruturação das experiências do mundo interior (os valores, as emoções, as intenções e os objetivos) com o mundo exterior, o presente com o passado e com o futuro.

Ainda dentro deste âmbito do assunto, Adam Schaff, em sua obra “História e verdade”, confronta duas escolas do século XIX, que para ele ainda remetem aos dias atuais. A primeira seria o Positivismo, no qual o conhecimento histórico só é possível a partir do reflexo fiel dos fatos do passado. A segunda escola de pensadores seria o Presentismo, que tem entre seus representantes autores como: Conyers Read, Charles A. Beard, entre outros. O presentismo, ao contrário do positivismo, incita a ideia que a história seria uma projeção do pensamento (narrativa histórica) e dos interesses presente sobre o passado. A projeção do pensamento só é possível a partir do olhar do historiador contemporâneo sobre o passado, ou seja, a visão de um “pós-moderno”, que observa o “ontem” através das características de subjetividade e seletividade de um tempo distinto, e não em busca de uma única verdade.

Ao contrário das ideias do Presentismo, com relação ao papel do historiador no momento de narrar os acontecimentos históricos, encontramos os ideais do positivismo bem representados por Leopold Von Ranke, pois segundo ele, o historiador não dá vazão aos seus pensamentos. Ao contrário, o que incumbe a ele não é a apreciação do passado, tampouco a

² Febvre. Disponível em: http://pt.wikiquote.org/wiki/Lucien_Febvre. Acesso em: 21 de abr. de 2013.

instrução dos seus contemporâneos, mas apenas dar conta do que realmente se passou, o chamado *wie es eigentlich gewesen*³.

A partir dessas duas linhas de pensamentos, observamos que o historiador possui dois papéis diferentes e distintos no momento de narrar os fatos históricos. No Presentismo, o historiador não tem uma preocupação em buscar uma única verdade, pois por encontrar-se em um tempo diferente ao estudado, ele tem a consciência que são possíveis verdades a serem construídas em meio a tantas outras plausíveis.

Nesse momento há uma “distância crítica” entre um leitor/receptor e o que é narrado pelo historiador, pois nessa linha de pensamento não há uma verdade absoluta, mas sim possíveis interpretações de um mesmo fato histórico. Nesse momento, surgiu a valorização de dois tempos distintos: a) o tempo da produção, revestido de subjetividade, isto é, o tempo da escrita do fato histórico; b) o tempo da recepção, ou seja, o tempo em que o acontecimento já foi reconstruindo e está sendo recebido por seus leitores/receptores.

Na outra extremidade, encontramos o positivismo, que, ao contrário dos ideais do Presentismo, não concebe a ideia de que a História possui múltiplas interpretações. O pensamento positivista não aceita a dependência entre o historiador e objeto do conhecimento, ou seja, a história como *res gestae*⁴. Os positivistas procuravam legitimar os fatos históricos através de documentos autenticados pelo Estado.

Para os positivistas, o historiador deve manter uma imparcialidade perante a sua pesquisa, pois precisa ser neutro na análise dos documentos históricos. Em outras palavras, o historiador não deve criticar ou desconstruir os dados descritos nos documentos, pois esses fatos seriam verdades absolutas dos acontecimentos passados.

Para Schaff, “o historiador não parte dos fatos, mas dos materiais, das fontes, no sentido mais extenso deste tempo, com a ajuda dos quais constrói o que chamamos fatos históricos” (SCHAFF, 1995, p.307), ou seja, o historiador utilizará os registros históricos como sustentação teórica para suas pesquisas, porém o embasamento teórico será utilizado como fonte de pesquisa e não um instrumento em busca da verdade absoluta. Neste sentido, o

³ “Como realmente aconteceu.” BANN, Stephen. **As invenções da história**: ensaios sobre a representação do passado. Tradução Flávia Villas-Boas. São Paulo: Ed. da Universidade Estadual Paulista, 1994. p.55.

⁴ O termo significa resgate dos próprios fatos ou a totalidade deles, em latim historia *res gestae*. BANN, Stephen. **As invenções da história**: ensaios sobre a representação do passado. Tradução Flávia Villas-Boas. São Paulo: Ed. da Universidade Estadual Paulista, 1994. p.55.

historiador rompe com a busca pela verdade absoluta dos fatos para trabalhar com a verossimilhança⁵ dos acontecimentos.

Por outro lado, o Presentismo argumenta que a narrativa literária não se preocupa em resgatar o passado e nem se aproximar deste para consolidar-se como ciência social. A narrativa na Literatura possibilita a transgressão no processo da escrita, ou seja, ela reconstrói o passado na proporção necessária para justificar um fato ficcional, isto é, não há um vínculo com a verdade, mas sim uma aproximação dos fatos sucedidos.

Porém, a narrativa literária se aproxima da narrativa histórica, no instante em que há uma preocupação em aproximar o receptor da obra ao fato narrado. Essa aproximação não é temporal, mas uma identificação do leitor com a narrativa literária. Entretanto, nesta identificação por parte de um leitor/receptor, haverá uma distinção da narrativa histórica, a qual não há uma necessidade desta identificação seja atrativa para o leitor.

Novamente, a Literatura distingue-se da História, no instante em que a primeira não tem nenhum compromisso com a verdade e nem reconstruir uma realidade para que seja válida aos olhos dos seus leitores. A segunda, ao contrário, necessita como via de regra, confirmar a existência, tanto do homem em si quanto de um fato histórico, de uma nação, de um povo.

Além do mais, a Literatura permite ao escritor expor problemas da sociedade em que ele vive ou viveu. Questionar comportamentos sociais e estéticos de uma época, de uma geração ou de um país. A Literatura não existe fora das letras, pois seus personagens são fictícios, por isso, torna-se uma categoria narrativa, um elemento textual. Em outras palavras, por mais que os seus personagens imitem e representem as pessoas, tendo elas como fonte de inspiração para construir um personagem, mesmo assim, esses personagens só existem no mundo ficcional, mas existem.

No instante em que a imaginação atua, ainda que sutilmente, por exemplo, em uma obra biográfica, aquela pessoa aludida não é a mesma pessoa retratada na obra, pois o escritor ao descrevê-la acaba por idealizá-la, rompendo com verdades sobre a vida dessa pessoa. O leitor visualiza a pessoa pelo olhar do escritor. Ao contrário do escritor literário, o historiador não constrói um personagem, ele busca com base na documentação e fragmentos deixados pelas civilizações passadas, vestígios científicos que possam ser usados para descrever a sociedades, os costumes e os hábitos da civilização estudada.

⁵ “Do Latim veri, verdade, similis, semelhante à.” CEIA, Carlos. E-Dicionário de termos literários. Disponível em: http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=14&Itemid=2. Acessado em: 23 de março de 2013.

Assim, temos duas vertentes para estudar o passado: a História que busca aproximar-se da verdade com relação aos acontecimentos, procurando trazer ao leitor e a sociedade uma descrição mais próxima da realidade vivida pelos seus antepassados. E a Literatura, que reconstrói fatos históricos utilizando-se de mecanismos interpretativos e ficcionais.

1.2 A Literatura como fonte da pesquisa histórica

Em seu artigo, *Relação entre História e Literatura e representação das identidades urbanas no Brasil (século XIX e XX)*, Sandra Pesavento, argumenta que “apesar da História e da Literatura apresentarem papéis diversos na construção da identidade⁶, ambas se preocupam com a representação do mundo social.” (p.115). Para a autora, o que se deve entender então, é o conceito de representação que torna possível esse novo olhar sobre as fontes, incluindo aí a literatura como mais uma fonte histórica,

[...] a ficção não seria [...] o avesso do real, mas uma outra forma de captá-la, onde os limites da criação e fantasia são mais amplos do que aqueles permitidos ao historiador [...]. Para o historiador a literatura continua a ser um documento ou fonte, mas o que há para ler nela é a representação que ela comporta [...] o que nela se resgata é a re-apresentação do mundo que comporta a forma narrativa. (PESAVENTO, 1995. p. 115).

Reforçando a ideia de Pesavento, Helena Bomeny, em seu artigo, intitulado *Encontro Suspeito: História e Ficção*, exprime que tanto a História como a ficção assemelham-se à medida que ambas são narrativas de eventos e ações. Porém, divergem no momento em que captam a representação da realidade. Segundo Bomeny (1990): [...] “para a história, tanto a estrutura da narrativa como seus detalhes são representações da realidade passada. [...] Fundamentalmente pretende que a narrativa seja uma representação verdadeira [...], a ficção não tem essa pretensão.” Novamente a Literatura e a História, assemelham-se no momento em que ambas almejam representar um fato do passado.

A Literatura e a História também se aproximam através da representação dos fatos. Para Chartier (1990), “o conceito de representação deve ser entendido como um instrumento de um conhecimento mediador que faz ver um objeto ausente através da substituição por uma imagem capaz de reconstituir em memória e de figurar como ele é”.

Chartier (1990) analisa esse conceito através da transposição do conhecimento, partindo da ideia de que todo conhecimento empírico é usado para substituir as lacunas deixadas no

⁶ Como identidade Pesavento entende: (...) “um processo ao mesmo tempo pessoal e coletivo, onde cada indivíduo se define com relação a um ‘nós’, que, por sua vez, se diferencia dos outros”. p. 115.

estudo de um objeto. Isso só é possível porque o ser humano é capaz de representar a si mesmo e explicar suas ações de acordo com suas representações. Petersen (1999) reforça o conceito de representação afirmando,

[...] tem-se que homens e mulheres constroem representações de si mesmos e explicam suas práticas de acordo com tais representações. Dessa forma, numa sociedade patriarcal, as referidas práticas determinam atitudes de dominação / submissão. A sociedade através da família e depois através de outros canais (escola, religião, meios de comunicação), introjeta nos indivíduos as representações geradoras de atitudes e comportamentos que se mantêm ao longo de suas vidas. (BOURDIEU apud PETERSEN, 1999, p. 8-9).

Pesavento (2004) afirma que tanto “a História quanto a Literatura são formas de explicar o presente, inventar o passado e imaginar o futuro.” Para a autora, há várias semelhanças e aproximações entre a Literatura e a História, pois “ambas são formas de representar inquietudes e questões que movimentam os homens em cada época de sua história.” A Literatura e a História vão se diferenciar na medida em que a “invenção do passado” pela História tem como base a busca pela verdade e pelos fatos reais dos acontecimentos históricos, enquanto a Literatura não tem essa preocupação com a verdade. Pesavento continua:

A Literatura permite o acesso à sintonia fina ou ao clima de uma época, ao modo pelo qual as pessoas pensavam o mundo, a si próprias, quais os valores que guiavam seus passos, quais os preconceitos, medos e sonhos. Ela dá a ver sensibilidades, perfis, valores, Ela representa o real, ela é fonte privilegiada para a leitura do imaginário. [...] Para além das disposições legais ou de códigos de etiquetas de uma sociedade, é a literatura que fornece os indícios para pensar como e porque as pessoas agiam desta e daquela forma. (PESAVENTO, 2004, p.80-81).

A linha que separa a Literatura da História é muito tênue, porém é importante salientar que a Literatura é uma fonte de pesquisa para os historiadores, pois permite a ele diferentes visões sobre o objeto de estudo. Além do mais, a Literatura pode orientar o historiador para analisar outras fontes de pesquisas, onde ele possa transgredir as barreiras do real e ousar no imaginário, este por sua vez, contribuirá para que o pesquisador ande por outros documentos além dos vestígios deixados pelos antepassados.

Para Pesavento (1998), a literatura é uma fonte de pesquisa histórica, pois o historiador ao levantar seus olhos das fontes de pesquisa tradicionais, e olhar sem preconceito para dentro de uma obra literária, ele como pesquisador vai encontrar representações de mundo presentes nela. “Para o historiador a literatura continua a ser documento ou fonte, mas o que há para ler nela é a representação que ela comporta”. (PESAVENTO , 1998, p.22). O historiador ao

pesquisar em uma obra literária, depara-se com engajamentos políticos, contextualizações e conceitos, pois o escritor ao formular um texto literário faz seleções e pesquisas sobre o tema abordado.

Conforme Pesavento (2006), a Literatura a História também é uma narrativa, ambas utilizam o real como referência, a partir dele podem confirmá-lo ou negá-lo, ou construir sobre o mesmo uma versão nova dos fatos. Como narrativas, são representações da vida e da sociedade a qual estão inseridas.

1.3 Um novo olhar sobre a História e a Literatura: o real e o ficcional

Ao longo deste capítulo buscamos argumentar sobre as relações entre a Literatura e a História. Essa discussão sobre os campos de atuação da Literatura e da História é uma questão proposta desde a Grécia Antiga.

Quando pensamos na palavra “História”, logo a associamos a acontecimentos históricos, ao registro escrito ou oral da sociedade em foco. Por outro lado, a “Literatura”, designa a produção de textos ficcionais, bem como o estudo e a análise de fenômenos sociais de uma determinada época. Ao confrontar as duas áreas do conhecimento, observam-se dois aspectos essenciais que tornam a determinação de seus campos de atuação. O primeiro utiliza de fatos históricos para a construção de narrativas literárias e o segundo se apropria de um instrumento da Literatura – o discurso.

Assim como a História se apropria do discurso para reconstruir sua narrativa sobre a história da humanidade, os textos literários, por sua vez, são textos históricos, pois partimos do pressuposto que quem escreveu estava embasado historicamente, utilizando representações históricas para construir seu texto literário. Por isso, podemos dizer que as narrativas literárias possuem contextos históricos.

Hutcheon (1991) insiste na importância de estudarmos as relações entre a Ficção e a História, ao dizer que as “questões que giram em torno da natureza da identidade e da subjetividade: a questão da referência da representação; a natureza intertextual do passado; e as implicações ideológicas do ato de escrever sobre a história”. (p. 156). A autora reafirma a importância da relação entre História e Ficção dizendo,

Naturalmente, a história e a ficção sempre foram conhecidas como gêneros permeáveis. [...] Não surpreende que tenha havido coincidências de preocupações e até influências recíprocas entre os dois gêneros. No século XVII, o núcleo desses

pontos em comum em termos de preocupação inclinava-se a ser a relação entre a ética (não factuality) e a verdade na narrativa. (HUTCHEON, 1991, p. 143).

Observamos nas palavras da autora que as fronteiras entre Ficção e História estão cada vez mais estreitas, visto ainda nas palavras dela, “que a escrita pós-moderna da história e da literatura nos ensinou é que a Ficção e a História são discursos, que ambas constituem sistemas de significação pelos quais damos sentido ao passado”. (HUTCHEON, 1991, p. 122).

Nesse momento, Hutcheon (1991), define o conceito de “metaficção historiográfica, o qual se refere a obras de ficção pós-modernas que partem de um fato histórico para a sua ficcionalização e re-interpretação”. A metaficção historiográfica refutará o senso comum para distinguir entre fato histórico e ficção, recusando a visão de que apenas a História tem pretensão à verdade, desta forma, o discurso histórico não oferece mais explicações para os fatos do passado e, sim, possíveis interpretações. Esta "des-totalização" da História ocorrerá por meio de uma revisão da versão oficial do acontecimento histórico para recontá-lo.

Hutcheon (1991) retoma a ideia da “escola francesa dos Annales, a qual propõe a refocalização do objeto de estudo da História, não mais a entendendo como relato sobre reis, guerras e heróis, mas como estudo de objetos sociais, culturais e econômicos”. Segundo a autora essa refocalização da historiografia “coincidiu com a reorientação dada pelo feminismo ao método histórico, no sentido de enfatizar o passado dos ex-cêntricos, anteriormente excluídos (as mulheres – mas também a classe trabalhadora, os gays, as minorias étnicas e raciais etc.)”. (HUTCHEON, 1991, p. 130). A Literatura pode estimular a historiografia, recontando a história dos esquecidos, dos quais a História deixou de escrever.

1.4 A O Romance Histórico: origem

O romance histórico é a hibridização entre a narrativa literária e o discurso histórico. Marinho (1999) argumenta que, “trata-se de um gênero híbrido, na medida em que é próprio da sua essência a conjugação da ficcionalidade inerente ao romance e de uma certa verdade, apanágio do discurso da História”. (MARINHO, 1999, p. 12). O romance histórico, ao contrário da História, não tem um compromisso com a verdade, o romantismo, portanto, busca a verossimilhança dos acontecimentos históricos, procurando criar verdades possíveis.

Lukács (2000), afirma que esse modelo de narrativa surgiu na Europa no século XIX, quando mudanças políticas como a Revolução Francesa e a ascensão e queda de Napoleão permitiram o nascimento desse subgênero numa tentativa de resgatar a História esquecida.

No entanto, desde a Antiguidade Clássica, a ficção e a realidade fazem parte da História. Por exemplo, a epopéia cantada pelo rapsodo mesclando o real e o imaginário, o humano e o divino, a sociedade e o indivíduo, ou seja, construíam seus textos misturando acontecimentos reais com fatos mitológicos. Para evidenciar essa mescla entre ficção e realidade, Peter Burke argumenta que,

Na Antiguidade Clássica, a invenção de discursos pelos historiadores que afirmavam dizer a verdade não era considerada prática ética. Em outras palavras, escritores gregos e seus públicos não colocavam a linha divisória entre a história e ficção no mesmo lugar em que os historiadores a colocam hoje (ou foi ontem?). (BURKE, 1997, p.108).

Burke reafirma a ideia de que na Grécia antiga não havia distinção entre História e ficção. A interpretação dos acontecimentos ficava a critério do escritor ou do leitor. Porém Aristóteles, pensador da Grécia Antiga, não concordava com essa falta de divisão entre a ficção e a História, ele propunha que a poesia fosse mais filosófica e mais elevada do que a História. Para o pensador, a História tem por objeto o dado concreto e inscreve-se no domínio da realidade efetiva da experiência empiricamente verificável. Por sua vez, a Poesia, é definida como uma realidade demarcada do mundo objetivo e transportada para o reino do possível: "Não é obra de um poeta dizer o que aconteceu, mas o que poderia acontecer, e o que é possível acontecer, segundo o que é verossímil e necessário" (ARISTÓTELES, 1992, p. 252).

Para Aristóteles (1992), a ficção surge no território da verossimilhança (*mimesis*), ou seja, daquilo que, sem ser real, é possível de se crer que tenha ou possa ter acontecido. O verossímil não é mais, portanto, que uma analogia do verdadeiro, e por isso pode-se dizer que a ficção é a capacidade de fazer-se crer, propiciando que o artifício seja tomado como um testemunho autêntico sobre a realidade e a vida.

Na obra *A razão na história*, Georg Hegel (2001) discute a relação entre Literatura e História no sentido de que o poeta pode interagir com a história, concluindo que a ficção é mais significativa que esta, pois constrói um universo funcional. Para o autor, a ficção pode chegar à substância mais íntima de um acontecimento, o que não pode ser alcançado pela História, que está comprometida com as classes dominantes. A Literatura, por não ter um comprometimento com as classes dominantes, possui uma liberdade de conseguir captar a

essência do deserto a partir de um pequeno grão de areia, ao contrário da História que se prende a fatos específicos de uma determinada época ou sociedade.

As fronteiras entre a ficção e a História se estreitam ainda mais no período da Idade Média, pois, assim como na Grécia Antiga, os acontecimentos da humanidade se misturavam com as crenças religiosas e com o domínio da Igreja sobre a arte. No campo da Filosofia, podemos destacar a escolástica (linha filosófica de base cristã), representada por São Tomás de Aquino.

Em meados do século XVII e XVIII, na Europa, na França e principalmente na Inglaterra, houve a expansão do romance enquanto gênero literário, assim como da historiografia. Isto só foi possível a partir da “crise da consciência histórica”, que foi um “debate” sobre a importância de se conhecer o passado e como transcrevê-lo para dentro da ficção. Burke afirma que muitos dos romances que tinham como característica a relação ficção e História, “prendiam-se aos fatos reais e sentiam-se no direito de apenas criar ou modificar personagens menores da História”. (BURKE, 1997, p.10).

Durante o Renascimento, houve uma necessidade de olhar com mais afinco os acontecimentos do passado. O Renascimento juntamente com o século seguinte se preocupou com o real e com isso, houve uma ruptura na relação historiografia e ficção. Edgar de Decca analisa esta ruptura afirmando:

Do lado da historiografia, a ciência com suas pretensões de objetividade na apreensão do real, do lado do romance, ao contrário, a subjetividade e a imaginação. Mas, este distanciamento não se realizou de maneira tão abrupta como poderíamos imaginar. (DECCA, 1997, p. 198).

O Romantismo terá seu apogeu no século XIX, quando houve um fortalecimento da identidade nacional. Esta busca pela identidade nacional nasceu no momento de profundas transformações político-sociais na Europa:

Trata-se de um momento no qual tanto os defensores da restauração quanto os que procuram manter vivos os ideais da revolução burguesa revelam uma consciência histórica crescente e buscam fazer grandes interpretações do passado, seja para idealizar a Idade Média, em contraponto com as contradições e conflitos do período revolucionário, seja para dar ênfase ao progresso humano, ressaltando como passo decisivo a revolução francesa. (FIGUEIREDO, 1997, p. 1).

A partir da Revolução Francesa e das guerras napoleônicas, há um fortalecimento pela reconstrução dos costumes, da fala e das instituições do passado. Nesse momento, a ficção ultrapassa as barreiras do ficcional, para retratar o sentimento nacionalista e a valorização à

pátria. “Afiml, o ideal romântico pregava a observação e a valorização da pátria como expressão do nacionalismo então vigente”. (REIS, 1998, p. 236-237).

1.4.1 O romance histórico no Brasil

No Brasil, o romance histórico serviu para reconstruir os acontecimentos históricos, resgatar personagens da nossa História, numa revalorização do nacionalismo e a idealização de nosso passado. Candido afirma que o escritor “vibra com a pátria e se irmana com a humanidade”. (CANDIDO, 1976, p. 204). O romance histórico no Brasil assumiu as características da Europa, ou seja, a valorização da pátria, a exaltação ao nacionalismo. Aqui no Brasil, isso só foi possível a partir do apoio do imperador D. Pedro II para consolidar a cultura nacional, pois o resgate do nosso passado e o interesse pela nossa História levou os escritores a substituir as epopéias pelos poemas políticos e o romance histórico:

Dizendo-se sempre herdeiro da tradição e da memória coletiva do povo, o romance histórico desenvolveu-se junto com uma historiografia de exaltação nacional a partir das primeiras décadas do século XIX, e ambos predominaram no cenário cultural brasileiro até a década de 60 deste século [XX]. Utilizando-se dos elementos ficcionais da memória coletiva, que são as lendas, canções, poemas, ritos religiosos, o romance histórico reelabora seus conteúdos e os inscreve na ordem do tempo histórico, cronológico e linear. (DECCA, 1997, p.205).

Nessa linha, os autores mais importantes foram José de Alencar, *As Minas de Prata, A guerra dos Mascates*; Bernardo Guimarães, *Lendas e Romances, Histórias e Tradições da Província de Minas Gerais*; Franklin Távora, *O Matuto, Lourenço*. Dentre esses autores, José de Alencar foi o escritor que melhor expressou em seus livros o *caráter nacional*, pois, juntamente com seus ideais românticos, buscou na idealização da pátria e a valorização dessa, como afirma Valério De Marcos, José de Alencar propôs o romance como gênero da modernidade mais eficaz para descobrir, fazer e escrever a História. (DE MARCOS, 1993, apud DECCA, 1997, p. 205).

O romance histórico no Brasil eclodiu com o processo de Independência e com a emancipação política. A partir deste movimento, surgiu o sentimento de nacionalismo e a liberdade literária, o romance e por consequência, o romance histórico.

Para Figueiredo, a América Latina, nesse momento, procura “elipsar os traumas da conquista ibérica” (FIGUEIREDO, 1997, p.2) ao criar novas imagens para idealizar e esquecer o processo de colonização. Ortiz (1994) argumenta que “a construção da memória nacional se realiza através do esquecimento. Ela é o resultado de uma amnésia seletiva. Esquecer significa

confirmar determinadas lembranças, apagando o rastro de outros, mais incomodas e menos consensuais.” (ORTIZ, 1994, p.139).

Nessa busca por reconstruir uma memória nacional, os escritores do Romantismo Brasileiro elencaram o índio como expressão do nacional e representante do nacionalismo. Existe uma necessidade de um representante daquele que seria o herói nacional. O branco não poderia ter essa função simbólica, pois lembrava o português colonizador; o negro, por ser estrangeiro e escravo, não reunia condições necessárias ao papel de herói, restava a figura do índio, que ainda não fora corrompido pela sociedade e que já existia no Brasil antes da chegada dos portugueses.

Conforme Ribeiro, “influenciados pelo ‘nacionalismo’ os escritores do romantismo brasileiro adentraram-se pelo ‘indianismo’, época em que o fermento nacionalista se extravasava, daí ter cada poeta ou escritor louvado em seu país o que havia de genuinamente nacional, patriótico.” (RIBEIRO, 1976, p.11).

Os escritores brasileiros procuravam ressaltar em suas obras o *caráter puramente nacional* com os heróis do passado e os aspectos da História. A preocupação desses escritores era resgatar e reconstruir a História nacional. A partir desse momento, os romances históricos foram produzidos com a finalidade de ressaltar o nacionalismo e recontar a História. Segundo Ribeiro, “o mesmo sentimento nacionalista que empurrou os escritores e poetas para o indianismo os impulsionou também a escrever ‘romances históricos’, onde os nossos quadros da história pátria e os nossos heróis fossem decantados e exaltados.” (RIBEIRO, 1976, p.17). A mentalidade histórica do século XIX se caracterizou pela exaltação ao patriotismo, cultura nacional. Além do mais, os escritores brasileiros tinham a necessidade de expressar a liberdade recém conquistada.

Nas décadas seguintes, os escritores brasileiros romperam com os acontecimentos do passado e as tendências colonizadoras. Autores como Mario de Andrade e Oswald de Andrade suplantaram as bases do romance histórico tradicional, para fundar o Modernismo brasileiro.

O romance histórico, no Brasil, volta a ganhar força no período da ditadura militar, no instante em que os escritores buscavam retomar a cultura nacional, “por meio de uma volta às vezes crítica e às vezes nostálgica ao passado.” (PELLEGRINI, 1999, p. 115). A retomada da cultura nacional direciona os escritores a escrever sob narrativa policial, fatos políticos e abordagem histórica. É o caso dos livros, *Agosto*, de Rubem Fonseca, que expõe os acontecimentos políticos que levaram Getúlio Vargas ao suicídio; *Olga*, de Fernando Morais

que retrata a história da esposa de Luís Carlos Prestes, entregue aos alemães nazistas pelo governo de Getúlio.

1.4.2 A História e o romance histórico sul-rio-grandense

O romance sul-riograndense tem suas bases fortalecidas no nacionalismo e, na reconstrução dos acontecimentos históricos. Obedece a uma temporalidade cronológica, a fim de marcar um fato histórico específico e relevante de determinada região. A Guerra dos Farrapos é um exemplo, pois se tornou um cenário fértil para muitos romances históricos como: *O Vaqueiro* (1872), de Apolinário Porto Alegre, *Os Farrapos* (1877), de Luis Alves de Oliveira Bello. Mais recentemente podemos citar: *A Casa das Sete Mulheres* (2002), de Leticia Wierzchowski, que auxilia na composição do painel sob a Revolução Farroupilha no Rio Grande Do Sul. Temos também *Netto perde sua alma* (1995), de Tabajara Ruas, que é o nosso objeto de análise da presente dissertação, no qual o escritor constrói uma narrativa que se ocupa, de um lado, com o episódio da Revolução Farroupilha; de outro, com a Guerra do Paraguai.

Para melhor entendermos o romance histórico sul-rio-grandense, retomaremos alguns conceitos já abordados ao longo deste trabalho. Georg Lukács argumenta que somente a partir da revolução burguesa e da dominação napoleônica o sentimento nacional se torna propriedade das massas. Com a Revolução Francesa, houve uma transformação na consciência do ser humano. Esses fatos foram os responsáveis pelos embasamentos da criação do romance histórico tradicional.

De acordo com Lukács, o romance histórico consiste em apresentar uma narrativa, cujo objetivo é a reconstrução do episódio histórico, em que o autor abdica de seu tempo e torna-se apenas uma testemunha dos acontecimentos passados, procurando pensar e agir conforme pensariam e agiriam os personagens históricos. Para Lukács, a característica principal do gênero é a representação humana quase real dos tipos histórico-sociais que se revelam claramente nas grandes correntes históricas e que ainda não haviam sido criadas com tanta grandeza, nitidez e precisão. A grande contribuição desse gênero foi o surgimento de um novo papel, ou seja, a representação do ser humano na História.

Paul Ricoeur reafirma dizendo que “a história se serve, de algum modo, da ficção para revigorar o tempo e, por outro lado, a ficção se vale da História com o mesmo objetivo.” (RICOUER, 1994, p.317). O autor declara que toda a ficção é quase histórica uma vez que a História, ao ser narrada, já pertence ao passado. No entanto, se a ficção é quase histórica,

podemos dizer que a história é quase fictícia, pois utiliza da narrativa para construir os seus textos. Conforme Hanciau “a história é quase fictícia porque, ao ser apresentada através de uma narrativa animada, faz com que a questão do passado seja esquecida, já a narrativa ficcional é tida como quase histórica.” (HANCIAU apud RICOUER, 2000, p. 77). Para o autor, a História se torna quase ficcional pela necessidade que o historiador tem de colocá-la em uma narrativa que se torne viva para o leitor, à medida que os acontecimentos por ela narrados são feitos passados para a voz narrativa e considerados presentes para o leitor.

Compreende-se que o romance histórico mostra as grandes transformações da vida de uma sociedade. O ponto de partida, para essas transformações, é a exposição da vida cotidiana de uma determinada população ou sociedade através de mudanças materiais e psíquicas geradas pelos feitos históricos. As transformações humanas, em meios acontecimentos históricos, são fontes primordiais para o romance histórico, pois os argumentos e os temas se tornam reais em função dessas transformações.

De acordo com as características já mencionadas sobre o romance histórico, podemos dizer que o objetivo desse gênero é apropriar-se dos episódios históricos, com a finalidade de reconstruir uma determinada fase da história. Desde a publicação de *A divina pastora (1847)*⁷, de Caldre e Fião⁸, é que a Revolução Farroupilha serve de pano de fundo para a Literatura sul-rio-grandense,

[...] será a geração dos filhos da guerra a responsável pela invenção do gaúcho literário, pela reivindicação nele implícita do direito à particularidades e à diferença, pela formulação de um sentimento localista muito forte – até hoje presente, em vários níveis e de maneira às vezes esquisitas, como na postulação da independência do Rio Grande do Sul. (FISCHER, 2004 apud TORRESINE, 2007, p. 39).

A autora ressalta a importância do tema para o desenvolvimento da literatura sul-rio-grandense, pois a guerra dos farrapos entusiasmou muitos escritores no âmbito literário. A Revolução Farroupilha ainda é utilizada como pano de fundo para muitos escritores, ou seja, assim como ocorre no roteiro de um filme, a História pode ter várias interpretações diferentes acerca de um determinado tema.

⁷ ZILBERMAN, Regina; MOREIRA, Maria Eunice; ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de (orgs.). Pequeno Dicionário da Literatura do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Novo Século, 1999, p. 44.

⁸ Considerado o criador do romance no Rio Grande do Sul, segundo Guilhermino César in: CÉSAR, Guilhermino. História da Literatura do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Globo, 1971, p. 141.

1.4.3 O novo romance histórico: considerações

De acordo com Fátima (1999), durante o século XX, o romance sofre profundas modificações a partir da incorporação de novas técnicas no processo de construção da narrativa. Há uma preocupação com a exploração do psicológico e com a mentalidade relativa às épocas passadas. A partir de 1979, novas características são conferidas ao romance histórico tradicional, e esse é denominado, a partir de então, de “novo romance histórico”.

O novo romance histórico tem por característica abdicar de seu tempo para tentar reconstruir através da ficção o episódio histórico de uma determinada sociedade humana. O que importa neste gênero é a liberdade do autor de reinterpretar a história, ou seja, poder fazer projeções, deformar, criar ou suprimir acontecimentos históricos, uma vez que o olhar lançado sobre a História é subjetivo e ideológico com vistas à produção literária e não à documentária.

Além disso, tem como objetivo apresentar outras perspectivas para a narrativa histórica. Esse redimensionamento da narrativa propicia a construção de diferentes versões dos acontecimentos históricos, tendo em vista a identificação com a realidade. Esse dimensionamento originou uma literatura que revisou o passado histórico no seu devido espaço e tempo, objetivando reinterpretá-lo. Essa forma de tomada de consciência está relacionada ao reconhecimento de que a História se faz como discurso, em que a capacidade de construção de imagens através da narração é um importante mecanismo de construção da história, e, conseqüentemente, da construção das identidades.

Outra característica que este procura trabalhar são as múltiplas variedades temporais que caracteriza a sociedade humana, pondo em xeque o discurso oficial a fim de contemplar a realidade multifacetada do mundo. Ao invés do tempo cronológico, esse gênero trabalha com o tempo circular, ou seja, o tempo fictício se mistura com as várias concepções de tempo. Dessa forma, a História não é considerada uma verdade absoluta, pois a verdade histórica sofre uma relativização de acordo com o olhar do escritor sobre a história oficial. O novo romance histórico possui a capacidade de romper conceitos e verdades consideradas absolutas e de oferecer uma multiplicidade no significado histórico.

O novo romance histórico trabalha com o real e, com o ceticismo frente às verdades absolutas, com a finalidade de transformá-las em uma temática ficcional, dando ênfase à vida cotidiana dos personagens históricos que, nessa perspectiva, mostram-se mais humanos e menos idealizados. O surgimento do novo romance histórico advém de uma necessidade de fazer uma releitura da História.

Conforme Menton (1993), a diferença fundamental entre o novo romance histórico e o romance histórico tradicional consiste no fato de o escritor, ao lembrar o acontecimento histórico, não abrir mão de critérios atuais, pois, o romancista não tem nenhum compromisso com a verdade histórica, podendo criar ou suprimir episódios, haja vista que a sua preocupação é, via de regra, essencialmente estética.

Em outras palavras, o novo romance histórico visa reconstruir os fatos do passado através de um conjunto de princípios filosóficos e estilísticos que torna os sentidos e os conceitos do discurso oficial relativo e múltiplo, enquanto que o romance histórico tradicional busca reconstituir positivamente o passado.

Dentro da conjuntura do novo romance histórico, a narrativa *Netto Perde sua Alma* apresenta um narrador que não renuncia a seu próprio tempo, já que não desempenha um papel passivo de simples observador, nem tenta reconstruir a História da mesma forma que um historiador o faria. Nessa obra, o narrador através do onírico, rememora os acontecimentos históricos sobre a Revolução Farroupilha. Propondo reflexões éticas e morais sobre o protagonista da Revolução Farroupilha em conformidade com o novo romance histórico.

Na obra de Tabajara Ruas, o principal personagem histórico – Antônio de Sousa Netto – apresenta características humanas e não apenas míticas, como no romance histórico tradicional. Essa afirmação pode ser constatada, quando Netto “vem rastejando nessa gosma escura e pegajosa que se gruda a seu corpo, vem rastejando nessa geléia fétida que entra pela roupa e pelas botas, que lhe invade a boca e os ouvidos, que o cega e o afoga e o torna vulnerável e infeliz e quase o faz pedir por socorro”.⁹

Entretanto, ao mesmo tempo no romance *Netto Perde sua Alma*, encontraremos passagens que vão mitificar a Guerra dos Farrapos e seus personagens, transformados em heróis. Em um trecho de uma carta mandada por Garibaldi anos após a Revolução para o General Netto, pode-se ver claramente a mitificação dos guerreiros da revolução; “Eu vi batalhas mais disputadas, mas nunca vi em nenhuma parte homens mais valentes nem cavaleiros mais brilhantes que os da cavalaria rio-grandense, em cujas fileiras comecei a desprezar o perigo e combater dignamente pela causa sagrada das gentes”¹⁰.

Ao analisar a relação Literatura e História, é necessário firmar a questão do romance histórico como representação de uma realidade em uma determinada época. O ato de

⁹ RUAS, Tabajara. **Netto Perde sua Alma**. 3.ed. Rio de Janeiro: Record, 2005. p. 21.

¹⁰ RUAS, Tabajara. **Netto Perde sua Alma**. 3.ed. Rio de Janeiro: Record, 2005. p. 39.

escrever já constitui um processo histórico, pois, todo romance é um produto histórico porque tem por objetivo apropriar-se de determinados episódios históricos de uma sociedade para compor a sua narrativa. O romance histórico corresponde àquelas experiências que têm por objetivo explícito promover uma apropriação de fatos históricos definidores de uma fase da História de determinada comunidade humana.

De acordo com Baumgarten (1999), o romance histórico tem por fim promover uma apropriação de determinados fatos históricos constantes na História, incluindo a formação e a afirmação identitária. Através da História, a humanidade demonstrou suas ações de formas diversas. E o papel da História e da Literatura é revelar essa realidade através da confluência entre ciência e arte.

1.5 Uma nova perspectiva sobre o saber da História

Pensar em questionar a relação entre Literatura e História, só foi possível a partir do século XX. Essa época foi marcada pela redefinição epistemológica da ciência social, principalmente para a História. A redefinição epistemológica separou o campo do social do campo do natural. As ciências sociais constituem o campo da indeterminação, pois o ser humano nasce dotado de vontade, liberdade e poder de escolha, mesmo sob as mais duras condições de existência e sob as condições estruturais mais impositivas. Já o campo das ciências naturais seria objeto do conhecimento positivo, da determinação.

A filosofia até então era legitimadora do saber histórico como “metanarrativa”¹¹, por sua vez, os historiadores precisavam ultrapassar uma “história-narração”¹². A História não poderia ser uma narração de um indivíduo que podia dizer “eu vi, eu senti” (LE GOFF, 2003, p.138), ou seja, a História não poderia basear-se somente no testemunho do ser humano, precisaria ir além de suas fronteiras. De acordo com Kramer,

Ao mesmo tempo, porém, grande parte da renovação intelectual entre os historiadores modernos resultou de sua disposição a recorrer a outras disciplinas acadêmicas em busca de insights teóricos metodológicos, o que a uma expansão e redefinição política da historiografia tradicional. (KRAMER, 1992, p.131).

¹¹ “A metanarrativa assume o sentido de uma grande narrativa, uma narrativa de nível superior capaz de explicar todo o conhecimento existente ou capaz de representar uma verdade absoluta sobre o universo.” BANN, Stephen. **As invenções da história**: ensaios sobre a representação do passado. Tradução Flávia Villas-Boas. São Paulo: Ed. da Universidade Estadual Paulista, 1994. p.60.

¹² “A história narrativa é entendida no modelo de história rankiano, onde a preocupação estava em narrar os fatos tal como eles ocorreram.” LIMA, Luiz Costa. *A aguarrás do tempo: estudos sobre a narrativa*. Rio de Janeiro: Rocco, 1989. p.20-40.

O autor reforça a ideia de que, depois da crise, ou “morte dos centros”, a História estabeleceu relações com outras disciplinas, por exemplo, a Antropologia, Economia, Psicologia e Sociologia, e principalmente com a Literatura. Essa última ofereceu ao historiador a ampliação na escrita, através da linguagem, facilitando a aproximação entre narrativa histórica e o cotidiano.

A mudança de paradigmas diante das convenções com relação ao saber histórico (a busca pela verdade, o aprisionamento ao real) e o saber literário (pensamento ficcional, representação dos fatos verdadeiros), possibilitou o diálogo entre o conhecimento histórico e os outros saberes e, com isso, o historiador precisou rever conceitos e redefinir o seu ofício. Com a mudança de paradigma, o historiador teve que procurar novos caminhos que o auxiliasse a construir o conhecimento. A partir desta nova postura houve uma flexibilização, embora não tenha desaparecido, entre o “conhecimento objetivo e conhecimento ficcional”.

A nova postura possibilitou a aceitação de que todo discurso é carregado de ficcionalidades, ou seja, a ficção parte de uma verdade que lhe confere, ou pelo menos uma aceitação social dentro de um determinado limite, “pois não há discurso de tal forma fictícia que não vá ao encontro da realidade, embora em outro nível.” (RICOEUR, 2009, p.56). De acordo com o autor, o historiador apresenta fatos verossímeis com a realidade passada, não totalmente real, mas passíveis de aceitação, já que não irá criar os fatos no seu sentido absoluto, vai pesquisá-los e atribuir-lhes sentido.

Conforme Rüsen, a função da narrativa histórica é conciliar os acontecimentos do passado, dando um sentido e uma interpretação, de tal modo que “a relação do homem consigo e com o mundo possa ser pensada e realizada na perspectiva do tempo.” (RÜSEN, 2001, p.155.). A narrativa está longe de cumprir sua função estética, ela está relacionada com a construção de sentidos, uma vez que é “determinada por estratégias estéticas da poética e a retórica da representação histórica”. (RÜSEN, 2001, p.156.).

2 O CONTEXTO POLÍTICO DA EUROPA AO BRASIL

As ondas revolucionárias que ocorreram em meados do século XIX¹³, na Europa, atingiram o mundo Ocidental de forma direta ou indiretamente. A primeira onda revolucionária alcançou Nápoles, Grécia, Portugal e Espanha, repercutindo na emancipação das colônias latino-americanas. A segunda onda propagou-se pela França, Bélgica, Polônia, Espanha, Portugal e vários estados italianos e alemães. Por fim, a terceira onda revolucionária atingiria a França, toda a Itália e quase todos os Estados alemães e o Império Austríaco, e de forma mais branda a Espanha, Dinamarca, Romênia, Irlanda, Grécia e Grã-Bretanha. Nesse contexto histórico, havia um interesse dos governantes em evitar uma segunda Revolução Francesa, ou pior, uma revolução européia generalizada tendo como base a Revolução Francesa.

Poucas vezes a incapacidade dos governos em conter o curso da história foi demonstrada de forma mais decisiva do que na geração pós-1815. Evitar uma segunda Revolução Francesa, ou ainda a catástrofe pior de uma revolução européia generalizada tendo como modelo a francesa, foi o objetivo supremo de todas as potências que tinham gasto mais de 20 anos para derrotar a primeira [...]. (HOBSBAWM, Eric J. apud ALVES, Francisco das Neves, 1994, p.22).

Considerando a desestruturação da Europa após a Revolução Francesa, os governantes mais conservadores reuniram-se com as potências vencedoras no denominado Congresso de Viena¹⁴. O objetivo desse encontro foi reorganizar as fronteiras europeias, alteradas pela conquista de Napoleão, e restaurar a ordem absolutista do Antigo Regime. Com o término da era napoleônica, houve a necessidade de selar um tratado para restabelecer a paz e a estabilidade política na Europa, pois a mesma passava por momentos de instabilidade e o medo de uma nova revolução ainda assustava os mais conservadores. Por isso, os conservadores tentaram reorganizar a política e institucionalmente a Europa, fazendo prevalecer neste Congresso de Viena o princípio da legitimidade (rearticulando e recolocando no poder as dinastias derrubadas pela Revolução Francesa), a restauração (recolocar a Europa na mesma situação política em que se encontrava antes da Revolução Francesa), o equilíbrio

¹³ “Ondas Revolucionárias é o nome dado pela historiografia para unir as diversas revoluções que ocorreram no século XIX no Ocidente.” ALVES, Francisco das Neves; TORRES, Luiz Henrique. **Revolução Farrroupilha: história e historiografia**. Rio Grande: [s/n], 1994. p.22.

¹⁴ “O Congresso de Viena foi uma conferência entre embaixadores das grandes potências européias que aconteceu na capital austríaca, entre 2 de maio de 1814 e 9 de Junho de 1815, cuja intenção era a de redesenhar o mapa político do continente europeu após a derrota da França napoleônica.” MARQUES, Lincoln. O Congresso de Viena e a Santa Aliança. In. **Instituto Gaylussac**. Disponível em: <http://pessoal.educacional.com.br/up/4660001/6249856/Congresso%20de%20Viena%20e%20Santa%20Alianca.pdf>. Acesso: em 7 de set. 2014.

(conciliar as relações exteriores, evitando conflitos internacionais – A ideia de equilíbrio do poder) e no plano geopolítico, a consagração do conceito de fronteiras geográficas.

Apesar do Congresso de Viena, apesar do triunfo aparente da contra-revolução, a revolução não é vencida. Ela propaga-se sob o plano liberal, sob o nacionalismo e por vezes mesmo sob o socialismo. (DREYFUS, François. apud ALVES, Francisco das Neves, 1994, p.22).

Nesse contexto político, de forma peculiar encontra-se o Brasil, pois Portugal ao cair sob o domínio francês obrigou a corte joanina a deslocar-se para sua colônia na América¹⁵. A presença da corte Portuguesa no Brasil trouxe grandes transformações internas e externas que marcariam futuramente uma ruptura entre a colônia e Portugal. O propósito dos portugueses era recolonizar o Brasil, para isso, os portugueses justificavam os seus atos afirmando que o território brasileiro constituía parte do território lusitano. Os portugueses pretendiam continuar com comércio entre a Europa e as outras nações através do Brasil, ou seja, o privilégio dos “navios [...] de construção e propriedade portuguesa, pois trataria de comércio interno” (MAESTRI, 2010, p. 139). Os portugueses, mesmo no Brasil, continuariam comercializando mercadorias para outros portos, usando agora o Brasil com sede da coroa portuguesa.

Os portugueses queriam acabar com a unidade administrativa brasileira, com o objetivo de ligar a província do Brasil à sede do governo Português. Com isso, o Brasil perderia seu status de reino e passaria a pertencer definitivamente a Lisboa. Além do mais, Portugal tinha uma hegemonia constitucional a seu favor, ou seja, a grande maioria dos deputados que representava o Brasil pertencia à província de Lisboa. Essa hegemonia constitucional garantia os interesses de Portugal acima dos interesses do Brasil.

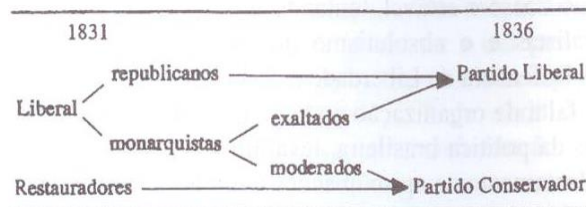
Nesse cenário político, ocorreu a formação dos Estados Nacionais Brasileiros, pois ao contrário do que havia ocorrido com os países latinos americanos, o Brasil não se fragmentou politicamente. Ao invés disso, prevaleceu em todo o território brasileiro a forma de governo monárquico.

O governo monárquico se instalou a partir da independência do Brasil, porém as insatisfações e os conflitos por falta de uma identidade partidária levaram os grupos políticos

¹⁵ “A Corte Portuguesa foge para o Brasil temendo um ataque das tropas Napoleônicas, na ocasião, a França era aliada da Espanha. Além do mais, Portugal não podia simplesmente romper com a Inglaterra. Aliás, a indiscutível supremacia marítima britânica inviabilizaria as comunicações entre Portugal e Brasil – principal colônia lusitana, de cuja exploração dependia a própria sobrevivência econômica de Portugal.” ALVES, Francisco das Neves; TORRES, Luiz Henrique. **Revolução Farroupilha: história e historiografia**. Rio Grande: [s/n], 1994. p.23-24.

a se articular e formar alianças; a partir dessas alianças surgiram os partidos: Liberal e Conservador, que se estabelecem com mais força no Período Regencial. O Partido Liberal estava ligado às províncias, e defendia a economia regional, pois seus adeptos acreditavam que quanto maior a autonomia, maior seria seu poder local. Já o Partido Conservador, estava ligado ao poder central e representava os interesses da elite provincial.

No Rio Grande do Sul também ocorreram divisões e subdivisões partidárias. As alianças políticas formavam-se através de aproximações e afastamentos entre os representantes de diferentes agremiações. Nesse contexto político, a província do sul-riograndense apresentou peculiaridades na sua formação política, assim, antes de deflagrar a guerra civil de 1835-1845, o cenário político e partidário na província do Rio Grande do Sul estava composto conforme o esquema:



Como podemos observar no esquema de Piccolo (1991), a conjuntura política dos partidos antes de ser deflagrada a Revolução Farroupilha estava dividida em 1831 em: Liberais e Restauradores. Em 1836, os Restauradores deram lugar ao Partido Conservador. Os Liberais estavam divididos em republicanos e monarquistas. Já os monarquistas se dividiam em exaltados que mais tarde iriam se unir ao Partido Liberal. E os moderados fariam uma aliança como o Partido Conservador.

Nesse processo de emancipação política, emergem dois grupos políticos, segundo Francisco das Neves Alves (1994), “um apoiando D. Pedro na sua política de contrariar as decisões anti-brasileiras das Cortes tornando-se favorável à independência em face da impossibilidade de conciliar os interesses lusos e brasileiros, e outros defendendo a política portuguesa.” (PICCOLO, Helga apud ALVES, Francisco das Neves, 1994, p.41.).

A insatisfação da Província em relação ao Império ocasionou uma ruptura entre os Liberais Republicanos, que fundaram o Partido Liberal e os defensores do Governo Imperial, que constituíram o Partido Conservador. Os Liberais advogavam a autonomia das províncias e um governo parlamentar. O povo escolheria seus representantes, e os destituiriam do poder caso estivessem insatisfeitos com seus governantes. Além disso, o Partido Liberal propunha a abolição da escravatura, a eleição para deputados e a liberdade de expressão.

Segundo Pesavento (1997), “a ideologia seria duplamente falsa: por retratar falsamente a realidade, a partir dos interesses de uma classe, e por haver falta de correspondência entre as idéias e a estrutura econômico-social, ou entre a representação e o seu contexto concreto.” (Schwarz apud Sandra Pesavento, 1997, p.8). A autora questiona os ideais revolucionários, que para Schwarz estariam “fora de lugar”, isto é, os ideais “estariam deslocados de seu contexto num Brasil agrário e escravistas, pois não representariam nem a realidade e nem a sua aparência.” (Schwarz apud Sandra Pesavento, 1997, p.8).

A base das ideias do Partido Conservador se encontrava arraigada nos primórdios da formação política – o poder moderador. Segundo Helga Piccolo (1997), a “chave de toda organização política, que, previsto para velar sobre a manutenção da independência, o equilíbrio e a harmonia entre os demais poderes políticos, fez o poder decisório pender para o lado do imperador D. Pedro.” (PICCOLO, Helga, 1997, p.39). As articulações do poder moderador viriam estabelecer alianças com o Partido Conservador e defenderiam as ideias outorgadas em 1824 pela Carta Constitucional que “consagrou o princípio de um Estado centralizado onde as províncias continuavam a não ter autonomia política, administradas que seriam por presidentes de nomeação imperial, tal como havia sido aprovado pela Assembléia Constituinte.” (PICCOLO, Helga, 1997, p.39). O Partido Conservador defendia o poder centralizado no Império e limitava o direito dos cidadãos de intervir na política brasileira.

Nessa instabilidade política e partidária, o Período Regencial foi marcado por diversas rebeliões provinciais. Essas revoltas tinham como reivindicações: autonomia econômica e, por vezes, solicitavam melhores condições sociais. Nessa conjuntura revolucionária, ao lado da Cabanagem¹⁶, da Sabinada¹⁷, da Balaiada¹⁸ entre outras, “nasce” a Revolução Farroupilha, um dos maiores conflitos regenciais.

¹⁶ “A Cabanagem foi uma revolta popular que aconteceu entre os anos de 1835 e 1840 na província do Grão-Pará (região norte do Brasil, atual estado do Pará). O nome Cabanagem foi dado ao movimento, pois, os revoltosos moravam em cabanas a beira do rio.” RICCI, Magda. **Cabanagem, cidadania e identidade revolucionária: o problema do patriotismo na Amazônia entre 1835 e 1840.** Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tem/v11n22/v11n22a02>. Acesso em: 7 de set. 2014.

¹⁷ “A Sabinada foi uma revolta que ocorreu na Bahia, entre 1837 e 1838. Ao contrário da Cabanagem os representantes do movimento eram: médicos, profissionais liberais, comerciantes entre outros. A Sabinada recebeu este nome em homenagem ao seu líder Francisco Sabino Álvares da Rocha Vieira.” SILVA, Daniel Afonso da. **Sabinadas.** Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v22n63/v22n63a24>. Acesso em: 7 de set. 2014.

¹⁸ “A Balaiada foi uma revolta que ocorreu entre 1838 e 1841 no interior da Província do Maranhão. O movimento foi organizado por pobres, escravos fugidos e prisioneiros que lutavam pelo controle da província. O movimento recebeu o nome de Balaiada por causa do artesão Manoel dos Anjos Ferreira, conhecido como Balaio. Ele deflagrou o movimento após acusar o oficial Antônio Raymundo Guimarães de um abuso sexual em suas filhas.” JANOTTI, Maria de Lourdes Monaco. **Balaiada: construção da memória histórica.** Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/his/v24n1/a03v24n1>. Acesso em: 7 de set. 2014.

2.1 Revolução Farroupilha

A Revolução Farroupilha eclodiu no Rio Grande do Sul no dia 20 de setembro de 1835. Os estancieiros estavam cansados de pagar altos impostos sobre o charque, a erva-mate, o couro, o sebo, a graxa, entre outros produtos da província do Rio Grande do Sul. Além de cobrar taxas extorsivas principalmente sobre o charque gaúcho, o governo incentivava a importação do produto dos países do Prata. Ao mesmo tempo, aumentou a taxa de importação do sal, insumo básico para a fabricação do charque. Ademais, se as tropas que lutavam nas guerras eram gaúchas, seus comandantes vinham do centro do país. Todos esses acontecimentos culminaram numa revolta da elite rio-grandense, a qual levou à deflagração da Revolução Farroupilha.

De acordo com Francisco das Neves (2004), a Revolução Farroupilha era um movimento liberal, porém assumiu caráter separatista e republicano. Ao assumir a presidência da Província, Fernandes Braga fez uma série de acusações separatistas contra os estancieiros rio-grandenses, que geraram protestos e revoltas. Os ânimos estavam acirrados após a eclosão do movimento farroupilha. O governo brasileiro não negociava com os revolucionários e essa falta de negociação tomou proporções ainda maiores que culminou no desfecho da proclamação da República Rio Grandense após a vitória em Seival.

No calor da vitória em campos do Seival, Antônio de Sousa Netto proclamou a República sul-rio-grandense, dizendo:

Camaradas! Nós que compomos a 1ª Brigada do exército liberal, devemos ser os primeiros a proclamar, como proclamamos a independência desta província, a qual fica desligada das demais do Império e forma um Estado livre e independente, com o título de República Rio Grandense [...] (MAESTRI, 2010, p. 167).

Netto, ao proclamar a República Rio-Grandense, faz com que a revolução passe a ter um caráter separatista e a situação política começa a ter novas características, ou seja, deixa de ser uma província brasileira e passa ao status de Estado. Após a proclamação da República iniciava uma nova etapa no movimento, quem assumiria a nova República. O nome indicado foi do comandante Bento Gonçalves que se encontrava preso na ilha de Fanfa¹⁹. Como

¹⁹ Segundo Pereira (2012), Os estancieiros rio-grandenses buscavam mais autonomia na província e um governo mais flexível, após a tomada de Porto Alegre e a difusão de idéias Republicanas por parte dos revoltosos. O Império contra ataca o cerco a Porto Alegre e retoma a capital e aprisionando Bento Gonçalves que estava indo se encontrar com o General Netto que acabara de proclamar a República Rio-Grandense. A prisão de Bento Gonçalves ocorreu na travessa do rio Jacuí. PEREIRA, Rodrigo José. **Por que tudo foi diferente?** Os Lanceiros Negros na Revolução Farroupilha (1835 a 1845). Paraná: [s.n], 2012. p.233.

medida provisória, foi indicado para substituir Bento Gonçalves, o moderado José Gomes de Vasconcelos Jardim que ficaria no comando da República até o retorno de Bento Gonçalves.

Bento Gonçalves consegue fugir da prisão de Fanfa e assume a presidência da República Rio-Grandense em 16 de dezembro de 1837. Esse período é marcado pela diminuição dos combates entre os revoltosos e o Império brasileiro e a reestruturação da República que parecia estar se consolidando como Estado.

Mas os anos seguintes sofreriam modificações, apesar de outras vitórias pequenas em campos de batalha (em Rio Pardo), os farroupilhas estavam perdendo território, pois não tinham condições de retomar Porto Alegre. Os revolucionários perderam a cidade que retornou ao comando do Governo Imperial.

Diante dessa derrocada, os farroupilhas com medo de perderem a Capital da República (Piratini) para os Imperiais decidem transferem a sede da Capital para a cidade de Caçapava do Sul, em janeiro de 1839.

2.1.1 Nasce uma nova República

O povo de Laguna²⁰, insatisfeito com o domínio imperial, solicitava apoio aos farroupilhas. Esse apoio não tardou a chegar. A marinha farroupilha uniu-se às tropas do exército sob o comando de Davi Canabarro em 29 de julho de 1839, e atacou as tropas imperiais por terra e por mar com a esquadra de Garibaldi²¹ (Cativari Tramandaí). Garibaldi surpreende os imperiais, pois eles esperavam o ataque pela barra de Laguna e não pela lagoa. A marinha farroupilha faz o contrário do que os imperiais imaginavam, atravessando a Lagoa de Garopaba do Sul, passando pelo rio Tubarão e, atacando a cidade de Laguna por trás. Após esse ataque, os farroupilhas, no comando de Davi Canabarro, proclamam a República Juliana que teria Laguna como sede da nova República.

Entretanto, a República Juliana, mal havia se instituído e já passava por dificuldades financeiras. Apesar de toda mercadoria apreendida no porto após a tomada de Laguna pelos farroupilhas e o dinheiro deixado para trás durante a fuga das tropas imperiais, mesmo assim, a República enfrentava a falta de recursos. A medida tomada pelo secretário de Estado foi solicitar um empréstimo ao governo da República Rio-Grandense através de uma carta de Rossetti ao governo do Rio Grande:

²⁰ Estado de Santa Catarina.

²¹ Corsário Italiano que se juntou aos revolucionários farroupilhas. RUAS, Tabajara. **Netto Perde sua Alma**. 3.ed. Rio de Janeiro: Record, 2005. p. 39.

Me proponho de recorrer a um empréstimo seu desde já convencido que não alcançaremos nada ou bem pouco. Neste receio pretendo prevenir-me. Parece-me que o governo Rio-Grandense [sic] poderá emprestar o governo da República Catarinense irmão a quantia suponhamos de Cem contos de reis em cédulas de papel moeda que esta se obriga a restituir-lhe no espaço de três anos, mas em três parcelas iguais em fim de cada ano com o prêmio de dez por cento [...] ²².

Essa correspondência enviada por Rossetti ao governo do Rio Grande demonstra a fragilidade da nova República, pois a expressão “neste receio pretendo prevenir-me”, mostra que a República já estava fadada a não consolidar-se como um Estado Federativo. Essa frase emite também uma ideia de medo por parte do governo de que a República viesse a fracassar.

Além dos problemas financeiros enfrentados pelo governo, a República Juliana passava também por transtornos em sua economia local. A marinha imperial, em represália aos farroupilhas, bloqueou o porto de Laguna e, com isso, estrangulou o comércio e a comunicação da vila com o exterior.

A situação da República Juliana iria se complicar ainda mais, pois o governo regencial, aproveitando as fragilidades da República Juliana, planejava medidas para retomar a cidade. Uma dessas medidas seria a nomeação de um novo presidente para a república. O nome indicado foi do General Francisco José de Souza Soares d’Andrea. A escolha do nome do general era estratégica, pois ele sufocou outra revolta ocorrida no Período Regência, a Cabanagem que ocorreu na província do Grão-Pará. O governo imperial, também orquestrou um cerco ao Porto de Laguna, reforçando as tropas imperiais e reorganizando-as para deferir uma grande ofensiva contra os farroupilhas. O cerco se fechou contra os farroupilhas na cidade de Santa Catarina. Canabarro solicitou ajuda, porém a mesma não chegou. A República Juliana extinguiu-se, e com ela, a ideia federativa.

2.1.3 A Revolução Farroupilha marcha para o fim

A retomada de Santa Catarina pelos imperiais foi o início do declínio da Revolução Farroupilha. Os republicanos passavam por dificuldades financeiras, pois eles mantinham os exércitos a partir da venda do gado e charque para os países do Prata.

Conforme Ivar Hartmann (2002), “Não obstante a maioria dos oficiais e soldados combaterem por ideal, sem preocupação com o soldo que era pequeno, a economia gaúcha estava em ruínas com a destruição das estâncias e o uso predatório do gado, principal riqueza

²² ARQUIVO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL apud COSTA, Gustavo Maragoni. Entre contrabando e ambigüidades: outros aspectos da República Juliana Laguna/SC – 1836 – 1845. Florianópolis: UFSC, 2006. p. 43.

sulina [...]” (HARTMANN, 2002, p.79.). O autor está apontando para outro fator que contribuiu para o declínio da revolução, a falta de dinheiro para manter contingente revolucionário contribuiu para o desfecho da Revolução Farroupilha. Segundo Francisco das Neves Alves (1994),

A pacificação foi, porém, muito mais, fruto do desgaste mútuo (embora bem maior no lado rebelde) promovido por quase dez anos de lutas. A própria prorrogação do movimento implementada pelos revolucionários, mesmo em condições extremamente penosas, deu-se tendo em vista um aumento no poder de barganha nas negociações para o desfecho do movimento. (ALVES, Francisco das Neves, 1994, p.75).

O autor reforça a ideia de que o desgaste financeiro por parte dos estancieros em manter o levante revolucionário foi um motivador para o declínio da Revolução Farroupilha. Além da falta de dinheiro em manter as tropas farroupilhas, outro fator que ajudou no avanço das negociações de paz, refere-se ao surpreendente ataque realizado pelo comandante imperial Chico Pedra a Davi Canabarro²³, o qual dizimou um dos contingentes do exército farroupilha, os Lanceiros Negros, e junto a eles um dos comandantes revolucionários - Teixeira Nunes (conhecido como Gavião). Essa vitória junto às tropas sulistas acabou por fortalecer o Governo Imperial que contou com um forte aliado para o término da Revolução Farroupilha, o Barão de Caxias²⁴.

O Barão de Caxias foi um dos “pacificadores” da Revolução no Maranhão (Balaiada). O Governo o apoiava com recursos necessários para dominar os rebeldes farroupilhas. O Império tinha vantagens sob os farroupilhas, pois não tinha que se preocupar mais com revoluções paralelas como: Balaiada, a Sabinada e a Cabanagem. O Império Brasileiro podia se dedicar somente à reprimir a Revolução Farroupilha. Já os farroupilhas encontravam-se cansados e sem guarnições para manter a guerra.

Em novembro de 1842, em resposta aos imperiais, que acreditavam que a guerra estava chegando ao fim, mesmo sem ter condições financeiras e físicas para manter a revolução, Bento Gonçalves, convoca a Assembléia Constituinte. O projeto de Constituição da República

²³ “David Canabarro representa uma figura da elite farroupilha que teve muita relevância depois de 1845, pois esteve bastante ligada a política do Império. Nomeado General pela República Riograndense, Canabarro foi o responsável pelas tratativas de paz com o Império, que obtiveram sucesso e culminaram com a Paz de Ponche Verde em 1845.” SILVA, Matheus Luís da. **Antônio de Souza Netto e David Martins Canabarro: perspectivas de estudo a partir de dois farroupilhas após 1845.** Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364929896_ARQUIVO_ANPUHNacional2013Matheus.pdf Acesso em: 09 set. 2014. p.3.

²⁴ “Pacificador da província Rio-Grandense.” Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364929896_ARQUIVO_ANPUHNacional2013Matheus.pdf Acesso em: 09 set. 2014. p.5.

Rio-Grandense inspirava-se na carta estadunidense, que assegurava os direitos aos cidadãos livres, porém desconhecia a liberdade dos escravos, ignorando as lições da Revolução Francesa, que abolira a escravidão.

No entanto, essa tentativa de manter a Revolução Farroupilha foi em vão, pois além da falta de recursos para manter o levante farroupilha, havia divergências políticas entre os líderes revolucionários. Essas divergências políticas “nos últimos anos do conflito, a unidade entre esses líderes tornou-se insustentável, surgindo número crescente de dissensões.” (ALVES, Francisco das Neves, 1994, p. 76). Essa ruptura política favorecia o Barão de Caxias, pois com o poder descentralizado, Caxias podia desenvolver estratégias militares capazes de dismantelar o movimento revolucionário.

Os revolucionários farroupilhas, sem condições de manter a Revolução, assinam no dia 1º de março de 1845, a rendição no tratado da Paz do Ponche Verde. A pacificação no Rio Grande traria uma “unidade territorial do Império e o Rio Grande do Sul, apesar da vitória do centralismo, conseguira, de certa forma, mostrar sua importância para a manutenção da estabilidade do Estado Nacional Brasileiro.” (ALVES, Francisco das Neves, 1994, p. 78). O autor se referia à estabilidade política que a Paz do Ponche Verde traria para o território brasileiro. Principalmente para o poderio argentino de Rosas que seria uma ameaça caso o poder estivesse descentralizado.

2.1.5 A participação do negro na Revolução Farroupilha

Os negros vieram para o Brasil de forma brutal, como escravos traficados. Muitos nem chegaram a completar a viagem, pois as condições em que viajavam nos navios negreiros eram desumanas. No caso dos Negros que vieram para o Rio Grande do Sul, estes passaram ao longo dos anos em busca da liberdade. O sonho de liberdade “nasceu” no período da Revolução Farroupilha. A esperança surgiu após a proposta dos comandantes farroupilhas em terminar com a escravidão que era uma indignidade para o Rio Grande do Sul.

No período colonial, o processo de escravizar homens e mulheres de cor se justificava pela ideia defendida pelos senhores de escravos de que os negros não tinham alma e não sabiam cuidar de si mesmos. Neste sentido, a Revolução Farroupilha produziu um engodo a partir de seu próprio lema que era liberdade, igualdade e humanidade. Pois, muitos dos estancieiros que prometiam liberdade aos negros no instante em que lutassem ao seu lado contra o Império, mantinham escravos cativos contradizendo o próprio lema da Revolução Farroupilha diante da realidade da sociedade Rio-Grandense no período de uma das maiores

guerras civis contadas pela História. A relação dos farrapos com os cativos negros define-se bem no decreto rebelde que ordenava que “todos os cidadãos e súditos da República, com exceção dos escravos, serão obrigados a trazer nos chapéus o laço da nação [...]”²⁵. Nessa passagem observamos que os ideais de liberdade dos farroupilhas, não incluíam os negros escravos, pois os próprios oficiais não consideravam os escravos cidadãos do Rio Grande e nem dignos de portar as cores da República que estava nascendo.

Quando a Revolução foi deflagrada no dia 20 de setembro de 1835, com a tomada de Porto Alegre, os oficiais da revolução não estavam preocupados com a escravidão na Província e nem tinham a intenção de libertar os escravos. De fato o propósito da elite gaúcha era em combater as altas taxas de impostos sobre o charque e outras mercadorias, pois se sentiam prejudicados com a política econômica regencial.

No entanto, a falsa promessa de liberdade foi propagada e mantida porque os negros eram excelentes aliados contra o Império, diante da carência de combatentes, uma vez que serviriam especialmente como soldados da linha de frente da revolução. Em outras palavras, as elites locais não queriam pegar em armas para defender seus ideais, enquanto os negros serviram como base para impedir o avanço das tropas imperiais substituindo os senhores de terras que não queriam lutar na guerra. Os soldados negros, por sua vez, acreditavam que a Revolução traria para eles a tão sonhada liberdade. Porém, eles mal sabiam que esse sonho não era compartilhado com os senhores de escravos, pois seus donos não tinham o interesse na supressão da escravidão. Estima-se que em 1839, os lanceiros negros²⁶ representassem um quinto das tropas farroupilhas.

2.1.6 A Formação da Sociedade no Período da Revolução Farroupilha

A Revolução Farroupilha é marcada por dois ideais diferentes e distintos, e para entendermos esses ideais e a repercussão da revolução no Rio Grande do Sul, neste momento do trabalho, resgataremos a formação da sociedade no período das charqueadas e a chegada dos navios negreiros através do porto do Rio Grande, para servirem de mão-de-obra para os senhores de terra.

²⁵ ASSUMPÇÃO, Euzébio. Por que não festejamos o 20 de setembro. In. **Nós os afro-gaúchos**. Coordenadores Euzébio Assumpção, Mário Maestri. 2.ed. Porto Alegre, RS: Ed. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998. p. 19.

²⁶ “Escravos negros que eram soldados nas campanhas militares.” BAKOS, Margaret Marchiori. A escravidão negra e os farroupilhas. In. **A Revolução Farroupilha: história e interpretação**. Organizado por José Hildebrando Dacanal. 2.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997. (Série Documenta, 20). p.89.

O Rio Grande era privilegiado geograficamente, pois por ser uma cidade portuária, beneficiou de forma geral o comércio e a entrada de navios negreiros para serem comercializados por todo o estado. Além disso, também por sua localização, garantia de forma estrategicamente a segurança militar. Esses dois fatores auxiliaram na origem de seu povoamento, ou seja, a movimentação portuária e comercial fora uma constante, pois recebia inúmeras embarcações com mercadorias. Além do mais, o porto de Rio Grande abrigava o último porto brasileiro antes da fronteira meridional do Brasil e da entrada do Rio da Prata.

Por ser uma cidade portuária, recebia muitos navios negreiros, e com eles a mão escrava para o trabalho braçal. Segundo Maestri (2010), “o local de entrada do escravo africano no Sul [...], pode-se dizer que passou pelo porto de Rio Grande e foi ali registrado” (LAYTANO, 1984, apud MAESTRI, 2010, p. 95). O registro das peças era importante para as autoridades coloniais, a fim de evitar o contrabando de negros na região. Nesse sentido, a legislação dizia que “[...] não pode passar negro dos Portos de Mar para terra que não sejam de domínio Português [...]” (MAESTRI, 2010, p. 95). A legislação teria a função de coibir o tráfico negreiro, isto é, o recebimento dos escravos deveria ser através dos portos de Salvador, Rio de Janeiro e Recife, e a partir desses portos, os escravos seriam transportados aos mais diversos locais do Brasil, de acordo com as necessidades de cada região, de modo a suplantar as atividades econômicas da mesma. Com isso, as autoridades coloniais poderiam ter um controle de todos os escravos que entravam no país, além de terem uma estimativa dos que não resistiram à viagem e vieram a falecer.

No entanto, segundo Bakos (1997), estimar o número de escravos existentes no século XIX seria difícil, pois ao lado do comércio oficial, ocorriam muitas vendas de negros que eram contrabandeados para a zona do “Golfão do Prata” e distribuídos para diversos mercados compradores como: Chile, Bolívia, Entre-Rios, Argentina e Banda Oriental do Uruguai.

Ao final do século XVIII, com a disseminação da indústria do charque no Rio Grande do Sul, a economia da região foi consolidada, dando origem a unidades produtivas escravistas nos moldes daqueles que caracterizavam a sociedade colonial brasileira: latifúndio, monocultura e mão de obra escrava. Os escravos não tinham direitos dentro da sociedade rural e nem urbana e o proprietário da terra era o símbolo máximo do poder e da riqueza. Antes e durante a Revolução Farroupilha a sociedade provincial se orquestrava nos seguintes moldes:

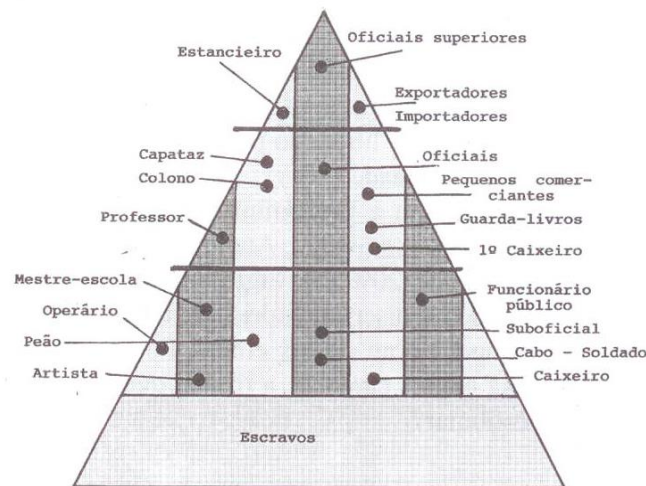


Fig. 1 – Pirâmide social no período farroupilha.

Os escravos formavam a base da pirâmide social, desenvolvendo atividades domésticas, exerciam profissões manuais, trabalhavam na lavoura, estâncias e charqueadas. Conforme Margaret Bakos, “a importância da escravidão negra acentua-se no Rio Grande do Sul à medida que aqui se desenvolveu a agricultura extensiva e o comércio de carnes salgadas.” (BAKOS, Margaret, 1997, p.81).

Francisco das Neves Alves (1994) reforça a ideia de que a base da sociedade Rio-Grandense era os escravos, assim como a utilização da mão de obra para serviços domésticos, lavoura e criação de gado,

Os escravos classificavam-se como doméstico, de gado, de lavoura e campeiro. O doméstico desempenhava funções na manutenção da casa, cozinha, lavando, limpando, carregando água e dejetos. O escravo de ganho possuía uma profissão [...]. Entretanto uma parte do ganho a seu senhor ou sendo por ele alugado. Utilizavam o negro de lavoura mais nas chácaras ao redor de cidades ou vilas, no cultivo de hortigranjeiros. O escravo campeiro trabalhava nas estâncias como peão, domador, tropeiro e até capataz. O pior lugar de trabalho era nas charqueadas, com jornada de trabalho e produção a ser cumprida. (FLORES, Moacyr, apud, ALVES, Francisco das Neves, 1994, p.34).

Ainda se percebe que, no ápice da estrutura, encontram-se os latifundiários, os militares de alta patente e os grandes comerciantes, os militares²⁷ que ocupavam todos os segmentos inferiores, médios e superiores da pirâmide social, os segmentos inferiores que abrigavam os

²⁷ O ápice da pirâmide ficava para os militares, pois eles recebiam as sesmarias e, como proprietários de terras, possuíam cargos administrativos na província.

soldados, cabos e sargentos. Por fim os negociantes²⁸ que vendiam comida, bebida entre outras mercadorias.

A pirâmide social de Moacyr Flores demonstra claramente que a população masculina branca tinha interesse no serviço militar, e o escravo como era considerado incapaz pelos seus senhores, acabavam ficando com os serviços mais pesados. Assim, se não fosse o negro a trabalhar na lavoura, nas charqueadas e nos serviços domésticos, os centros urbanos e rurais seriam vulneráveis, pois, a mão de obra escrava era a espinha dorsal que moveria o desenvolvimento econômico dos latifundiários e a base da força rebelde no período da Revolução Farroupilha.

2.1.7 A Revolução Farroupilha e os Escravos

A historiografia, ao silenciar a participação do negro na revolução, deixa espaços que, segundo Flores (2004) “acabaram muitas vezes sendo preenchidos pela tradição que reconstitui o passado de maneira idealizada. E, esta reconstrução, colaborou para a elaboração de um imaginário social, que ainda vincula a Revolução Farroupilha aos seus grandes líderes, e assim, principais personagens” (FLORES, 2004, p.55).

O que a historiografia silencia? Que essa liberdade nunca foi de interesse das elites escravocratas, pois como eles poderiam falar em liberdade, se eram senhores de escravos? E se não fossem os escravos, não haveria mão de obra para trabalhar nos centros rurais e urbanos. Como falar em liberdade para essa raça tão sofrida pelos maus tratos, se a grande maioria dos altos escalões era preconceituosa? Podemos citar um trecho de uma das cartas de Antônio Vicente Fontoura²⁹, enviadas para sua esposa Clarinda. Na carta, Antônio Vicente Fontoura demonstrou toda a sua antipatia e desgosto pelo cargo ocupado pelo mulato José Mariano de Matos³⁰, que passava a deter um poder político perante os revolucionários farroupilhas. E seria um referencial diante dos negros que lutavam na revolução:

²⁸ “Não podemos deixar de citar que também tinham os grandes proprietários e os comerciantes exportadores e importadores, que eram a elite oficial da Guarda Nacional, eles detinham o poder político e policial dos municípios.” ALVES, Francisco das Neves. **Revolução Farroupilha: estudos históricos**. Rio Grande, RS: Fundação Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004. (Coleção pensar a história sul-rio-grandense; v.2). p.34-38.

²⁹ “Antonio Vicente da Fontoura subiu ao poder com a renúncia de Bento Gonçalves em 04 de agosto de 1843. Foi ele, juntamente com Canabarro, quem conduziu as démarches finais para a pacificação da província.” MARQUES, Leticia Rosa. **José Marianno de Mattos: conquistas e desafios de um mulato carioca na Revolução Farroupilha (1835-1845)**.

³⁰ “Atuou como Ministro da Guerra e da Marinha, após a vitória da Batalha de Seival. Foi vice-presidente da República e presidente da república interino, em substituição a Bento Gonçalves.” MARQUES, Leticia Rosa. **José Marianno de Mattos: conquistas e desafios de um mulato carioca na Revolução Farroupilha (1835-1845)**.

Este maldito mulato, mais falso que Judas, mais inepto que Sardanapalo, teve em 1835 a diabólica habilidade de acender o facho da guerra civil em nossa querida pátria, e hoje [...] fez com sua maligna influência com que o estonteado José Gomes (de Vasconcelos Jardim) que, por castigo dos rio-grandenses dirige as rédeas do governo, afastasse desse solo a paz que tanto anela o coração honrado e verdadeiramente americano. (FONTOURA, 1984, 10).

Essa passagem da carta de Antônio Vicente Fontoura deixa claro que a intenção nunca foi a libertação dos escravos ao fim da revolução. Outro ponto relevante nessa passagem é o preconceito em relação aos negros e à sua participação no comando da Revolução Farroupilha. Muitos mulatos como José Mariano de Matos fizeram parte do alto escalão dos revolucionários. Ele participou de cargos administrativos, e sua influência não era aceita por parte de alguns generais, pois não aceitavam receber ordens de um mulato e nem o consideravam digno de fazer parte do governo Rio-Grandense.

Ao participar enquanto mulato na Revolução Farroupilha, ocupando um cargo no Ministério e, sendo um vice-presidente da República, torna-se um forte aliado aos farroupilhas em convencer os escravos a participarem da Revolução. O comando não pertenceria somente aos seus algozes, mas junto deles havia um “irmão” que também saberia defender os interesses do povo escavo e a tão sonhada liberdade. No entanto, o que esses escravos não sabiam é que não havia uma unanimidade entre seus generais, pois, junto com o preconceito havia uma divergência de ideias que, com o passar dos anos, acabaria colocando um fim à Revolução Farroupilha.

2.1.8 Os Lanceiros e a Revolução Farroupilha

Segundo o decreto de 1º de novembro de 1836, ficou estabelecida a organização do recrutamento para o Corpo de Cavalaria com as Guardas Nacionais de cada município que aderiu à revolução. As Instruções de 4 de outubro de 1837 estabeleceram que o recrutamento passaria a ser feito pelo juiz de paz e o chefe de polícia de cada município, que deveriam selecionar:

Fará dentre os recrutados apurada escolha dos indivíduos de melhor classe por cores, educação, bens e agilidade para o serviço da Cavalaria e Artilharia de Linha, preferindo para esta os que souberem ler e escrever [...]. Fará igual escolha dentre os índios e pretos libertos, fazendo seleção dos mais ágeis e capazes para o Corpo de Lanceiros de 1.a Linha, destinado os outros para o corpo de Infantaria e Caçadores³¹.

³¹ GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcelos. A República Rio-Grandense e o Rio da Prata: a questão dos escravos libertos. In II Encontro “Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional”. Organizadora Regina Célia Lima Xavier. Porto Alegre: UFRGS, 2005. Caderno de Resumos. p. 7.

Além da seleção, e da divisão por cor, estudo, classe social, o recrutamento também possuía uma peculiaridade. Caso um senhor de terra fosse recrutado para servir o exército, e não quisesse participar da guerra, poderia em seu lugar colocar um escravo, desde que desse a ele a carta de alforria, ou seja, enquanto o “liberto” lutava na linha de frente do exército, o seu antigo dono era isento do serviço em campanha. Muitos estancieiros alistavam seus escravos nas frentes de batalhas com o objetivo de eles mesmos não precisarem ir à luta. Os negros deixavam de cuidar das estâncias onde trabalhavam para lutarem contra os caramurus.

Dessa forma, os negros tiveram uma significativa participação junto às tropas farroupilhas contra o império. Chegando a compor no período da Revolução Farroupilha um terço de exército farrapo. Atuaram nas áreas da cavalaria e a infantaria, nas tropas militares criadas em setembro de 1836 e agosto de 1838 respectivamente, as quais foram chamadas de Corpo de Lanceiros Negros.

O Corpo de Lanceiros Negros era composto de negros livres e escravos alforriados, pela nova República, com a promessa de liberdade ao fim da Revolução Farroupilha. A formação do corpo de lanceiros, segundo Moacyr Flores (2004), não surgiu por acaso. Desde o início da Revolução Farroupilha, os índios, os mulatos e os negros, eram usados para compor a 1ª Brigada.

De acordo com Calvet Fagundes (1984), durante o cerco a Porto Alegre, Bento Gonçalves ao avançar contra as tropas imperiais contava com 400 soldados “quase todos de cor preta e com igual número de montaria”³², essa afirmação, indica que as tropas farroupilhas não eram compostas apenas pelos “valorosos” estancieiros, que tanto estavam indignados com os altos impostos cobrados sobre o charque, mas sim pelo Corpo de Lanceiros por falta de homens para a luta armada.

O Governo Imperial, ao reconhecer a importância dos negros para a Revolução Farroupilha, elabora em novembro de 1838, a “lei da chibata”, como forma de coibir o alistamento dos negros no exército revolucionário. Segundo a lei, todo escravo que estivesse participando da Revolução Farroupilha ou fosse preso por defender as causas do inimigo deveria receber de 200 a 1000 chibatadas. Ao mesmo tempo, o governo oferecia carta de alforria a todos os escravos que incorporassem as tropas imperiais. Em represália à lei, os rebeldes farroupilhas divulgaram um ofício no jornal O Povo,

³² FAGUNDES, Morivalde Calvet. História da Revolução Farroupilha. Caxias do Sul: EDUSC, 1989. p. 225.

Caçapava, 11 de maio de 1839 4º da Independência e da República Rio-Grandense.

Tendo o tirânico Governo do Brasil, por aviso da repartição da Justiça, de 15 de novembro de 1838, determinado ao intruso e intitulado Presidente da Província do Rio Grande de São Pedro, a aplicação de 200 a 1000 açoites a todo homem de cor, que livre do cativo, em conformidade com as leis desta República, tiver feito parte de sua força armada e vier a cair prisioneiro das tropas chamadas legais, despreza aquele imoral governo toda a espécie de processo e formalidade judiciária para a qualificação daquele suposto crime. Foi em obediência às sagradas leis da humanidade, luzes deste século e aos verdadeiros interesses dos cidadãos de Estado, é que o Governo [da República Rio-Grandense] passou a libertar os cativos aptos para a profissão das armas, oficinas e colonização, a fim de acelerar, de pronto, a emancipação dessa parte infeliz do gênero humano. E, isso, com o grave sacrifício da Fazenda Pública, pois os que exigiram a indenização desses cativos, a receberam de pronto ou receberam documento para indenização oportuna. O Presidente da República para reivindicar os direitos inalienáveis da humanidade, não consentirá que o homem livre rio-grandense, de qualquer cor com que os acidentes da natureza o tenham distinguido, sofra impune e não vingado, o indigno, bárbaro, aviltante e afrontoso tratamento, que lhes prepara o infame Governo Imperial. Em represália à provocação decreta: Artigo Único: Desde o momento em que houver notícia certa de ter sido açoitado um homem livre de cor a soldo da República, pelo Governo do Brasil, o General Comandante de Exército ou o comandante de qualquer Divisão tirará a sorte entre os oficiais imperiais, de qualquer patente, nossos prisioneiros e fará passar pelas armas aquele oficial que a sorte designar. Domingos José de Almeida. Ministro e Secretário de Estado de Negócios do Interior, Fazenda e Justiça³³.

Com a promessa de liberdade, muitos negros lançaram-se no exército farroupilha, lutando pelos seus senhores em busca de uma vida mais digna e da tão sonhada liberdade. Os Lanceiros Negros eram disciplinados, guerreiros corajosos e aguerridos, afirmando assim a imagem de homens valorosos. No entanto, embora lutassem por liberdade e igualdade, os republicanos conservavam uma afinidade duvidosa com a escravidão. Visivelmente diziam-se partidários da libertação de todos os escravos, porém não compartilhavam totalmente desses ideais, visto que a ideia de liberdade para os escravos tinha força e convicção desde que os negros viessem a participar da Revolução. Ou seja, os escravos seriam merecedores da liberdade, desde que lutassem pela Revolução Farroupilha. Pereira (2012) reforça a ideia de que o negro só teria a liberdade no Rio Grande do Sul, caso lutasse ao lado dos farroupilhas,

No Rio Grande do Sul houve uma pequena diferença, em relação ao negro e sua conquista da liberdade, perante as demais Províncias do Brasil. Longe dos pampas gaúchos, muitas eram as formas de se conquistar a liberdade, seja pela compra da mesma, seja pela “bondade” de seu dono, entre outras. Contudo o Rio Grande do Sul, neste determinado período, de 1835 a 1845, os negros somente poderiam almejar a sonhada liberdade, incorporando-se à Revolução Farroupilha, uma vez que as outras formas de negociação foram suprimidas totalmente [...]. (PEREIRA, Rodrigo José, 2012, p.248).

³³ JORNAL O POVO, Porto Alegre: Editor Luigi Rosseti, fev. 1839, p. 27.

Segundo o autor, se o negro não estivesse engajado às causas farroupilhas não teria a liberdade de outra forma, “ficando a mercê da própria sorte.” (p.248). Caso contrário, deveriam continuar no comércio do charque. Já que, com a vitória do Rio Grande do Sul, os impostos sobre o produto cairiam e os estancieiros necessitariam de mão-de-obra escrava para dar continuidade aos seus negócios.

2.2 A Batalha de Porongos: o ataque e a morte dos Lanceiros Negros

Conforme Rodrigo José Pereira (2012), em novembro de 1844, o Barão de Caxias redigiu uma carta ao seu comandante, Chico Pedro, também conhecido como Moringue, autorizando o ataque a Porongos, atual município de Pinheiro Machado. Nessa carta, Caxias pedia que poupasse o sangue brasileiro, dizendo

[...] particularmente da gente branca da Província ou índios, pois bem sabe que essa pobre gente ainda nos pode ser útil no futuro. A relação junta é das pessoas quem deve dar escápula, se por casualidade caírem prisioneiras. [...] Se por fatalidade, não puder alcançar o lugar que lhe indico, no dia 14, às horas marcadas, deverá desferir o ataque para o dia 15 às mesmas horas, ficando certo de que, neste caso, o acampamento estará mudado um quarto de légua, mais ou menos por essas imediações em que estiveram no dia 14. Se o portador chegar a tempo de que esta importante empresa possa se efetuar, V.S. lhe dará seis onças, pois ele promete-me entregar em suas mãos este ofício até às quatro horas da tarde do dia 11 do corrente. Além de tudo quanto lhe digo nesta ocasião, já V. S. deverá estar bem ao ato do Estado das coisas pelo meu ofício de 28 de outubro e, por isso, julgo que o bote aproveitado desta vez. Todo o segredo e circunspecção é indispensável nesta ocasião, e eu confio no seu zelo e discernimento que não abusará deste importante segredo. Deus Guarde a V. S. Quartel-General da Província e Comandante.- em-chefe do Exército, em marcha nas imediações de Bagé. 9 de novembro de 1844 Barão de Caxias³⁴.

No intuito de por fim à Revolução Farroupilha, Caxias deu início à derrocada da República Rio-Grandense com o incentivo a esse ataque ao Cerro de Porongos. Ainda que, à medida fosse descabida, por estar sendo conduzido o processo de negociação de paz entre Caxias e Davi Canabarro³⁵. À véspera do ataque, Davi Canabarro acampou em Cerro dos Porongos, segundo o relato,

[...] uma partida farrapa notificou a tempo a Canabarro que o terrível surpreendedor ia se abater sobre o seu arraial, e foi ao ter a parte da indicada unidade que arrotou

³⁴ Transcrição da carta de Caxias a Chico Pedro, Anais do Arquivo Histórico do Rio grande do Sul, v. 7, Porto Alegre: Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, 1933, Coleção Alfredo Varela, documento 3730 p. 30-31.

³⁵ Canabarro estava conduzindo as negociações no processo de paz, por causa das divergências entre os chefes farroupilhas.

abazófia [...] que todo o Rio Grande conhece: O Moringue sentindo a minha catinga não vem cá.³⁶

Canabarro estava ciente da aproximação das tropas de Moringue, porém tampouco se preocupou com um ataque por parte do mesmo. Davi Canabarro desprezou a presença do inimigo, afirmando que o mesmo não teria coragem de atacá-lo, seja por ingenuidade ou por estar em processo de negociação com Caxias. Enfim, o motivo não se sabe, embora o que se possa afirmar é que Davi Canabarro ignorou completamente a presença do Moringue.

Além da imprudência de ignorar as tropas inimigas, Canabarro ordenou que a “infantaria republicana, composta por negros, fosse desarmada e seu cartuchame todo retirado”.³⁷ Esse episódio não seria uma traição àqueles que tanto ajudaram a Revolução? O grupo foi desarmado, os negros estavam afastados do acampamento, “existindo na retaguarda da barraca de Canabarro”,³⁸ a poucos metros do acampamento de Moringue. Assim, a partir da carta de Caxias a Moringue, vê-se que ele pede para poupar os brasileiros, de modo quem sobra para ser massacrado, são os mulatos, negros e índios.

A História oficial não dá conta desse acontecimento. Há quem acredite na traição de Canabarro, ou quem o defenda, pois, para muitos de seus defensores, ele tomou essa atitude, de não se preocupar com um possível ataque do inimigo, para não causar mais revolta interna, visto que a negociação de paz já estava em andamento. Entretanto, o óbvio é que desarmados o Corpo de Lanceiros foi brutalmente atacado. E, por estarem desarmados, tornaram-se presa fácil para o exército imperial. O pesquisador Ivo Caggiani, relata o ataque dizendo:

Um esquadrão de 40 homens [...] cai de chofre sobre o exército desprevenido [...]. Correm os soldados de todos os pontos, atônicos e assombrados, enquanto embalde procuram alguns oficiais organizar as fileiras. – É o Moringue! É o Moringue! É o grito de todas as bocas. A onda humana, que se espalhou em várias direções, tentava ganhar distância para se refazer [...]. Mas eis que a onda se despedaça de encontro a uma barreira inesperada. É o próprio Chico Pedro que, emboscado com o grosso de suas forças, esperava o resultado do ataque para surgir pela frente dos que fogem. A situação é terrível. Os farrapos, passado o primeiro momento de estupor, cobram ânimo e dispõem-se a morrer lutando. Teixeira, o bravo dos bravos, cujo denodo assombrou um dia ao próprio Garibaldi, reúne os seus Lanceiros, o quarto regimento de linha e alguns esquadrões afrouxam, mas os imperiais se multiplicam, surgem de todos os pontos. Segunda carga, mais impetuosa, mais desesperada é também repelida. É este o sinal da debandada geral. (...) Apenas alguns grupos matem-se resistindo e neles o combate se trava a arma branca. Tombam os Lanceiros Negros de Teixeira, brigando um contra vinte, num esforço incomparável de heroísmo [...] é

³⁶ Anais do Arquivo Histórico do Rio grande do Sul, v. 7, Porto Alegre: Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, 1933, Coleção Alfredo Varela, documento 3730, p. 247-248. (Coleção Varela).

³⁷ SILVA, Juremir Machado da. História regional da infância: o destino dos negros farrapos e outras iniquidades brasileiras (ou como se produzem os imaginários). Porto Alegre: L&PM, 2010. p.181.

³⁸ Idem. p.181.

uma carnificina sem nome, um desbarato completo. Um pouco mais e toda resistência se abate³⁹.

O ataque a Porongos deixou uma baixa para o exército farroupilha de 100 mortos, 14 feridos graves e mais de 300 prisioneiros. Além disso, o Império, após esse ataque, contabilizou para si aproximadamente mil cavalos, os armamentos e munições dos revoltosos. O General Davi Canabarro conseguiu fugir e com ele boa parte dos soldados brancos, em conformidade ao pedido de Caxias a Chico Pedro, de que se poupassem os brasileiros. Os Lanceiros Negros, juntamente com seu comandante Teixeira Nunes, foram os grandes heróis dessa batalha, pois sem armamentos lutaram até o final em nome da igualdade e fraternidade e da tão sonhada liberdade que nunca chegaram a alcançar. A morte dos Lanceiros Negros foi um obstáculo a menos para o Império, pois os governantes queriam o término da guerra e que fossem fechadas as tratativas de paz, porém não queriam conceder a liberdade aos escravos que lutavam como soldados pela República Rio Grandense.

Bento Gonçalves, apesar de estar fora das negociações da convenção de paz, devido à discordância com os demais chefes farroupilhas, sobretudo pelos rumos que a revolução estava tomando, mesmo assim, demonstrou sua indignação contra Davi Canabarro, dizendo em carta ao amigo Silvano:

[...] caminhos indispensáveis por onde tinha de avançar eram tão visíveis que só poderiam ser ignoradas por quem não quisesse ver nem ouvir, ou por quem só quisessem ouvir os traidores, talvez comprados pelo inimigo!!![...] Perder batalhas é dos capitães e ninguém pode estar livre disso; mas dirigir uma massa e prepará-la para sofrer uma surpresa é covardia do homem que assim se conduz.⁴⁰

Davi Canabarro traiu ou não traiu esses guerreiros? A historiografia não tem documentos que demonstrem ou defendam Canabarro, explicando os motivos que o levaram a deixar aqueles homens a morrerem como “bichos.” Ou ainda de não interpretar os sinais de um possível ataque do Moringa e o motivo pelo qual mandou desarmar a sua tropa mais forte que eram os Lanceiros Negros. A verdade se encontra dentro do modelo de sociedade escravista, em que, muitos dos líderes farroupilhas, ainda eram escravocratas. A morte dos escravos, portanto, significou a solução de grande parte dos problemas para definirem às negociações de paz.

³⁹ Anais do Arquivo Histórico do Rio grande do Sul, v. 7, Porto Alegre: Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, 1933, Coleção Alfredo Varela, documento 2330 p. 317.(Coleção Varella).

⁴⁰ SILVA, João Pinto. A Província de São Pedro (interpretação da história do Rio Grande). Porto Alegre: Globo. 1985. p 256.

Após o ataque a Porongos, as negociações de paz foram aceleradas. No entanto a situação dos negros que sobreviveram ao ataque era incerta. Alguns queriam que fossem libertados. Porém, Caxias tinha ordens de encaminhar os escravos sobreviventes e capturados do ataque às fazendas de café para trabalharem como mão de obra. Os farrapos não possuíam o que era vantagem de Caxias, tempo e dinheiro. Posto que, com o ataque a Porongos, os revolucionários ficaram desgastados, pois perderam munição, homens e principalmente não tinham capital para dar continuidade à resistência. Caxias se beneficiava disso para ganhar tempo e conduzir o tratado de paz da melhor forma possível em benefício do Império. Assim, com o objetivo de por fim à revolução, o Barão de Caxias convoca Davi Canabarro para continuar a negociação de paz. Para ele, Canabarro seria o homem certo e propício para os seus interesses.

O tratado de paz foi assinado entre 28 de fevereiro e 01 de março de 1845. No processo de paz, não participaram o General Bento Gonçalves, que não aceitava as imposições do Império em relação aos escravos, e o General Netto, que se encontrava em sua estância no Uruguai. Ambos insatisfeitos com o rumo da Revolução Farroupilha.

Por outro lado, Canabarro dava-se por satisfeito pelas “conquistas” que havia efetivado na assinatura de paz, pois, os farrapos não tinham mais condições de prolongar a Revolução por mais tempo, devido à escassez de recursos, tanto humanos quanto financeiros.

Caxias havia adaptado as disposições encaminhadas por Dom Pedro II em 1844, em um decreto secreto sobre as negociações de paz. Nesse decreto afirmou o Imperador:

Recorrendo à minha imperial clemência aqueles de meus súditos que, iludidos e desvairados, tem sustentado na Província de São Pedro do Rio Grande, uma causa atentatória da Constituição Política do Estado, dos decretos de minha Imperial Coroa firmados na mesma Constituição e reprovado pela nação inteira; que real e valorosamente se tem empenhado em debelá-la; e não sendo compatível com os sentimentos do meu coração o negar-lhes a paternal proteção a que os ditos meus súditos se acolhem arrependidos: Hei por bem conceder a todos, e a cada um deles, plena e absoluta anistia, para que nem judicialmente, nem por outra qualquer maneira, possam ser perseguidos ou de alguma sorte inquietados pelos atos que houverem praticado até a publicação deste decreto nas diversas povoações da Província⁴¹.

Dom Pedro II concedeu o indulto imperial aos revolucionários. Após a anistia conferida, os generais Caxias e Canabarro proclamaram o fim da Revolução Farroupilha. O documento que firmava o fim da Revolução, intitulado “Convenção de Paz entre o Brasil e os Republicanos”, não fora divulgado à população Rio-Grandense. O teor do documento de

⁴¹ Anais do Arquivo Histórico do Rio grande do Sul, v. 7, Porto Alegre: Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, 1933, Coleção Alfredo Varela, documento 1822 p. 87.(Coleção Varela).

negociação de paz, só foi divulgado à população, por intermédio de impressos intitulados “concessões obtidas,” que tinham somente a assinatura de Antonio Vicente de Fontoura.

As concessões de paz foram impressas de forma resumida, e nelas constavam alguns assuntos que não causariam revoltas nem constrangimentos de ambos os lados. Entre as questões abordadas no documento, constava que os republicanos escolheriam o novo Presidente da Província e que, se aprovado pelo governo imperial, o eleito assumiria o cargo imediatamente. O novo Presidente, “escolhido” pela maioria, foi Caxias, o grande pacificador da revolta, escolha aceita pela população com o aval de Dom Pedro II. Outro ponto crucial era referente ao pagamento que os estancieiros deveriam receber dos republicanos. Nesse quesito, o Governo Imperial comprometeu-se a quitar integralmente as dívidas de guerra.⁴² Sendo que, para isso, deveriam os devedores apresentar a Caxias os valores para o ressarcimento dos estancieiros.

Os oficiais pertencentes ao exército republicano passariam a pertencer ao exército brasileiro, o que beneficiaria D. Pedro II, pois ele precisava desses homens para cuidar da fronteira da região. Já os escravos, que auxiliaram na revolução foram considerados livres. No entanto, a História diante do destino do negro após a revolução, não deixa claro seu destino. O que se sabe, é que muitos dos negros foram mortos na batalha de Porongos, e sobre os que foram aprisionados, não há informação nos dados oficiais a respeito de seu destino.

Com base nos Anais do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, o Império garantiu a libertação dos soldados⁴³ - os brancos - feitos prisioneiros durante a revolução. Concedeu anistia a todos os homens que optassem em retornar pacificamente para a Província de São Pedro do Rio Grande e, para os estancieiros, garantiu a posse de suas propriedades.

Os republicanos conseguiram que Dom Pedro II se comprometesse a regular definitivamente a questão territorial com a República Ocidental do Uruguai. Contudo, cabe ressaltar, que em nenhum momento foi mencionada a questão da importação de charque do país vizinho, nem tampouco a redução de impostos cobrados pelo Império referente aos produtos produzidos na Província. A reivindicação, que era um dos estopins para a Revolução

⁴² “O império pagou aos revolucionários indenizações correspondentes aos negros doados para a revolução, ao gado vendido para manter a revolução entre outros pedidos de reembolso ao Império.” Segundo Juremir (2010), “[...] que nem o intrépido comandante Netto, talvez o mais romântico dos farrapos, recebera 250 mil cruzados, afirmando que o dinheiro era para vestir a tropa, mas, pobre tropa!, o dinheiro recebeu-se e ela continuou na nudez...” SILVA, Juremir Machado da Silva. **História regional da infâmia**: o destino dos negros farrapos e outras iniquidades brasileiras (ou como se produzem os imaginários). Porto Alegre: L&PM, 2010. p.32-33.

⁴³ “Quando se fala em liberdade aos soldados, eram os soldados brasileiros, o Império nunca considerou os Negros como soldados.” Juremir Machado da Silva. **História regional da infâmia**: o destino dos negros farrapos e outras iniquidades brasileiras (ou como se produzem os imaginários). Porto Alegre: L&PM, 2010. p.32-40.

Farroupilha, foi negligenciada pelo Imperador, sem qualquer questionamento por parte de Davi Canabarro.

Dessa forma, os negros e os impostos foram deixados para trás, com a finalidade de garantir a propriedade e a liquidação da dívida ativa dos estancieiros. Os negros esquecidos pelo povo rio-grandense tiveram sua história de luta apagada junto com a dos escravos no massacre de Porongos. Foram, portanto, traídos duas vezes. A primeira em Porongos, por quem devia protegê-los e a outra, pelo povo e os seus representantes, que não souberam fazer valer os seus direitos por lutarem pela causa da Revolução Farroupilha.

O ataque a Porongos demonstrou que a sociedade Rio-Grandense não tinha interesse pelos negros. Os mesmos viviam às margens da sociedade, buscando na maioria das vezes formas para sobreviver a partir de seu papel de mera mercadoria e pouco podendo opinar sobre a sua condição servil. No processo de paz, não foi diferente, novamente foram postos de lado, pois o que prevalecia eram os interesses dos estancieiros farroupilhas. O Império também exerceu sua pressão diante dos escravos, isto é, o imperador não queria conceder a liberdade aos negros que participaram da revolução.

A historiografia negligenciou durante muito tempo os negros que realmente lutaram no período da Revolução Farroupilha. Posto que a História fosse construída em cima de heróis, que foram glorificados durante os séculos que se sucederam a Revolução Farroupilha. Essa forma de contar a História exclui a produção do homem comum e reduz o acontecimento aos heróis e aos eventos bélicos. Com isso, a História se restringe somente aos grandes nomes da revolução, deixando para trás os que lutaram e morreram sem ter a possibilidade de escrever sua própria trajetória na guerra.

2.3 General Antônio de Souza Netto

Conforme Matheus Luis da Silva (2013), Antônio de Souza Netto nasceu na cidade de Povo Novo, distrito do Município de Rio Grande, em 25 de maio de 1803. Era filho de José de Souza Neto, natural de Esteio e Teutônia Bueno, natural de Vacaria. Seus avôs paternos eram Francisco Souza, natural de Colônia do Sacramento e Ana Maria, natural de Açores. Seus avôs maternos eram Salvador Bueno da Fonseca e Ignácia Antônia de Araújo Rocha, ambos natural de Itu em São Paulo.

Netto estudou na Freguesia de São Francisco de Paula, atualmente cidade de Pelotas, junto com seus irmãos Rafael e Domingos Neto. Já adulto mudou-se para Bagé, onde se tornou estancieiro, criador de gado e cavalos. Logo após a incorporação da Província

Cisplatina pelo Império Brasileiro, foi residir no Uruguai. Na guerra Cisplatina (1825-1828), como jovem e intrépido capitão de Cavalaria da Guarda Nacional, na cobertura de nossa Fronteira, no corte do rio Jaguarão. Com a criação da Guarda Nacional (1831) passou a ser Coronel de Legião da Guarda Nacional de Bagé. Ao iniciar o movimento de 1835 (Revolução Farroupilha), Netto era comandante do Corpo da Guarda Nacional de Piratini, composto por recrutas de Piratini, Canguçu, Cerrito (atual Vila Freire), Bagé e Piraí, todos esses locais eram distritos pertencentes à vila de Piratini, criada por decreto do imperial em 1830.

Netto atuou na Revolução Farroupilha desde o início da revolução até os momentos do tratado de paz, quando decidiu se exilar no Uruguai, pois não concordava com os termos do Acordo do Ponche Verde. Netto comandou o Exército Farroupilha e foi responsável pelo cerco à cidade de Porto Alegre (1835 a 1836), porém os revolucionários não conseguiram tomá-la definitivamente perdendo a cidade para os Imperiais.

O General Netto prestou serviços ao Império Brasileiro defendendo as fronteiras brasileiras na guerra da Cisplatina 1825-28, contra Aguirre 1864 e da Tríplice Aliança contra o Paraguai, de 1865-66. Na Guerra do Paraguai, no comando de uma Brigada de Cavalaria Ligeira de Voluntários, fazendo a vanguarda do Exército Brasileiro, ao comando de Osório, de Uruguaiana até Tuyuty. Foi dos primeiros, junto com o General Osório a pisar no solo adversário, em Passo do Rosário, em 16 de abril de 1866.

Em 24 de maio de 1866, por ocasião da batalha de Tuyuty, a maior batalha campal da América do Sul, desempenhou com seus cavaleiros montando cavalos amilhados, importante função tática em Potrero Pires. Essa tática proporcionou a vitória na batalha de Tuyuty.

O General Netto, no início da Revolução Farroupilha era capitão da Guarda Nacional, após a proclamação da República Rio-Grandense nos campos de Seival, em 11 de setembro de 1836, tornou-se general.

Além do mais, foi o maior cavaleiro e líder de combate da Cavalaria da República Rio-Grandense. Comandou a Brigada Liberal integrada por filhos dos atuais municípios de Piratini, Canguçu, Pedro Osório, Pinheiro Machado e Bagé, até o Piraí, no combate de Seival, de 10 de setembro de 1836, com a ajuda do Corpo de Lanceiros venceu a batalha de Seival e proclamou a República, alimentando ainda mais o sonho de liberdade dos escravos que atuavam no Corpo de Lanceiros.

Na batalha de Seival os farrapos se encheram de esperança após a vitória, num período extremamente adverso à Revolução Farroupilha, assinalado por derrotas frustrantes e a prisão de Bento Gonçalves, na ilha de Fanfa, em 4 de outubro de 1836, por Bento Manuel Ribeiro.

Netto desempenhou por um bom tempo, até o retorno de Bento Gonçalves, as funções de comandante chefe do Exército. Bento Gonçalves quando conseguiu escapar da prisão, retomou a liderança da Revolução Farroupilha. As funções de Chefe do Estado-Maior do Exército da República Rio-Grandense voltaram às mãos de Bento Gonçalves.

Netto, como já foi citado antes, por não concordar com os termos do Acordo do Ponche Verde tomou a decisão de exilar-se no Uruguai. Em seu auto-exílio no Uruguai, Netto teve condições de criar gado e se tornar um fazendeiro próspero em terras estrangeiras.

O exílio de Netto a Montevideú só foi possível após um acordo entre o Império Brasileiro e o governo de Montevideú. Por causa da posição geográfica da República Oriental do Uruguai ocupava em relação ao Rio Prata, bem como grande parte do território da Província do Rio Grande de São Pedro, era disputada pelas Coroas Ibéricas e posteriormente pelos novos Estados que se formavam na região de Buenos Aires que desejava incorporar aos seus domínios esses outros territórios para consolidar as “Províncias Unidas do Rio da Prata”.

Nos anos de 1825 e 1827, o Brasil enfrentou as Províncias Unidas do Rio da Prata com o objetivo de incorporar o território aos seus domínios. Ao término do conflito, foi criada a República Oriental do Uruguai, em 1828. Mesmo a criação de um Novo Estado, não impediu que os brasileiros mantivessem negócios com a Região Oriental. Grande parte das terras e dos gados se encontrava em posse de brasileiros que mantinham negócios no território do Uruguai.

O Uruguai sofria com disputas internas desde 1839. O Governo de Montevideú solicitou ajuda ao Império Brasileiro para vencer Oribe, que tinha apoio de Rosas (caudilho bonaerense). Oribe era nacionalista e queria combater as elites estrangeiras que dominavam o país. Entre essas elites, encontravam-se os brasileiros que moravam e tinham negócios no território Uruguai.

De acordo com Matheus Luis da Silva (2013), o Império Brasileiro, em troca do auxílio ao Uruguai, obrigou o governo de Montevideú a assinar cinco tratados: O de Aliança que autorizava o Império a intervir militarmente se necessário nos assuntos internos dos uruguaios; O de Extradicação que obrigava o Uruguai a devolver os escravos que fugissem para a região e não aceitava a abolição uruguia, podendo os estancieiros brasileiros ter escravos em suas terras no Uruguai; O Tratado de Socorros que determinava um pagamento mensal por parte do Império ao governo da República Oriental para auxiliar com os custos da administração; O Tratado de Comércio e Navegação convertia o Uruguai praticamente numa “reserva de gado” para o Império Brasileiro. E por último, o Tratado de Limites que estabeleceu as fronteiras entre Império Brasileiro e República Oriental, estabelecendo a

fronteira norte do Uruguai no rio Quarai, ficando com o Império Brasileiro com o domínio total sobre a Laguna Mirim e o rio Jaguarão, fazendo com que o Uruguai perdesse definitivamente imensos territórios em disputa.

O Império Brasileiro, além de garantir segurança ao território, ainda residência aos brasileiros no Uruguai que veio mais tarde beneficiar Antônio de Souza Netto, que se refugiou no Uruguai após o término da Revolução Farroupilha. Netto foi um próspero criador de gado e cavalos e também possuía escravos que trabalhavam em sua estância no Uruguai.

Com esses indícios e os tratados entre o Estado Oriental e o Império Brasileiro não é possível afirmar que Netto tenha se exilado ou buscou exílio no Uruguai. Ao que tudo indica com o término da Revolução Farroupilha, Netto retornou ao Uruguai por possuir relações comerciais na região.

3 NETTO PERDE SUA ALMA: UMA RELEITURA DA REVOLUÇÃO FARROUPILHA

3.1 O autor

Tabajara Ruas rompe com as velhas tradições de escrever a História, em seu romance histórico, *Netto Perde sua Alma*. Rompe com a História tradicional para revalorizar os acontecimentos históricos através da Literatura. Por outro lado, essa relação entre História e Literatura conduz a uma nova linguagem a um novo estilo em que convive o real e o fictício.

O cineasta e escritor Marcelino Tabajara Gutierrez Ruas nasceu na cidade de Uruguaiana, Estado do Rio Grande do Sul, a 11 de agosto de 1942. Iniciou seus estudos em Arquitetura, na UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), concluindo-o em Copenhagen, na Kongeligkunsacadami. Na Dinamarca, cursou cinema na High School de Vejle. Exilado, viveu entre 1971 e 1981 no Uruguai, Chile, Argentina, Dinamarca, São Tomé e Príncipe e Portugal, retornando ao Brasil em 1981. Tabajara Ruas publicou o seu primeiro romance, *A região Submersa*, em Portugal e na Dinamarca, conquistando grande sucesso. No Brasil, esse romance só é publicado anos mais tarde. Tabajara Ruas também atua no cinema desde o ano de 1978. Entre diversos títulos e homenagens a sua obra, foi condecorado em 2004 com a ordem do Mérito Judiciário do Trabalho, no grau de comendador.

No final da década de 1990, Tabajara Ruas produziu, roteirizou e dirigiu com Beto Souza o longa-metragem *Netto Perde sua Alma*, baseado em seu romance homônimo. A obra literária recebeu o Troféu Açorianos de literatura. O filme estreou em setembro de 2001 e foi um dos três selecionados no I Prêmio RGE Governo do Estado do RS. Participou de 28 mostras em 16 países diferentes e recebeu 13 prêmios em cinco festivais: Festival de Gramado/2001; Festival de Brasília/2001; Festival de Huelva; Espanha; Festival de Recife/2002; Festival de Trieste, Itália/2002. Em 2002 e 2003 Tabajara foi consultor especial da Rede Globo para a produção da mini-série *A Casa das Sete Mulheres*.

No ano de 2006, Tabajara Ruas roteirizou, com Letícia Wierzschowki, o filme *O Tempo e o Vento*, baseado na obra de Érico Veríssimo que teve como diretor Jayme Monjardim. Criou o texto *Cerro do Jarau*, lançado em março de 2006, com contexto original de Beto Souza. Tabajara Ruas roteirizou ainda: *Kilas*, *O Mau da Fita*, de José Fonseca e Costa, no ano de 1978, premiado no Festival de Locarno, Biarritz e Lisboa; *Anahy de Las Misiones*, de Sérgio Silva, no ano de 1997, premiado como melhor filme e roteiro no Festival de Brasília; *Concerto Campestres*, de Henrique de Freitas Lima, no ano de 2003, premiado no I Prêmio

RGE Governo do Estado do RS; *A Antropologia*, em fase de finalização, já premiado no concurso Cinemateca Catarinense/Governo do Estado de Santa Catarina, no qual além de roteirista é produtor; *Garibaldi in América*, minissérie em fase de captação de recursos; *Anita e Garibaldi*, longa-metragem escrito para Laz Produções; Autor do argumento de *O Fascínio*, de José Fonseca e Costa. No ano de 2007, foi lançado um documentário em longa-metragem *Brizola-Tempos de Luta*, que tem Tabajara como diretor. Trata-se de um apanhado dos 60 anos da atuação política de Leonel de Moura Brizola.

Tabajara Ruas, produziu, dirigiu e roteirizou também o longa-metragem *As Cartas do Domador*, além de produzir e dirigir o longa-metragem *Os Senhores da Guerra*. O filme aborda a história de dois irmãos Bozzano na Revolução Federalista de 1923. O roteiro do filme foi produzido por Tabajara Ruas e José Antônio Severo. Tabajara Ruas também roteirizou e dirigiu o longa-metragem *Netto e o Domador de Cavalos*, que conta a história da Guerra dos Farrapos, no qual o general Antonio de Souza Netto, Werner Schünemann, descobre que um antigo parceiro, Índio Torres, Tarcísio Filho, está preso. Para libertá-lo, envolve-se com escravos rebelados. Entre eles, o Negrinho, o melhor ginete da fronteira.

O escritor Tabajara Ruas possui várias obras publicadas em mais de dez países, além do Brasil. *A região submersa* (Dinamarca e Portugal), *Perseguição e cerco a Juvêncio Gutierrez* (Colômbia e Uruguai), *Netto perde sua alma* (Uruguai e Portugal), *O fascínio* (Uruguai e Portugal), *A cabeça de Gumercindo Saraiva*, *El cerco* (Uruguai), *Frontera* (Chile), *Garibaldi e Rossetti* (Itália), *Os Varões Assinalados* e *O Amor de Pedro por João*. Além das obras, publicou ensaios, realizou traduções, participou de coletâneas.

Tabajara Ruas publicou o romance *O Detetive Sentimental*, e o primeiro volume da trilogia juvenil *Diogo e Diana: Meu Vizinho tem um Rottweiler e Jura que ele é manso*.

3.2 O Romance

O romance *Netto Perde sua Alma*, do autor Tabajara Ruas, foi escrito em 1995. O livro mistura personagens reais e ficcionais, contando a história de Antônio de Sousa Netto (1803 – 1866), general que lutou na Revolução Farroupilha (1835-1845) e, mais tarde, na Guerra do Paraguai (1865-1871). No final da década de 90, produziu, roteirizou e dirigiu com Beto Souza o longa-metragem *Netto Perde sua Alma*, baseado em seu romance.

O romance está dividido em seis partes: *Corrientes*; *Reunião do morro da fortaleza*; *Dorsal das encantadas*; *Último verão no continente*; *Piedra sola* e por fim, volta ao início,

Corrientes. Porém, antes de ler a Parte I – *Corrientes* é preciso ler o *Prólogo*, assim como o nome sugere, o que se diz antes.

O “Prólogo” adianta ao leitor a morte do general Netto; agora resta a este saber como um dos protagonistas da Guerra dos Farrapos “perdeu sua alma.” O início de cada capítulo localiza a história no espaço e no tempo, de acordo com o eixo espaço-temporal, e temática em relação aos fatos históricos associados à vida do protagonista. Cabe lembrar que a própria segmentação produz efeitos genuinamente épicos, na medida em que pode, em cada unidade, construir seu próprio sentido interno, episódico.

Tabajara faz um flashback ao iniciar o seu romance dizendo, “Pontual como sempre, a enfermeira-chefe Rosita Zubiaurre atravessa o corredor com seu passo enérgico em direção aos quartos dos oficiais (...)”.⁴⁴ Os oficiais a que o autor se refere são o major Ramírez e o general Netto, ambos mortos. O primeiro causou calafrios na enfermeira que, mesmo acostumada com a morte, aterrorizou-se com a expressão do major. Seu rosto estava retorcido como se estivesse padecido de uma agonia atroz. Apreensiva, vira-se para o general Netto, porém ele se encontrava com uma expressão serena. E o espelho em suas narinas afirmava que Netto também estava morto.

3.2.1 A história narrada: uma análise

Em *Corrientes*, que é a primeira parte do romance, o narrador apresenta o personagem principal, o general Netto, que se encontra gravemente ferido. Ele é levado para o hospital de Corrientes, na Argentina, onde receberá tratamento médico. Netto, após ser medicado, é conduzido para o quarto que será dividido com o capitão de los Santos e o major Ramírez.

O capitão de los Santos aguarda para ser submetido a uma cirurgia em sua perna. Porém, o que deveria ser um pequeno procedimento, acabou tornando-se um pesadelo para o capitão, pois, o médico acabou amputando suas duas pernas. Desesperado, o capitão começou a gritar e acusar o médico, alegando que ele amputou as pernas propositalmente e sem necessidade. Netto corre para interferir e acalmar o capitão de los Santos. Durante a sua recuperação, o capitão desaparece misteriosamente.

Nesse meio tempo, Caldeira aparece para Netto e os dois conversam sobre assuntos diversos. Nesse diálogo, eles conversam sobre as aspirações da Guerra do Paraguai e comentam sobre a Revolução de 35. Caldeira menciona que recebeu trechos de uma carta

⁴⁴ RUAS, Tabajara. Netto Perde sua Alma. 3.ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.p. 9.

escrita por Garibaldi. Nessa carta, Garibaldi relembra momentos que passou no Rio Grande do Sul, sua passagem pela Revolução Farroupilha e destacava também a valentia da cavalaria rio-grandense.

Netto depois de ouvir o sargento Caldeira, olha para o teto e em seguida começa examinar o sargento. Pondera um momento, chama-o e olha bem dentro dos seus olhos e sussurra: *Sargento Caldeira preciso matar um homem*. A partir desse momento, no romance, segue no capítulo II - *Reunião no morro da Fortaleza*. Nesse instante, o foco da narrativa está na Revolução Farroupilha, decorridos cinco anos após a deflagração da guerra. Nesse momento dois personagens-chaves serão introduzidos: o sargento Caldeira, que acompanhará Netto até o final de sua vida, pois, acredita nos ideais de Netto. Caldeira incentiva Netto a declarar a República Rio-Grandense. O outro personagem é o menino Milonga, um escravo que foge da fazenda para juntar-se às tropas farroupilhas, pois acredita nos ideias revolucionários e deseja entrar para o Corpo de Lanceiros. Teixeira tenta persuadir Milonga para não ingressar nas tropas farroupilhas dizendo que:

- *Tu és muito jovem para ser um soldado, Milonga.*
- *Não para ser escravo, Capitão*⁴⁵.

Milonga é um negrinho idealista que busca na revolução sua liberdade, ao contrário do sargento Caldeira, que conhecia as artimanhas da política e passou a vida ao lado do General Netto em busca de um fato político. Milonga, por sua pouca idade, tinha uma ingenuidade quase infantil, pois acreditava em tudo o que os comandantes da Revolução Farroupilha diziam, além de ter um deslumbramento pelos acontecimentos.

Além disso, Tabajara Ruas recupera momentos históricos no capítulo III - *Dorsal das Encantadas*, pois, o ano é de 1936, já se passaram dois anos da declaração da independência (20 de setembro), os farrapos comandados pelo General Netto derrotaram o coronel João da Silva Tavares, e tiveram uma importante vitória em Campos do Seival. Essa vitória empolgou os líderes farroupilhas e no calor da vitória, Netto proclamou a República sul-rio-grandense.

Nesse capítulo, a passagem de tempo é marcada pela voz dizendo a Netto: “tens trinta e dois anos, amanhã vais fundar um país”. (RUAS, 2005, p. 87). A partir deste momento, nove anos se passaram depois do vilarejo de Ponche Verde, município de D. Pedrito, Província de São Pedro do Rio Grande.

No capítulo *Último verão no continente*, Tabajara Ruas retoma o fim da Revolução Farroupilha. O capítulo se encerra com uma simples frase do sargento: “Milonga, negrinho

⁴⁵ RUAS, Tabajara. Netto Perde sua Alma. 3.ed. Rio de Janeiro: Record, 2005. p. 56.

burro, matar um general não é mais um fato político”. (p.102). A frase, irônica, permeia a ideia do romance. Por qual fato político eles lutavam na Revolução Farroupilha?

No capítulo V - *Piedra Sola*, Tabajara Ruas antecipa o tempo, ou seja, a narrativa ocorre dezesseis anos após a morte de Milonga. Netto vai exilar-se em sua fazenda, onde viverá atormentado por sua consciência, apesar de compartilhar seus dias com uma índia velha (Concepción) que cozinha para ele e seu afilhado Benedito. Benedito é um negrinho de vinte e oito anos que Netto encontrou perdido e faminto, dezesseis anos atrás, quando a guerra havia acabado e estava marchando para o exílio. Entretanto, Netto, mesmo tendo a companhia dos seus serviçais ainda se sentia extremamente só.

No capítulo *Piedra Sola*, o romance reúne dois movimentos contrários e complementares. O primeiro é o diálogo entre Netto e Mr. Thornton⁴⁶, sobre divergências políticas.

- [Netto fala:] O pequeno detalhe, Mr. Thornton, é que ele (Solano López) não quer vender seu algodão (à coroa inglesa). Ou talvez queira, ao preço que achar mais conveniente.
- Vosmecê, Mr. Netto tem o dom de simplificar temas complexos com uma candura comovente. Se admira tanto o ditador, por que é contra ele?
- Não o admiro. Apenas não ando distribuindo adjetivos como bárbaro e sanguinário quando quero dizer concorrente comercial ou com interesses econômicos diversos.
- Então vosmecê não é contra ele?
- Sou contra suas ideias. Não gosto de ditadores. Não gosto do poder absoluto. Não precisamos desse exemplo na nossa América. É uma mentira que a vontade individual de um homem vai mudar a História.
- Mr. Thornton afirmou que o livre comércio é a base da democracia – disse Maria. -
- No seu entender, general, qual é a base da democracia?
- A vontade do povo, senhorita Maria. Quando a vontade do povo não for manipulada, quando ela determinar livremente o seu destino, nossos países serão fortes e prósperos. Não precisamos de imperadores nem de reis.
- Nem de rainhas.
- E, naturalmente, nem de caudilhos⁴⁷. (RUAS, 2005, p. 122-123.).

⁴⁶ Embaixador inglês. RUAS, Tabajara. Netto Perde sua Alma. 3.ed. Rio de Janeiro: Record, 2005. p. 122-123.

⁴⁷ “São denominados caudilhos os políticos e grandes líderes de determinadas nações que exercem seu poder de forma carismática e de caráter populista por vias autoritárias ou autocráticas, fazendo com que sejam associados aos ditadores e tiranos.

A corrente do caudilhismo teve grande expressividade na América Latina, principalmente nos países que foram colonizados pela Espanha. Historicamente, os caudilhos foram se formando ao longo da independência das nações latino-americanas de suas colônias. Muitos deles eram grandes senhores de terra que queriam fazer prevalecer seus direitos acima dos outros de qualquer maneira.

No Brasil, com a força política da elite agropecuária e cafeicultora, muitos senhores de engenho formaram exércitos próprios e leis que privilegiavam sua autoridade para exercer um mandato sustentado por interesses pessoais e políticos.

Com os grandes avanços do sistema republicano em nações como Estados Unidos e França, os países latino-americanos queriam acabar com o regime autoritário das monarquias e acabaram formando governos influenciados pelos interesses das elites, os tais caudilhos.

Principais articuladores de movimentos de independência que pretendiam estabelecer o regime republicano, os criollos defendiam a importância do setor agroindustrial e do comércio de produtos manufaturados para impulsionar a economia local e criar mais empregos.” SILVA, Tiago Ferreira da. Caudilhismo. Disponível em: <http://www.infoescola.com/historia/caudilhismo/>. Acesso em: 19 de jan. de 2014.

O segundo momento é o diálogo de Netto com Maria Escayola, sua futura esposa, uma mulher inteligente e perspicaz, que norteia com sabedoria a conversa entre Mr. Thornton e Netto. Maria é uma dama da aristocracia de Paissandu. Do ponto de vista da sociedade da época, Maria deveria se envolver apenas com leituras banais e bordados. Porém, ela conhecia bem os horrores da guerra, pois já havia perdido seu noivo. Maria conviveu com o sofrimento dele em cima de uma cama até a sua morte.

Netto se declara à Maria com uma palavra que para ele era sagrada e obscena - *Amor*. Maria se entrega aos encantos do general e indaga ao futuro companheiro: - “Vem aí outra guerra. Não vem aí outra guerra?” (p.136). Maria já tinha a resposta para a sua pergunta, pois sabia que Netto se alistaria em novas guerras. O leitor também já conhecia a resposta dessa indagação através do contexto da narrativa. Já se sabe que Netto havia se alistado na Guerra do Paraguai, aonde mais tarde viria a morrer por causa da febre causada por um ferimento infeccionado.

Tabajara Ruas, no capítulo de *Piedra Sola*, proporciona ao leitor uma explicação teórica para os eventos que desencadearam a Guerra do Paraguai, além do significado político dessa guerra na visão do imperialismo britânico na América do Sul. Nesse capítulo, Tabajara utilizou um intermédio lírico entre as cenas de batalha e violência, que constituem o grosso da narrativa, e por outro lado, evidenciou o lirismo do personagem, ou seja, humanizando-o, pois admitiu que um general também fosse capaz de amar. O capítulo serviu para mostrar os dois lados invisíveis da guerra, seja por motivos políticos e financeiros, como o caso da Inglaterra, e por fim, os danos e a dor que a guerra causa à vida dos indivíduos: a destruição de lares e a infelicidade familiar.

O narrador aponta uma sequência interminável de guerras, massacres, tiranias, evidenciando que o tema da violência está associado ao domínio e poder. Causadas principalmente pelo domínio econômico sobre o charque, as brigas ocorridas acabam causando principalmente a destruição e o massacre dos negros.

É possível perceber a visão do narrador em relação à guerra, que descreve as condições do homem sem o amparo da Corte a submissão a uma autoridade que não se preocupa com as condições e recompensas pelo trabalho.

O capítulo V - *Piedra Sola* termina com uma pergunta de Maria para Netto. Ao término dessa indagação, o leitor voltará para o capítulo VI - *Corrientes*. Nessa parte, Tabajara retoma o diálogo entre Netto e o sargento Caldeira. Netto continua com muita febre, não distingue mais o real do imaginário. No romance, o general solicita a opinião de Caldeira sobre o que

aconteceu com o capitão de los Santos, que teve suas pernas amputadas pelo tenente-coronel Philippe Fointainebleux.

No entender de Netto, o capitão de los Santos queria que ele tomasse uma providência contra o sanguinário que havia amputado suas pernas. Netto havia entendido que a súplica do capitão de los Santos por justiça era uma nova batalha que ele, como general, não podia deixar de travar. Netto sabia que denunciar o tenente-coronel Philippe Fointainebleux⁴⁸ não adiantaria. Para Netto, a melhor solução seria matá-lo e, para isso, contava com a ajuda de um velho amigo e companheiro de batalhas, o sargento Caldeira.

No entanto, o sargento Caldeira também gostaria da permissão do general Netto para completar sua missão de vingança⁴⁹. Netto afirma para Caldeira que vingança não é a mesma coisa que justiça, porém, Netto dá seu consentimento para o sargento Caldeira cumprir sua missão. Netto pergunta para Caldeira como iria realizar sua missão, ele confessa que não havia pensado nisso, mas, reflete e logo dá uma resposta para a indagação de Netto, “Talvez apertando com o travesseiro nas ventas dele, até que pare de respirar”. (RUAS, 2005, p.142).

Antes, porém, de pôr o plano em prática, Netto confessa ao sargento Caldeira que ficava pensando nas pessoas que matou: - “Eu matei índio. Matei negro. E matei brancos. Mas do que tudo matei castelhanos: uruguaios, argentinos, paraguaios, chilenos. Matei portugueses. Matei galegos”. (RUAS, 2005, p.143).

Netto parece se arrepender de tantas mortes, diz ainda ao sargento que tentava justificar, dar um sentido decente àquela sangueira toda. Parece que Netto começa a pensar o porquê de tanto sangue derramado, qual é o verdadeiro fato político por trás dessas mortes. Essa avaliação crítica sobre os aspectos negativos causados pela guerra e as perdas sofridas pelas famílias pode ser observada em várias outras passagens que recebem o mesmo tratamento, como por exemplo, na reflexão do trecho abaixo:

A gente não quer acreditar que tudo é inútil. A gente quer se lembrar por que matou tanto e pensa nas idéias, nas grandes palavras, e não acha resposta que valha a pena tanto sangue. Não me lembro mais das palavras, só me lembro dos mortos, um a um. Negros, brancos, índios, cafuzos, a interminável procissão de gente morta nessas guerras do pampa. (RUAS, 2005, p.143).

No entanto, quando Caldeira disse que lembrava só de um negrinho, Netto esqueceu sua crise de consciência e com dificuldades sentou na cama e pegou o travesseiro estendendo para o sargento, - “Vamos cumprir nossa obrigação”. (RUAS, 2005, p.144). Novamente Netto vai

⁴⁸ Cirurgião. RUAS, Tabajara. Netto Perde sua Alma. 3.ed. Rio de Janeiro: Record, 2005. p. 13.

⁴⁹ Caldeira queria matar o major Ramírez por ser um sanguinário. RUAS, Tabajara. Netto Perde sua Alma. 3.ed. Rio de Janeiro: Record, 2005. p. 144-145.

esquecer as pessoas que confessou que matou e que o atormentavam, para lembrar o que havia esquecido por alguns instantes, seus ideais políticos.

Caldeira ordenou que Netto pegasse as pernas do major Ramírez enquanto que ele o sufocava, Netto já se encontrava mais fraco e sem força, mas conseguiu junto com Caldeira matar o major Ramírez. No instante que está sufocando o major Ramírez, Caldeira afirmava que,

- Ele matava crianças, general. E mulheres. E grávidas. E pobres velhos. Eu vi ele matar abrir uma cova e mandar jogar lá dentro o que restava duma povoaçãozinha chamada Ayuí-Chico. Umas setenta pessoas, mais ou menos. Todos pobres e desarmados. E ele dava risadas e se achava um grande herói. Grande Herói do Exército da Tríplice Aliança. (RUAS, 2005, p. 144).

Caldeira continua,

- Eu venho seguindo ele, general. Desde Uruguaiana estou de olho nele. Eu vi ele mandar botar no rio corpo de cristão que morreu de cólera, pra contaminar as pobres gentes. Vi ele arrancar a pele dum índio pra vender no comércio.
 - Ele é uma besta humana, mas os paraguaios também fizeram muita barbaridade com nossa gente, em Uruguaiana, em Passo Fundo, no Touro Passo.
 - Eles estão pagando caro, general, mas este vai ficar impune, vai ganhar promoção e medalhas. (RUAS, 2005, p. 144-145).

O major Ramírez era considerado um herói de guerra, pois arriscou a própria vida tomando um canhão paraguaio sozinho, por isso, conquistou a admiração de todos. Porém, esse herói tão ovacionado pelos seus atos de bravura não passava de um criminoso de guerra, de um sanguinário que tinha prazer em ceifar a vida humana. O narrador, nesta passagem, mostrou os dois lados de um herói. E ao mesmo tempo, desconstrói a figura do herói. Aqui, novamente, a Literatura demonstra o que a História tradicional esconde e que, na verdade, não há heróis em uma guerra.

Caldeira não parou de apertar o travesseiro enquanto Ramírez não ficou completamente imóvel. Após sua morte, Netto convocou o sargento para irem atrás do *carniceiro*, tenente-coronel Philippe Fointainebleux. Mas antes de irem, Netto solicitou ajuda ao sargento Caldeira para se vestir, estava mais fraco e não sentia mais a mão direita. Netto não admitia que um general andasse de camisolão como se fosse um fantasma e com a ajuda do sargento, Netto vestiu sua farda e ainda completou ao ver seu reflexo nos vidros da janela, - “Um oficial rio-grandense tem o dever de cuidar da aparência”. (RUAS, 2005, p.148).

Enquanto se arrumava, Netto contou como foi sua audiência com o Imperador do Brasil, quando levou um pedido dos seus amigos.⁵⁰ Lembrou também que o Imperador perguntou se era verdade que ele não tirava o chapéu para monarcas? Netto respondeu:

- É verdade, Imperador, mas também é verdade que eu nunca fiz desfeita a um homem na casa dele. Por isso vim fardado de milico. Um oficial não precisa se descobrir em qualquer circunstância. Só diante de uma dama. É etiqueta, não é verdade? Ele teve que concordar que era verdade. (RUAS, 2005, p. 148).

Netto não tinha interesse de provocar uma guerra, o seu objetivo era somente ajudar seus companheiros que viviam exilados no Uruguai e estavam sendo perseguidos por Pancho. Nesse momento, o sargento alcançou-lhe o quepe. Netto arrumou na cabeça e continuou a contar sua visita ao imperador:

- O Imperador do Brasil me disse que admirava nossa bela Província, mas que padecia muito com o ânimo belicoso dos rio-grandenses. Que era homem de bem, que amava as belas-artes e a democracia. Eu respondi que até onde sabia, os rio-grandenses também amavam as belas-artes e a democracia. Mas que tínhamos sustentado duzentos anos de guerras de fronteiras, e que sabíamos que mais guerras ainda viriam. Não éramos belicosos, como ele dizia, porque assim o desejávamos, mas porque, se a uns coube o destino de Atenas, a outros coube o destino de Esparta. (RUAS, 2005, p.149).

Netto faz uma crítica a D. Pedro II, quando afirma que para uns coube o destino de Atenas e para outros o destino de Esparta, ou seja, para que Atenas (Corte) pudesse existir e se manter no poder, era preciso a presença dos espartanos (Os rio-grandenses) que lutariam não para dominar Atenas, como ocorreu na História Antiga, mas para defender o governo e seus interesses. Enquanto que Esparta pegava em armas para defender as fronteiras do país, a corte continuava a se dedicar às belas-artes. Também podemos ressaltar nessa fala uma veia literária no homem que era um comandante de armas e que passou grande parte de sua vida nos campos de batalha, isto é, Netto demonstrou ao Imperador que apesar de ser um homem de armas, apreciava boas leituras e era um profundo conhecedor das belas-artes.

Netto, depois de arrumado, deu mais uma olhada no vidro da janela e pediu para o sargento Caldeira pegar o bisturi que se encontrava na gaveta. O sargento alcançou o instrumento cirúrgico, Netto pegou e o colocou no bolso, pois não queria sujar o seu sabre com o sangue do tenente-coronel Philippe Fointainebleux, a quem chamava de verme. Logo

⁵⁰ “Netto foi procurar o Imperador para pedir que ele tomasse uma providência contra o governo de Pancho, que perseguia os brasileiros que moravam no Uruguai.” RUAS, Tabajara. Netto Perde sua Alma. 3.ed. Rio de Janeiro: Record, 2005. p. 148.

em seguida, disse a Caldeira, - “Agora, em frente” (RUAS, 2005, p.149). Caldeira abre a porta e olha o corredor, vê que está tudo bem, mas antes de seguir em frente houve a voz do general, quase uma lamúria, dizendo que não sentia mais a mão direita. Netto se sente envergonhado ao olhar nos olhos do sargento, alguns segundos depois, diz que já se sente melhor. Era como se convocasse a magia da farda para lhe dar mais força extra para dar continuidade ao seu plano.

Ambos seguem corredor afora, mas antes de chegar ao consultório do tenente-coronel Philippe Fointainebleux, Netto tem um delírio. Vê a imagem de sua fazenda La Glória numa tarde de sol, e suas filhas montadas em seus pôneis trotando em círculos, Maria na varanda com o tricô na mão. Netto, com muita força de vontade, varreu aquela aparição e se concentrou em seu plano. Ao chegar ao gabinete do tenente-coronel Philippe Fointainebleux, observaram que ele dormia em cima de um livro de capa escura. Como um jaguar, Netto e Caldeira se posicionaram atrás do tenente-coronel Philippe Fointainebleux. O sargento Caldeira agarrou os cabelos e puxou para trás a cabeça do tenente-coronel Philippe Fointainebleux, que abriu os olhos pensando estar em um pesadelo e, antes que gritasse, cortou sua garganta. O sargento Caldeira largou a cabeça do tenente-coronel Philippe Fointainebleux sobre a escrivaninha e olhou para Netto e disse - “Este não carneia mais ninguém”. (RUAS, 2005, p.151).

Netto convida o sargento para ir embora. Ambos saíram do gabinete e fecharam a porta com cuidado, dirigiram-se ao corredor e saíram pela longa varanda. A chuva era fina, Netto sentiu um arrepio, longo, gelado, insolente que o atravessou de lado a lado fazendo-o estremecer. Netto diz a Caldeira que esqueceu sua capa, o sargento diz para Netto não se preocupar que vai buscá-la. Enquanto o sargento Caldeira vai buscar a capa, Netto tem um novo delírio, “Tropel. Tambor de patas! Clarins! É uma carga de cavalaria! O vento na barba, as bandeiras estalando!” (RUAS, 2005, p.151). Netto se encontra cada vez mais fraco, não sente sua mão direita, teme pelos motivos dessa sensação de impotência.

Caldeira aparece e coloca a capa sobre os ombros de Netto. O calor o encoraja para seguir em frente. Ambos atravessaram um jardim com canteiros floridos, passaram debaixo de grandes árvores escuras, pisaram seixos redondos que formavam um caminho curvo que conduzia aos grandes muros do portão. Netto estava muito fraco, a febre estava cada vez mais forte que chegava a cegá-lo. Caldeira queria roubar cavalos para poderem ir para casa, Netto sabia que não podia voltar para casa, pois era um oficial e tinha responsabilidades. Netto afirmou a Caldeira, - “Eu tenho responsabilidades. Matamos aqueles dois animais por motivos humanitários. Eu não vou fugir.” (RUAS, 2005, p.153). Netto precisava se esconder, pois

sabia que poderia ir a Corte Marcial, precisava desse tempo para pensar e resolver essa situação.

Tempo era algo que Netto não tinha, a febre aumentava cada vez mais, e ele se sentia cada vez mais fraco. Caldeira convida Netto a seguir em frente até a margem do rio, onde haveria um canoeiro a espera deles. Ao chegar à beira do rio, o sargento olha para todos os lados à procura do canoeiro que deveria estar ali aguardando-os. A neblina estava forte o vento soprava, a praia era comprida e deserta. Netto ouviu um leve rumor de água agitada, afirmou os olhos e lentamente viu o perfil de uma canoa se aproximar. Era conduzida por um homem coberto por uma capa negra que impulsionava a canoa com uma vara comprida, seguro do rumo, sem presa.

O canoeiro saltou para a margem e ficou em silêncio aguardando. O sargento Caldeira bateu no braço de Netto e disse,

- Vosmecê deve tomar essa canoa, general.
- Bem pensado, sargento. Para onde nos leva?
- Para outra margem. Mas eu o acompanho até aqui no más. Vosmecê vai só.
- E por que isso?
- Eu já atravesse esse rio, general.
- Já atravessou? Quando, sargento?
- Em Tuyuty, general. (p.155-156).

Netto tentou reagir, mas não sentia mais seu corpo, tentou se convencer de que estava delirando por causa da febre, olhou novamente o vulto imóvel e silencioso que o esperava. Era difícil para Netto aceitar que estava morto. Netto fraquejou, e dobrou os joelhos, e pensou em pedir ajuda. O braço esquerdo estava bom e acabou abraçando o próprio corpo e o sustentando, para impedir a humilhação de cair. Netto apurou o corpo e caminhou em direção da canoa e falou – “Meu nome é Antônio.” (RUAS, 2005, p.156). Depois Netto fez uma vênia – “Usted primeiro, Caballero” (p.156), o vulto continuou imóvel e Netto disse – “Não tenha medo que eu não vou fugir.” (p.156). Carontes entrou na canoa e Netto empurrou a barca até a água, mas antes de entrar Netto,

Olhou para o céu escuro. Lembrou-se da lua no dorso dos cavalos. Procurou a lua, mas só encontrou o reflexo prateado do seu resplendor. Aproximou-se da canoa pisando vagaroso a areia macia, já sem pressentimentos, sem cautela, sem olhar para o Vulto, sentindo a mordida fria do ar, dominando o narcisismo desatento, recuperando com satisfação a tolerância, a paternalidade, sentindo-se sagaz e dissimuladamente majestoso. Olhou a praia deserta. (Agora, o vento estava a favor). Netto empurrou a canoa e saltou para dentro dela. (RUAS, 2005, p.156-157).

3.2.2 O tempo e o espaço

A história do romance inicia na madrugada de julho de 1866, num quarto de hospital militar em Corrientes, onde Netto foi hospitalizado por causa de uma ferida na perna. Netto divide o quarto do hospital com o major Ramirez, cego de um olho e o capitão de Los Santos, que tem as duas pernas amputadas pelo tenente-coronel Philippe Fointanebleux.

A narrativa não é contada de uma forma linear, ou seja, Tabajara Ruas reconta os fatos históricos através dos sonhos e delírios do general Netto. A releitura da História pode ser feita por meio das lembranças do protagonista, Netto, que, através dos seus delírios e sonhos, reconstrói a História da Revolução Farroupilha. O protagonista mistura personagens históricos, como general Bento Gonçalves e Garibaldi com dados ficcionais, como os fantasmas que o atormentam, num cenário que compreende a Revolução Farroupilha (1835-1845) e a Guerra do Paraguai (1864-1870).

Bento Gonçalves avançou entre os soldados, cercado pelos generais João Antônio e Davi Canabarro e apertou a mão de Netto.
 - Ali estão os quatro generais da República – disse o sargento Caldeira para um Milonga de olhos arregalados.
 - Esta carreira eu ganhei – disse Bento Gonçalves.
 - Eu sou bom em cancha reta – respondeu Netto. (RUAS, 2005, p.68).

Em dado momento, há um reencontro entre Netto e o sargento Caldeira. O encontro propicia além do diálogo, uma retomada dos ideais sobre a Guerra do Paraguai⁵¹ e, banalidades como fazenda, amores etc., também recordam o passado através da carta enviada por Garibaldi para o conselheiro Domingos que teve a bondade de escrever para o sargento Caldeira e de copiar um trecho dessa carta escrita pelo Capitão, General Garibaldi. Netto se surpreende em saber que o corsário ainda está vivo e não havia se esquecido dos companheiros da Revolução de 35. Netto reflete e comenta com o sargento Caldeira que já havia passado tanto tempo, trinta e um anos haviam transcorrido após a Revolução Farroupilha, ficou inerte em seus pensamentos e logo em seguida pediu para o sargento ler a carta de Garibaldi:

- Eu vi batalhas mais disputadas, mas nunca vi em nenhuma parte homens mais valentes nem cavaleiros mais brilhantes que os da cavalaria rio-grandense, em cujas

⁵¹ Netto ao se queixar que ninguém o visitava comentou que a Guerra não é boa. Não é como a nossa, nós lutávamos por ideias. Essa guerra atrai mercenários vindos de toda parte, pagos a peso de ouro. Agora se luta por ouro. RUAS, Tabajara. Netto Perde sua Alma. 3.ed. Rio de Janeiro: Record, 2005. p. 35-41.

fileiras comecei a desprezar o perigo e combater dignamente pela causa sagrada das gentes⁵².

Netto aprovou com a cabeça e o sargento continuou a leitura,

- Não tenho escrito semelhantes prodígios pela carência de habilitações, mas, aos meus companheiros de armas, tenho memorado, mais de uma vez, tanta bravura nos combates quanta generosidade na vitória, tanta hospitalidade quanto afago aos estrangeiros, e a emoção que minha alma, então ainda jovem, sentia na majestosa presença das vossas florestas, na formosura das vossas campinas, nos viris e cavalheirescos exercícios da vossa juventude corajosa⁵³.

Netto diz que o corsário continua sedutor. Caldeira interrompe dizendo que tem mais:

- E, repassando na memória as vicissitudes de minha vida no vosso meio em seis anos de ativíssima guerra, de constante prática de ações magnânimas, como em delírio, exclamo: onde estão agora esses belicosos filhos do Continente, tão majestosamente terríveis nos combates? Onde Bento Gonçalves, Netto, Canabarro, Teixeira e tantos valorosos que não lembro? Que o Rio Grande ateste com uma modesta lápide o sítio em que descansam os seus ossos; e vossas belíssimas patrícias cubram de flores esses santuários de vossas glórias.

- Quando penso no Rio Grande, nessa bela província, quando recorro o acolhimento com que fui recebido no grêmio de suas famílias, onde fui considerado como filho, quando me lembro de minhas campanhas entre vossos concidadãos e dos sublimes exemplos de patriotismo e abnegação que deles recebi, sinto-me verdadeiramente comovido. E este passado da minha vida se imprime na minha memória como alguma coisa de sobrenatural, de mágico, de verdadeiramente romântico⁵⁴.

A carta de Garibaldi exalta a bravura farroupilha, assim como faz a historiografia gaúcha, pois mitifica a revolução e seus personagens, quase sempre transformados em heróis. A carta de Garibaldi enviada à Domingos José de Almeida, escrita em 10 de setembro de 1859 em Modena, Itália, reforça essa idealização dos guerreiros da revolução.

Ao término da leitura da carta Caldeira se calou e Netto completou “éramos românticos sargento Caldeira?”⁵⁵

- Vosmecê me disse uma vez que tudo que tem importância na vida são fatos políticos, general.

- Eu disse isso, sargento?

- Na primeira vez que nos encontramos, general.

- Eu devia estar com o miolo mole.

- Estava era jovem, o que é quase a mesma coisa⁵⁶.

⁵² RUAS, Tabajara. Netto Perde sua Alma. 3.ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.p. 39.

⁵³ RUAS, Tabajara. Netto Perde sua Alma. 3.ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.p. 40.

⁵⁴ Idem. p. 40.

⁵⁵ RUAS, Tabajara. Netto Perde sua Alma. 3.ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.p. 41.

⁵⁶ Idem p. 41.

Os trechos citados acima apontam para várias referências temporais. Conforme D’Onófrio (2006) a narrativa é todo o discurso que apresenta uma história imaginária como se fosse real, constituída de uma pluralidade de personagens que têm fatos de vida entrelaçadas num tempo e num espaço.

Partindo da hipótese de que todo romance tem valores temporais, D’Onófrio (2006) apresenta classificações para os tempos das narrativas. Segundo o autor, o tempo da narrativa possui o tempo do narrador, do relato e do leitor. Para isso é preciso elucidar o que é o tempo da enunciação (discurso) e o tempo do enunciado (diegese).

O tempo da enunciação é instaurado no ato da leitura, no qual o tempo do narrador e o tempo do leitor são formados; isso ocorre no instante da leitura, formando um pacto entre os tempos. O tempo do enunciado é aquele da história narrada. Pode ser cronológico ou psicológico. O primeiro definido pela ação da natureza ou relógio e instaura a verossimilhança do conjunto da narrativa. Já o tempo psicológico não pode ser medido, pois, pertence ao interior do personagem, ou seja, se refere ao presente contínuo de um acontecimento, de uma percepção alterada pela memória.

Utilizando-nos dos instrumentos teórico-metodológicos fornecidos por D’Onófrio, no que se refere à categoria do tempo, observamos que o enredo da obra *Netto perde sua alma* abrange períodos históricos que compreendem a Revolução Farroupilha (1835 – 1845) e a Guerra do Paraguai (1865 -1871).

Tabajara, no romance, não construiu os fatos dentro de uma cronologia temporal linear dos acontecimentos, assim como fazem os historiadores, ele resgatou os fatos históricos através dos delírios do General Netto. A História é resgatada a partir de uma crise de consciência de Netto e, a partir dessas crises, fatos históricos são aos poucos apresentados ao leitor através da visão do protagonista.

Conforme Elcio Loureiro (2008), se pensarmos em termos narrativos, a estruturação do romance *Netto Perde sua Alma* contribui para um distanciamento da linearidade temporal, presente na narrativa histórica. *Flashback* e *flash forward* são recursos genuinamente literários, empregados com propriedade por Tabajara Ruas ao tratar literariamente de um tema histórico e ao construir a imagem ficcional de um dos protagonistas da Guerra dos Farrapos.

Podemos observar que nas referências aos episódios que tratam sobre a Revolução Farroupilha o tempo verbal empregado pelo narrador é o pretérito perfeito ou passado simples. De acordo com Reuter (p.98) “emprega-se o passado simples para os acontecimentos principais, aqueles que fazem a ação progredir, os que queremos destacar. Os verbos no passado simples são, de certo modo, o “esqueleto da ação.” [...]. Nós demais trechos da obra,

quando trata do General Netto no hospital o tempo verbal empregado e o presente do indicativo. Assim,

O leitor tem a impressão de tomar consciência de um fato passado e, ao mesmo tempo de testemunhá-lo no momento em que acontece, isto confere veracidade aos acontecimentos e os torna “vivos”. Esta técnica consiste em escrever no texto os tempos da escritura e da leitura, como se os acontecimentos situados em sua época fossem ao mesmo tempo suscetíveis de serem atuais para cada leitor [...]. (p.101).

O autor complementa o conceito de narrativa ao incluir o espaço de um acontecimento, bem como o tempo. Do mesmo modo que o tempo é um componente da vida real, assim também é o espaço. Tudo acontece em um determinado lugar, o qual tem determinadas características que geralmente influenciam nas personagens e nas suas ações num determinado tempo. Na obra, como já destacado, o espaço inicialmente é o hospital de Corrientes na Argentina. Porém, o espaço rememorado que predomina são as cenas ocorridas durante a Revolução Farroupilha nos pampas gaúchos,

[...] Netto e Teixeira afastaram-se rente às barrancas do rio, meio abaixados, protegendo-se do vento. Olharam a canoa avançar para o meio do rio e depois galgaram a barranca e observaram cautelosos os campos verdes e planos que se estendiam na sua frente, tomados pela luz do amanhecer [...]. (RUAS, 2005, p. 49.).

É importante notar que o narrador dá ênfase na descrição das cenas vividas pelo Netto no Hospital de Corrientes. E demonstra em vários momentos da obra que Netto rememora vários espaços como: os pampas gaúchos, os espaços geográficos entre outros, mas o local onde ele se encontra para lembrar desses momentos e episódios históricos é o Hospital de Corrientes. Entendemos que o ponto utilizado para a narrativa é o hospital, porém o cenário é diversificado e abrange vários lugares no Rio Grande do Sul como: rio Guaíba e a República Oriental do Uruguai.

Conforme Danziger (1974), a palavra cenário não é apenas usada no teatro “mas também é tomada numa acepção mais ampla, sobre tudo quando aplicada a um romance ou um poema, de modo a abranger o tempo e o lugar em que a ação se desenrola.” (p.43). Para os autores, a descrição do cenário pelo próprio narrador ou por uma das personagens é uma maneira de realçar por menores significativos. Assim, “o cenário pode consubstanciar um significado mais amplo da obra, um tema ou ideia que está implícito, também, em outros elementos da estrutura.” (p.44).

Podemos inferir então que a pretensão do narrador ao usar o hospital como ponto de referência e apenas mencionar cenários diversos é a de demonstrar a importância do hospital

no desenrolar da narrativa e na vida do personagem. Embora o personagem fosse um herói valente, ele ficou atrelado aos cuidados de um médico e de sua equipe, ou seja, ao ambiente hospitalar. A Revolução Farroupilha por sua vez também pode ser interpretada como um final decadente, pois seus ideais foram esmorecendo conforme as batalhas foram perdidas. Segundo Reuter (1996) “os lugares significam também etapas da vida, ascensão ou a degradação social.” (p.61).

4 CONSIDERAÇÕES SOBRE O NARRADOR E O PERSONAGEM EM NETTO PERDE SUA ALMA

O romance histórico é, por definição, o que mescla fatos reais com ficção, reconstruindo ficcionalmente acontecimentos, costumes e personagens históricos. O romance de Tabajara Ruas, *Netto Perde sua Alma*, se caracteriza com romance histórico, pois apresenta várias características que apontam para isso. Uma delas é a presença de grandes painéis históricos, abarcando uma determinada época em um conjunto de acontecimentos. Podemos verificar essa característica no instante em que Tabajara apresenta na obra e no filme os períodos históricos que compreendem a Revolução Farroupilha (1835 – 1845) e a Guerra do Paraguai (1865 -1871).

Com a inserção de fatos históricos como a Revolução Farroupilha na obra ficcional, o autor pretende despertar uma visão crítica e um questionamento sobre as consequências dessa experiência. Não se trata, portanto, da descrição histórica pormenorizada de determinado evento ocorrido, mas, dos reflexos que o mesmo exerce na sociedade.

Além disso, Tabajara, buscou resgatar os costumes da época através da fala dos personagens, “[...] - Vosmecê por aqui? Como le vai? [...].” (p. 35). Este trecho demonstra a preocupação do autor em procurar a verossimilhança na construção dos personagens e do enredo. As expressões “Vosmecê”, “Le vai”, além de remeter às características espaço-temporais, representam a identidade das personagens em questão.

Outra característica é a integração dos personagens históricos no pano de fundo da narrativa. A narrativa apresenta personagens fictícios e personagens reais como o general Netto, que participou da Revolução Farroupilha e na Guerra do Paraguai. Netto é o protagonista da narrativa, mas para complementar a narrativa o leitor conhecerá mais personagens históricos como o sargento Caldeira, Bento Gonçalves e Teixeira Nunes.

Tabajara Ruas introduziu na obra dados da História em seu romance com o intuito de conferir veracidade à narrativa, aspectos que torna a História incontestável, como o documento histórico: a carta escrita por Garibaldi ao Conselheiro Domingos. Assim, o romance histórico trabalha com o real, procurando dar veracidade à narrativa.

O romance histórico tem, entre outras, a finalidade de fazer releituras da História. Uma das releituras possíveis é a presença dos negros no combate da Revolução Farroupilha. Além disso, o narrador critica as razões interesseiras dos comandantes e condena as perdas causadas pela ação destruidora das revoluções. O narrador revela uma resignação misturada com um olhar crítico em relação às condições humanas na guerra. E também tenta mostrar a violência

contra os negros na guerra, como uma forma de desmitificar e questionar a versão da História contada pelos historiadores.

Além do mais, a historiografia oficial sobre a Revolução Farroupilha colabora com o mito do herói, pois glorificara os comandantes da revolução desde sempre. Na obra, no entanto, além dos comandantes, o narrador também destaca a importância do negro na guerra.

A História oficial em nenhum momento narrou o cotidiano das pessoas e das mazelas causadas pela guerra. Isto demonstra que a ideologia dos historiadores proporcionou uma marginalização de tudo o que ocorreu paralelamente aos feitos heróicos, ou seja, os historiadores deixaram no esquecimento os homens que participaram desta guerra. Essa forma de contar a História exclui o homem comum, isto é, abandona a criatura humana, para construir a figura do herói, restringindo a escrita da História em fatos e consequências. Com isso, a escrita da História ficou restrita, faltando a história dos esquecidos, daqueles que lutaram, trabalharam e morreram por uma ideologia.

Em *Netto Perde sua Alma*, Tabajara Ruas retratou a figura do herói em dois momentos. No primeiro momento, foi na leitura da carta de Garibaldi, quando afirma que, “[...] nunca vi, em nenhuma parte, homens mais valentes, nem cavaleiros mais brilhantes que os da bela cavalaria rio-grandense, em cujas fileiras aprendi a desprezar o perigo e combater dignamente pela causa sagrada das nações [...]” (RUAS, 2005, p.39). Já o segundo momento, encontramos a figura do herói, no major Ramírez, o qual se encontrava convalescendo por ter arriscado sua vida sozinho ao tomar um canhão paraguaio.

O Dicionário de Termos Literários conceitua o herói como: “grego *hrvV*, pelo latim *heros*, o termo *herói* designa o protagonista de uma obra narrativa ou dramática. Variando consoante as épocas, as correntes estético-literárias, os gêneros e subgêneros, o herói é marcado por uma projeção ambígua: por um lado, representa a condição humana, na sua complexidade psicológica, social e ética; por outro, transcende a mesma condição, na medida em que representa facetas e virtudes que o homem comum não consegue mas gostaria de atingir. Para os Gregos, o herói situa-se na posição intermédia entre os deuses e os homens”. (MOISÉS, 2004, p. 219).

Entretanto, a figura do herói é desconstruída por Ruas no instante em que ele humaniza Netto, despindo-o da figura de semi deus. Netto é um homem comum, doente, à beira da morte que reflete sobre os atos de sua vida. O herói é substituído por um homem confuso, perdido e atormentado pela sua consciência.

Assim, com o intuito de problematizar a História, o narrador desconstrói a imagem de um soldado valente, corajoso para dar lugar a um homem comum, fazendo um

questionamento da idealização guerreira. No período da revolução, a figura do guerreiro, preferencialmente o gaúcho, ainda era valorizada, pois, servia como ostentação dos ideais revolucionários bem como fundamento de representatividade do Rio Grande do Sul para o restante do país.

O major Ramírez, ao contrário de Netto, demonstra tranquilidade, parece estar aceitando seu destino, de não ter mais um olho, isto o conforta, pois ficou sem o membro defendendo o povo indefeso. Mas, esse herói não passa de uma farsa, pois, assim como Netto ceifou vidas, o major Ramírez, não matava em nome do dever a cumprir, matava por puro prazer de olhar nos olhos de suas vítimas para ver seu sofrimento.

Netto, ao ser ficcionalizado, adquire características humanas com suas deficiências e fraquezas, por isso, sua consciência acaba sendo seu próprio inquisidor, - “Depois da guerra, o sul da América estará mais unido e organizado e preparado para enfrentar os desafios comuns de países novos, que aspiram à modernidade – disse a voz pomposa, como se estivesse numa tribuna.” (RUAS, 2005, p.19). A consciência de Netto o atormenta, faz com que reflita sobre os seus ideais republicanos – “Após a guerra, é certo que o Brasil se transformará numa república, sem escravos – disse a voz bonachona.” (p.19). Cadê a liberdade dos escravos?

O que Netto não admite é que a Revolução Farroupilha foi um engodo, pois os ideais de liberdade e igualdade perante os escravos não existiam, visto que a maioria dos comandantes da revolução era escravocrata e não queria a abolição. Muitos proprietários de terras tinham a consciência de que, sem escravos não saberiam como manter suas fazendas. A mão de obra escrava era a mantenedora da economia da época.

Como vimos, Tabajara Ruas questiona o modelo tradicional de escrever a História, pois reconta os fatos históricos através dos delírios do general Netto. O narrador, ao dar uma consciência a Netto faz com que ele resgate não só os fatos históricos. Reconstitui a História dos esquecidos como os Lanceiros Negros, que foram os verdadeiros heróis na Revolução Farroupilha. Diferentemente do que fazem os historiadores tradicionais que deveriam resgatar a História desse povo tão massacrado pela escravidão. Entretanto, os escravos foram marginalizados perante a sociedade, visto que seus feitos não fazem parte da memória coletiva da população. Conforme Le Goff,

Tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores destes mecanismos de manipulação da memória coletiva. (Le Goff, 1994, p.422).

A historiografia tradicional sobre a Revolução Farroupilha não dá o devido mérito à presença do escravo nessa guerra. Além disso, há várias versões e ambiguidades sobre o Massacre dos Lanceiros Negros em Cerro de Porongos.⁵⁷

No final da década de 1850, o político, charqueador e ex-líder farroupilha, Domingos José de Almeida (1797-1859) denunciou o conteúdo da correspondência que teria sido enviada pelo então Barão de Caxias (1803-1880) a Francisco Pedro de Abreu. A Carta de Porongos conteria evidências de um acordo prévio entre Caxias (comandante do Exército imperial no conflito) e o líder farroupilha Davi Canabarro (1796-1867). O objetivo desse acordo seria favorecer a vitória imperial no combate do Cerro de Porongos. Em determinado trecho, Caxias informaria a Francisco Pedro o local, o dia e o horário para o ataque, garantindo-lhe que a infantaria farroupilha estaria desarmada pelos seus líderes.

A partir de então, historiadores e estudiosos se debruçam em uma acalorada discussão sobre o Massacre de Porongos. Com base na Carta de Davi Canabarro ao Barão de Caxias surgiram acusações de que o General Davi Canabarro, comandante do destacamento dos Lanceiros Negros, teria traído a “causa farroupilha” ao desarmar os soldados negros, deixando-os entregues à própria sorte. Essa atitude teria como objetivo facilitar a assinatura do tratado de paz que vinha sendo negociado, já que o governo imperial não queria conceder a alforria aos escravos que lutaram na Revolução Farroupilha.

Relatos da época afirmam que Canabarro teria sido avisado da aproximação de tropas inimigas e, mesmo assim, não teria tomado providência alguma. Pelo contrário, teria propositalmente desarmado e separado os lanceiros do resto das tropas acampadas perto do Cerro de Porongos.

Apesar de Tabajara Ruas não focar em seu romance o episódio do Cerro de Porangos, o narrador dialogou com este tema intrinsecamente, no instante que resgatou a traição dos Lanceiros Negros na Revolução Farroupilha, visto que os perdedores dessa guerra foram os negros. Os escravos não foram reconhecidos como soldados farroupilhas e nem ganharam a liberdade. Novamente os negros foram traídos por quem eles mais confiavam.

4.1 As vozes narrativas

No romance, *Netto Perde sua Alma* de Tabajara Ruas, as vozes narrativas alternam do ponto de vista da instância da narração, apontando para a importância assumida por essas

⁵⁷ Município de Piratini, atualmente pertencente à cidade de Pinheiro Machado, ao sul do estado do Rio Grande do Sul.

vozes narrativas no seu processo de construção. Nessa perspectiva, faz-se necessário analisarmos o papel do narrador para compreensão da obra.

Entendemos que qualquer tentativa de sintetizar a noção ou caracterização de personagem é inerente à questão do narrador. É através da figura do narrador e de sua função como entidade discursiva que o autor tem domínio – parcial - dos processos operatórios que podem resolver os sentidos fundamentais expressos na narrativa. Assim, a partir do destaque dado à caracterização e atuação das personagens é possível inferir a intenção do narrador em ressaltar determinados aspectos sociais e históricos no romance. Ressaltamos, porém, que tudo o que se apresenta na narrativa é uma interpretação da realidade. Assim, todos os aspectos que são recuperados do mundo empírico, ao fazerem parte do mundo narrado, tornam-se também ficção.

Conforme Carlos Reis (1988), “ao enunciar a narrativa modelando um universo diegético⁵⁸ “[...] o narrador formula um discurso, componente fundamental dos textos narrativos”⁵⁹, sendo que:

É ao nível do discurso que se detectam os processos compositivos que caracterizam o modo narrativo: o tratamento do tempo, de acordo com vários critérios (ordem, frequência e velocidade), as modalidades de elaboração da informação diegética, dependendo da distância e da perspectiva narrativa adotadas, a caracterização do processo de narração e da entidade que o ativa (voz e situação narrativa), podem considerar-se os mais destacados aspectos da manifestação do discurso, com inevitáveis conseqüências no que respeita à constituição de imagem da história. REIS, 1988, p. 365, 366.)

Conforme D’Onófrío (2006), o plano da enunciação é a manifestação do ato da fala ou da escrita. Para o autor “na arte da narrativa, o narrador nunca é o autor, mas um papel por este inventado: é um personagem de ficção em que o autor se metamorfoseia.” (D’ONÓFRIO, 2006, p. 54).

De acordo com Lígia Leite, (1993) há diferenças entre narrar e mostrar, tudo depende da intervenção do narrador. Se o narrador interfere na narrativa, ele mais conta do que mostra. Em contrapartida, temos a *cena* e *sumário*; enquanto que a cena apresenta os acontecimentos ao leitor sem intervenção do narrador. Já o sumário mostra um panorama em que os fatos são contados e resumidos.

⁵⁸ Entendemos que o universo diegético é aqui utilizado para designar o universo espaço-temporal em que decorre a história. Conforme a terminologia usada por Genette, a *narração*, ou *diegese*, corresponde ao “acto narrativo produtor e, por extensão, o conjunto da situação real ou fictícia na qual toma lugar”. (GENETTE, 1995, p. 25).

⁵⁹ REIS, 1988, p. 365, 366.

O narrador pode apresentar-se como elemento não envolvido na história ou como uma personagem envolvida direta ou indiretamente com os acontecimentos narrados. Nessa perspectiva, de acordo com Gerard Genette, em seu livro *Discurso da Narrativa*, podemos ter: um narrador heterodiegético que está ausente da história que narra, ou o narrador homodiegético que está presente dentro da ficção que ele narra.

A situação narrativa centrada no narrador heterodiegético é caracterizada por uma:

[...] polaridade entre narrador e universo diegético, acentuando-se entre ambos uma alteridade em princípio irreduzível; por força dessa polaridade, o narrador heterodiegético tende a adoptar uma atitude demiúrgica em relação à história que conta, surgindo dotado de uma autoridade que normalmente não é posta em causa; predominantemente, o narrador heterodiegético exprime-se na terceira pessoa. (REIS, 2003, p. 370).

Na situação narrativa centrada no narrador homodiegético, esse pode ter vivido a história como personagem ou como protagonista que narra suas próprias experiências, sendo, neste caso, denominado narrador autodiegético. Na narração homodiegética centrada no ator ou personagem, o narrador supostamente narra sua história no momento presente da narração. Esta técnica restringe as funções do narrador uma vez que sua visão se acha limitada, idêntica à da personagem que só percebe o momento presente. Podemos observar este tipo de narrador no trecho a seguir:

Bento Gonçalves avançou entre os soldados, cercado pelos generais João Antônio e Davi Canabarro e apertou a mão de Netto.
 - Ali estão os quatro generais da República – disse o sargento Caldeira para um Milonga de olhos arregalados.
 - Esta carreira eu ganhei – disse Bento Gonçalves.
 - Eu sou bom em cancha reta – respondeu Netto. (RUAS, 2005, p.68).

Constatamos que o romance *Netto Perde sua Alma* está estruturado em um narrador onisciente, pois, ele penetra na mente dos personagens, desvendando seus pensamentos e sentimentos. Além disso, o narrador observa tudo a uma distância privilegiada, podendo fazer julgamentos e comentários da vida interior dos personagens e a respeito do que se passa ao seu redor. Na expressão destacada a seguir, podemos observar que o narrador tem acesso aos pensamentos e sentimentos do personagem,

A cama do major Ramírez range. Netto fica alerta. O major Ramírez fala dormindo, dizem coisas ininteligíveis, palavrões, ordens de combate. Todos dizem que o major Ramírez é um herói. Receberá uma promoção e uma medalha quando sair do hospital. Destino bem diferente do capitão de los Santos. Pobre tolo! Por que fora desafiar o tenente-coronel Fointainebleux?

Não vai acontecer nada ao tenente-coronel Fointainebleux. (...) Pensando bem, pensando friamente, nestas circunstâncias, o mais decente a fazer é matar o tenente-coronel Fointainebleux.

- *Muito bem, índio velho, assim índio velho, assim é que se faz – disse a voz bonachona dentro dele.*

- *Tem um bisturi na gaveta da cômoda – acrescentou a voz infantil, num tom inocente.* (RUAS, 2005, p. 19-20).

Para ampliar sua visão e dar mais credibilidade, o narrador cede lugar a outras vozes que dialogam entre si, ajudando a construir a narrativa. Por vezes esse diálogo entre as outras vozes da narração expõe os sentimentos das pessoas envolvidas na trama forçando o leitor a pensar sobre o todo da narrativa, isto é, o autor descaracteriza um narrador onisciente, pois faz com que ele dialogue com as outras vozes narrativas fazendo com que eles sejam testemunhas oculares dos fatos que envolvem o protagonista. Assim como Netto, as outras vozes narrativas são participantes ativos nos diálogos. Com isso, o leitor pode refletir a respeito das informações disponibilizadas ao longo do romance. O leitor não conhece só um lado da narração, ele está ciente das informações como um todo,

-Depois da guerra o sul da América estará mais unido e organizado e preparado para enfrentar os desafios comuns de países novos, que aspiram à modernidade - disse a voz pomposa como se estivesse numa tribuna.

- Após a guerra, é certo que o Brasil se transformará numa república, sem escravos – disse a voz bonachona. (RUAS, 2005, pag. 19).

Nesse trecho da narrativa, conhecemos a voz do subconsciente de Netto. Essa voz se caracteriza segundo D’Onófrío, por ser um narrador onisciente intruso. Para o autor, esse narrador pode interromper a narração dos fatos para tecer comentários, emitir seus julgamentos. Conforme Leite, “este narrador tem a liberdade de narrar à vontade, de colocar-se acima, ou, por trás, adotando um ponto de vista divino” (LEITE, 1993, p. 27). Podemos observar que essa voz, não é passiva aos fatos, pois busca respostas para o fracasso da República. E o motivo pelo qual o republicano Netto abandonou seus ideais de liberdade e igualdade perante os escravos, deixando-os entregues a própria sorte.

Na trama há outras vozes que complementam o romance. Essas vozes são muito importantes para a narrativa, pois complementam os diálogos proporcionando visões diferentes do mesmo ponto de vista sobre a Revolução Farroupilha. As vozes em questão são as dos negros, sobre as quais a historiografia negligenciou durante muitos anos, pois a única

alusão que a historiografia faz, é citar que existia o Corpo de Lanceiros Negros. A História por muitos anos silenciou as vozes desse povo, dos guerreiros negros, que lutaram na Revolução Farroupilha,

Quero-Quero pergunta ao sargento, [...] Lutamos pela República durante dez anos, isso não nos dá algum direito?
Milonga completa, os republicanos mentiram pra nós [...] enquanto precisavam da gente pra guerra falavam em liberdade, em igualdade, e fraternidade. Quando a guerra terminou, nos entregaram para os imperiais. (RUAS, 2005, p. 93).

Aqui, nesta fala, Tabajara Ruas, deixa claro o seu objetivo com o romance: resgatar as vozes dos escravos que foram caladas durante séculos. Os negros perante a historiografia tradicional eram conhecidos como pessoas sem alma e nasceram para serem escravos. Porém o que o diálogo demonstra é que esses homens eram pessoas inteligentes e tinham opiniões próprias. Eram seres pensantes que se encontravam indignados com sua condição de escravos e buscavam uma vida digna.

As outras vozes que aparecem no romance são a do sargento Caldeira, um escravo por quem Netto nutria grande confiança e amizade. Caldeira é um elo entre os fatos históricos transcorridos na Revolução Farroupilha. Além do mais, Caldeira era a ponte entre o passado e o presente de Netto.

Além do sargento, Netto dialoga com Mr. Thornton, embaixador inglês, com quem discute momentos históricos como a desavença entre a Inglaterra e Solano López, por motivos econômicos,

- [Netto fala:] O pequeno detalhe, Mr. Thornton (embaixador inglês), é que ele (Solano López) não quer vender seu algodão (à coroa inglesa). Ou talvez queira, ao preço que achar mais conveniente.
- Vosmecê, Mr. Netto, tem o dom de simplificar temas complexos com uma candura comovente. Se admira tanto o ditador, por que é contra ele?
- Não o admiro. Apenas não ando distribuindo adjetivos como bárbaro e sanguinário quando quero dizer concorrente comercial ou com interesses econômicos diversos [...]. (RUAS, 2005, p. 122-123.).

Tabajara Ruas não se aprofunda sobre a guerra do Paraguai. Porém o seu objetivo em mencionar esse acontecimento histórico é questionar a presença de Netto nessa revolução. A historiografia não deixa claro se Netto participou ou não dessa guerra. Mas o general Netto foi um dos privilegiados com o Tratado assinado entre o Paraguai e o Brasil.

Temos também a personagem Maria Escayola, uma mulher da aristocracia de Paissandu. Maria era inteligente e mediadora entre as discussões de Netto e Mr. Thornton. Ela

não foi uma espectadora do diálogo, mas sim, uma participante ativa da conversa. Maria sabia intervir nos momentos exatos do diálogo.

Por último, temos Milonga, outra voz muito importante para a narrativa. Milonga era um escravo que fugiu para defender os ideais farroupilhas. Ele proporcionou na narrativa, a análise final entre o contraste dos ideais republicanos e o desfecho da Revolução Farroupilha, diante dos escravos.

Todas as vozes narrativas foram testemunhas dos acontecimentos ao lado de Netto. Por mais que Netto tenha narrado os fatos históricos da Revolução Farroupilha, através da perspectiva do onírico, ele contou com o testemunho dessas pessoas para completar os fatos que desencadearam a Revolução Farroupilha e a Guerra do Paraguai.

4.2 Os personagens

Conforme Carlos Reis, o personagem tem por definição “Categoria fundamental da narrativa, a personagem evidencia a sua relevância em relatos de diversa inserção sociocultural e de variados suportes expressivos.” (REIS, 1998, p. 215.).

Já o pensador grego Aristóteles pondera sobre as manifestações artísticas através da poesia lírica, épica e dramática. O filósofo considera que a partir dessas manifestações artísticas, podemos estudar o personagem. Dentre esses temas, ele destaca a mimesis, no qual o filósofo define o fazer poético como uma atividade de imitação natural ao homem: “Imitar é natural ao homem desde a infância [...] Por serem naturais em nós a tendência para a imitação, a melodia e o ritmo [...] primitivamente, os mais bem dotados para eles, progredindo a pouco e pouco, fizeram nascer de suas improvisações a poesia” (ARISTÓTELES, 1992, p. 21- 22).

Conforme Brait (1985), o pensador grego, Aristóteles contribuiu no instante em que diz que a arte é uma imitação da realidade. E por isso, o personagem de ficção seria uma imitação do real,

Durante muito tempo, o termo mimesis foi traduzido como sendo ‘imitação do real’, como referência direta à elaboração de uma semelhança ou imagem da natureza. Essa concepção, até certo ponto empobrecedora das afirmações contidas no discurso aristotélico, marcou por longo tempo as tentativas de conceituação, caracterização e valorização da personagem (BRAIT, 1985, p. 29).

Assim, Aristóteles afirma que para entender o personagem é preciso atentar para a verossimilhança interna de uma obra. A partir do sentido de mimesis, o personagem não será

exatamente uma imitação, mas precisa ser verossímil e ter características coerentes com a realidade para a aceitação do leitor. Sobre a verossimilhança, destaca:

Não é ofício do poeta narrar o que realmente acontece; é, sim, representar o que poderia acontecer, quer dizer: o que é possível, verossímil e necessário. Com efeito, não diferem o historiador e o poeta, por escreverem em verso ou prosa (...), - diferem sim em que diz um as coisas que sucederam, e o outro as coisas que poderiam suceder. (ARISTÓTELES, 1992, p.117).

Em vista disso, podemos concluir que “não cabe à narrativa poética reproduzir o que existe, mas compor as suas possibilidades” (BRAIT, 1985, p. 31). O que se pode averiguar é que o personagem é criado com base na realidade, porém o autor pode usar de mecanismos para torná-lo ficcional. Assim sendo, o personagem seria um “ente composto pelo poeta a partir de uma seleção do que a realidade lhe oferece, cuja natureza e unidade só podem ser conseguidas a partir dos recursos utilizados para a criação” (BRAIT, 1985, p. 31).

Na obra “Neto perde sua alma”, os principais personagens são: general Netto, sargento Caldeira, Milonga. Além disso, temos personagens secundários: Mr. Thornton, Maria Escayola, o tenente-coronel Philippe Fointainebleux e Teixeira Nunes. Como vimos, alguns personagens são representações de comandantes oficiais da Revolução Farroupilha. Assim, o narrador não apenas introduz fatos históricos, mas, dialoga com eles através de seus personagens. É através da atuação dos personagens, vinculadas aos episódios históricos, que o autor traça sua narrativa.

A postura crítica do narrador também se faz presente na escolha e caracterização dos personagens. Para nossa análise, vamos nos deter nos episódios mais marcantes de três personagens que consideramos os principais: Neto, Milonga e Caldeira.

4.2.1 Netto

A definição de personagem varia de autor para autor, de uma forma geral, ele é entendido como uma instância narrativa, um ser fictício que é responsável pelo desempenho do enredo:

Categoria fundamental da narrativa, a personagem evidencia a sua relevância em relatos de diversa inserção sociocultural e de variados suportes narrativos. Na narrativa literária (da epopéia ao romance, do conto ao romance cor-de-rosa, etc.) como na narrativa cinematográfica, na telenovela ou na banda desenhada, ela é normalmente o eixo em torno do qual gira a acção e em função do qual se organiza a economia do relato. (REIS, 2003, p. 306.)

A etimologia da palavra personagem é *persona*, termo que se refere às máscaras gregas utilizadas na representação teatral. O personagem foi foco de diferentes especulações e pesquisas. Um aspecto relevante desses estudos é o que diz respeito às semelhanças existentes entre pessoa humana e personagem.

Tabajara Ruas, no romance *Netto Perde sua Alma*, utilizou de mimesis que é compreendida por Aristóteles como possível interpretação ou “imitação do real”, ou seja, a poesia como imitação ou representação de uma realidade. Essa concepção prevaleceu no personagem do general Netto.

No romance *Netto Perde sua Alma*, Tabajara Ruas reconstrói a figura do general Antonio de Souza Netto. Na obra, Netto sempre esteve no comando de suas tropas, porém no hospital de Corrientes ele estava sendo comandado pelo Dr. Philippe Fointainebleux. Isso o deixava irritado, pois Netto nunca foi soldado, ele era um General. Netto não conseguia descansar no hospital por dois motivos: os estranhos acontecimentos que o deixavam sempre atento, pois um general precisa estar alerta diante dos fatos.⁶⁰ E a estranha voz que Netto não sabia de onde vinha, a mesma o contestava e por muitas vezes o julgava.

Porém, Netto sabia que tinha uma nova luta pela frente. Precisava vingar o Capitão de los Santos e a melhor forma “Talvez fosse o caso de denunciar o tenente-coronel, mas talvez não fosse. Estão em guerra. Cirurgiões fazem falta. Esse francês é voluntário. Ninguém sabe do seu passado, mas é voluntário, e cirurgiões fazem falta.”⁶¹ Mas Netto tinha ciência de que nada ia acontecer ao tenente-coronel Fointainebleux e ele talvez recebesse uma comenda ao término da guerra. Netto em sua cama de hospital repensa e logo julga que a melhor decisão e mais decente seria matar o cirurgião. A voz logo diz: “Muito bem, índio velho, assim é que se faz. Acrescentou a voz - Tem um bisturi na gaveta da cômoda”⁶².

Essa voz interior comanda os pensamentos de Netto, ela é muito marcante no romance e por várias vezes o incomoda lembrando e acusando Netto de ser um *general mentiroso*, isto porque ainda ressoa a acusação do fracasso com relação à Revolução Farroupilha e o fim da República. Entretanto, o que mais perturbava Netto era a acusação de um escravo⁶³ durante os últimos dias da Guerra dos Farrapos:

⁶⁰ Netto não entendia como em uma noite o Capitão dos los Santos havia sumido e ninguém sabia dizer onde ele estava. Isso o incomodava e deixava Netto em sentido de alerta.

⁶¹ RUAS, Tabajara. *Netto Perde sua Alma*. 3.ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.p. 18.

⁶² RUAS, Tabajara. *Netto Perde sua Alma*. 3.ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.p. 20.

⁶³ O escravo era Milonga, um negrinho sonhador que fuge da fazenda onde vivia para lutar ao lado do general Netto, pois acreditava que ele iria libertar os escravos.

- A guerra terminou, Milonga.
- A guerra terminou e eu continuo escravo.
- Para mim tu não és escravo, Milonga.
- General, onde está a República que vosmecê proclamou?
- Ela não existe mais, Milonga.
- Vosmecê mentiu para nós.
- Não, Milonga, não menti. Apenas perdi a guerra⁶⁴.

A voz assombra Netto fazendo com que ele se lembre das promessas feitas aos escravos no período da Revolução Farroupilha, a liberdade após a guerra. Porém, o marcante nessa passagem é a figura de um homem que acreditava nos ideais de liberdade e igualdade, mas que entretanto, abdicou de seus ideais em nome do pragmatismo político. Netto traiu seus ideais e também um povo que lutou ao seu lado em nome da liberdade. Nesse diálogo, Netto omite a verdade sobre o destino dos revolucionários, pois enquanto que os generais ganharam a anistia do Império, os negros voltaram para os seus senhores e continuaram sendo escravos. Na nossa interpretação, é possível dizer que-no momento em que Netto abandona seus ideais, Netto Perde sua Alma, justificando assim, o título da obra.

Em meio a delírios, Netto recebe em uma noite a visita do ex-escravo sargento Caldeira, antigo companheiro de revoluções, como a de Tuyuty⁶⁵ e principalmente na Revolução Farroupilha. Netto está feliz por ver o velho companheiro e pergunta:

- Vosmecê por aqui, sargento? Como le vai?
- Levando a vida no más, general.
- Como entrou a esta hora, sargento?
- Eu tenho o passo leve.
- É um prazer ver vosmecê por aqui, sargento. Ninguém me visita neste depósito de infelizes.
- Ninguém tem tempo para visitas. A guerra está braba, general. (...) ⁶⁶.

Percebemos que Tabajara Ruas, em seu romance, resgatou momentos históricos como a Revolução Farroupilha, a Guerra do Paraguai e a questão da escravidão no Rio Grande do Sul. Além disso, para construir seu protagonista resgatou da historiografia gaúcha um dos comandantes da Revolução Farroupilha, Antônio de Souza Netto.

Com o objetivo de “despir” Netto da figura do herói, dando a esse personagem características humanas com suas deficiências e fraquezas, por mais que a historiografia não tenha documentos suficientes que possam auxiliar os estudiosos sobre a trajetória do general Netto após a revolução de 35. Na História oficial, Netto era o mais romântico dos

⁶⁴ RUAS, Tabajara. Netto Perde sua Alma. 3.ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.p. 102.

⁶⁵ Netto foi ferido nessa batalha, na qual algumas cenas do protagonista aparecem no início do filme se arrastando na lama para sobreviver. As imagens são retomadas no filme quando o sargento Caldeira vai visitar Netto no hospital. No livro Netto diz a Caldeira que sonhou com Tuyuty.

⁶⁶ RUAS, Tabajara. Netto Perde sua Alma. 3.ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.p. 35.

revolucionários, pois acreditava na igualdade entre os seres humanos. Porém se desiludiu com a Paz do Ponche Verde, após o acordo entre os revolucionários e o império brasileiro, Netto se exilou para o Uruguai.

Porém, no romance *Netto Perde sua Alma*, o autor não demonstrou nenhum interesse em descrever atos heróicos, mas sim mostrar o homem atrás do herói. Nesse momento, o general Netto se tornou um personagem de ficção, no instante em que o autor o humaniza. Netto, na obra, não é mais um herói da Revolução Farroupilha, mas sim um homem com suas virtudes e fraquezas.

Conforme Antonio Candido (2002), o personagem possui um dos papéis mais importantes na obra literária, os acontecimentos condicionam-se e se tornam “reais”, criando o ambiente e a trama em função da figura escolhida pelo autor,

A obra literária (ficcional) é o lugar em que nos defrontamos com seres humanos de contornos definidos e indefinidos, em amplas medidas transparentes, vivendo situações exemplares de um modo exemplar (positivas e negativas). Eles encontram-se integrados num denso tecido de valores de ordem cognitiva, religiosa, moral, político-social e tomam determinadas atitudes face desses valores. (CANDIDO, 2002, p. 45).

No romance *Netto Perde sua Alma*, o protagonista ganhou características ficcionais, por ser humanizado pelo autor. Porém, Tabajara Ruas, para construir seu protagonista, utilizou-se de fatos históricos para construir sua narrativa.

4.2.2 Milonga e Caldeira

No romance, Milonga representa todos os escravos que lutaram na Revolução Farroupilha por acreditar na causa republicanas, tais como Liberdade, Igualdade e Fraternidade. Milonga é um personagem de ficção, porém carregado de simbolismo, pois representou a ilusão e a decepção dos escravos por voltarem à condição de escravos após a assinatura da Paz do Ponche Verde. O sargento Caldeira também era um homem negro e muito pobre. Deixa as Encantadas, onde vivia para seguir o general Netto, pois desde que o conheceu, passou a lutar por um fato político, fato esse que o fez seguir Netto até a Guerra do Paraguai. Caldeira afirma a Netto que “[...] por ser muito pobre precisava acreditar em alguma coisa. Em qualquer coisa. Pra bem ou pra mal, passei a vida atrás dum fato político, general.” (RUAS, 2005, p.41).

Caldeira por ser muito pobre, também acreditava nos ideais da Revolução Farroupilha e que ao término dessa guerra, todos os escravos iriam ganhar a tão sonhada liberdade e um

pouco de dignidade e reconhecimento por parte da sociedade brasileira. E a miséria em que viviam tivesse um fim. Porém o sonho de liberdade não passou de uma utopia, pois a liberdade não aconteceu após o término da Revolução Farroupilha.

Assim como Caldeira que havia comentado ao general Netto que por ser muito pobre não tinha botas para calçar, os negros que sobreviveram à Revolução voltaram descalços e presos aos grilhões da escravidão. Milhares de negros entraram na Revolução Farroupilha como objetivo de serem livres e ao contrário do que foi prometido, voltaram para as fazendas sem nenhum reconhecimento do Império e dos comandantes da Revolução Farroupilha.

Ao contrário da historiografia tradicional, Tabajara Ruas resgatou a presença do negro na Revolução Farroupilha através do comandante dos Lanceiros, o sargento Caldeira, por quem Netto nutria grande confiança e amizade. E pelo jovem Milonga, que fugiu da fazenda onde era escravo, para fazer parte do corpo de Lanceiros Negros.

Caldeira entendia bem os meandros da política e estava sempre em busca de um fato político. Já Milonga era o oposto de Caldeira, era ingênuo e queria se alistar como soldado na Revolução Farroupilha, pois acreditava nas causas farroupilhas. Ambos possuíam em comum o fato de serem escravos, e por isso, buscavam nos ideais da Revolução Farroupilha o fim da escravidão. Porém, a igualdade entre eles ia até o laço com a escravidão, pois Milonga e Caldeira possuíam concepções diferentes em relação à revolução e isto ficou bem claro no término da guerra, pois ambos assumiram lados opostos.

Os ideais farroupilhas foram resgatados em vários momentos no romance e no filme, entre eles destacamos as palavras Liberdade, República e Abolição. No entanto, com o fim da Revolução Farroupilha, essas três palavras foram esquecidas.

Nos primeiros diálogos entre Teixeira, Netto e Milonga, encontramos fatos históricos, como a fuga dos escravos para servir o exército farroupilha e a promessa de liberdade após a guerra,

[...] Netto [diz] - O amigo não me leve a mal, mas acho difícil que dona Maria Luisa tenha le mandado para nos fazer companhia.

- O que me diz disso, amigo Milonga? Estou enganado?

Milonga sacudiu a cabeça tristemente.

- Não, senhor.

- Teixeira - Então o que faz por aqui, Milonga?

- Eu saí fugido lá da estância.

Olhou para Teixeira.

- Quero entrar para o Corpo de Lanceiros, capitão.

- Vosmecê me parece muito jovem para ser soldado, Milonga. Em tua casa vão ficar preocupados.

- Eu não tenho casa, capitão.

- Tua família não mora lá na estância?

- Minha mãe mora.

- Ela vai ficar preocupada.
- Tu tens muito tempo para virar soldado e ir para a guerra, Milonga. Aproveita enquanto podes ficar em casa.
- Eu não tenho casa, capitão. Lá eu sou escravo, capitão.
- Tu és muito jovem para ser soldado, Milonga.
- Não para ser escravo.
- O melhor para ti é voltar para a estância [...]
- Netto [diz] – Quando essa guerra acabar serás um homem livre [...]. (RUAS, 2005, p. 56).

Pelo sonho de liberdade quantos “Milonga” deixaram as estâncias onde trabalhavam como escravos para defender as causas farroupilhas. Por mais que a historiografia tradicional afirme que não havia indícios da promessa de liberdade para os negros no final da revolução, esse sonho de liberdade não era uma quimera para os escravos. Pois se fosse verdadeira, a hipótese da historiografia tradicional, os negros não abandonariam as estâncias para se alistarem no exército. Eles fugiriam para os quilombos para se livrar da escravidão.

Outro contraponto que contesta a hipótese da historiografia tradicional era a necessidade da presença dos negros para incrementar o exército farroupilha, pois muitos senhores de guerra não queriam pegar em armas e para isso deram alforria aos seus escravos para substituí-los na guerra. De acordo com Pesavento (1985), a participação do negro na Revolução Farroupilha era uma necessidade dos senhores, pois “[...] Eventuais emancipações de negros durante o conflito devem ser entendidas à luz das necessidades da guerra – era preciso libertar o escravo para armá-lo e torná-lo um soldado de causa rebelde – e não de uma tendência emancipacionista.” (PESAVENTO, 1985, p. 25). Entretanto, a abolição não era cogitada pelos senhores de terras, visto que “a bandeira não era o fim da escravidão.” (PESAVENTO, 1985, p.25).

Netto ao discursar para a 1ª Brigada de Cavalaria, afirma que,

Camaradas, as notícias que chegam da Corte do Rio de Janeiro confirmam que o Império só nos oferece desprezo e miséria em troca dos nossos trabalhos e sofrimentos defendendo a fronteira do país, estamos reunidos aqui não como um exército comum, não somos profissionais das armas, somos estancieiros, somos artesãos, somos comerciantes, agricultores. Conosco estão os oficiais republicanos, os intelectuais, o clero, os escravos rebelados e todos os espíritos livres desta Província. Bravos camaradas, da 1ª Brigada de Cavalaria, se for a vontade de Deus amanhã vamos combater o Império que nos oprime, e vocês podem dormir com as consciências tranqüilas que vamos lutar por algo sagrado. Nós vamos lutar pela liberdade.⁶⁷

Netto em seu discurso demonstra indignação com o descaso do Império Brasileiro com as causas revolucionárias. No término, ele diz que irão lutar pela liberdade, porém em

⁶⁷ SOUZA, Beto ; RUAS, Tabajara. Netto Perde sua Alma. Piedra Sola Produções, 2001. Tempo, 39:16.

momento algum do discurso ele se referiu à liberdade dos escravos. A liberdade que Netto se referia era o dos impostos sobre as mercadorias e a emancipação do Rio Grande do Sul. A abolição não era uma prioridade para os fazendeiros republicanos. A liberdade oferecida aos negros foi apenas um meio de conquistar a confiança deles para se juntarem às tropas farroupilhas.

Entretanto, por mais que a historiografia tradicional não admita, o negro teve um papel crucial na revolução de 35, pois foi a espinha dorsal da Revolução Farroupilha. Além do mais, sem os escravos o exército farroupilha não tinha contingente suficiente para manter essa guerra durante dez anos.

Além disso, Tabajara recuperou em sua obra outro fato polêmico: a traição aos negros após a revolução. Por mais que essa questão seja um impasse na historiografia tradicional, não se pode deixar no esquecimento que com o término da guerra o negro não ganhou a tão sonhada liberdade. Para reaver essa questão, o narrador construiu um diálogo entre Milonga e o sargento Caldeira. Nesse diálogo os dois irmãos de guerra tomam partidos diferentes. Milonga se sente traído por Netto e os generais da revolução, “Os republicanos mentiram pra nós [...] enquanto precisavam da gente pra guerra falavam em liberdade, em igualdade, e fraternidade. Quando a guerra terminou, nos entregaram para os imperiais.”⁶⁸

Já Caldeira, ao contrário, defende Netto e os generais, pois acredita que eles não vão deixar a causa da abolição cair no esquecimento e a qualquer momento retomarão essa causa dizendo a Milonga que “a escravidão acabou no mundo inteiro e vai acabar aqui também”⁶⁹. Mas a verdade era que os escravos foram abandonados pelos republicanos. A paz do Ponche Verde, no “Art. 7º - Está garantida pelo Governo Imperial a liberdade dos escravos que tenham servido nas fileiras republicanas, ou nelas existam.”⁷⁰ No entanto jamais incluíram a liberdade os demais negros da Província, que continuaram escravos até a chegada da Abolição.

Milonga, no transcorrer da narrativa, passa da euforia diante do contingente farroupilha, à total frustração pelo desfecho da guerra, tendo ficado aleijado, sem a sua liberdade. Na nossa visão, Tabajara Ruas, em seu romance, mostrou a condição do negro dentro da sociedade, após a Revolução Farroupilha. Pois, eles ficaram sem sonhos, sem poder de tomar iniciativa e decisões, sem rumo, estáticos e inúteis. Aleijados fisicamente e espiritualmente.

⁶⁸ RUAS, Tabajara. Netto Perde sua Alma. 3.ed. Rio de Janeiro: Record, 2005. p. 93-94.

⁶⁹ Idem. p. 94.

⁷⁰ A Paz do Ponche Verde. Disponível em: <http://www.rogeriobastos.com.br/2013/02/a-paz-de-ponche-verde.html>. Acesso em: 30 de março de 2014.

Aqui, a Literatura mais uma vez mostra o que a História oficial não divulga os direitos negados e a liberdade não concedida.

Milonga deserta do exército junto com dois companheiros de luta, Quero-Quero e Palometa. Os três estavam a caminho das Encantadas, e pediram água e comida para um senhor, pois tinham fome e sede. Além de terem o pedido negado, o velho disparou uma arma de fogo contra eles, acertando Quero-Quero no braço. Diante do acontecimento, eles decidiram pedir ajuda ao sargento Caldeira, para guiá-los até as Encantadas. O sargento negou ajuda a eles, pois não aprovava o fato deles terem matado um velho e de terem desertado do exército Farroupilha.⁷¹ Milonga implora ao sargento para que ele conduza-os para as Encantadas, mas o sargento se nega dizendo que *eles estragaram tudo. Desertaram e mataram um civil depois do tratado de paz.* (RUAS, 2005, p. 93). Milonga se revolta contra o sargento dizendo:

- No meu entender não somos nós os desertores.
- Não desertaram?
- Mentiram para nós.
- Quem mentiu?
- Todos. Todos mentiram. Os republicanos mentiram. Enquanto precisavam da gente para guerra, falavam em liberdade, igualdade, fraternidade. Quando a guerra terminou, nos entregaram para os imperiais. (RUAS, 2005, p. 93-94).

Milonga tem clareza do que aconteceu, apesar de ser bem jovem. Assim, a obra mostra características dos negros que a História não mostra: pessoas lutadoras, corajosas, que argumentam, enfrentam os oficiais, expõem-se e questionam. Não são seres inertes, calados, submissos e “sem alma”, como muitas vezes nos é repassado.

Milonga, revoltado com a situação de estar aleijado, e sem o apoio de Caldeira, a quem ele confiou sua juventude e sonhos, decide matar o general Netto. O mesmo estava se preparando para viajar ao Uruguai, onde ele tinha uma fazenda e iria se refugiar. Milonga chega à cidade com o firme propósito de matar Netto, e ao encontrá-lo na igreja cobra o general pelo fracasso da revolução:

- A guerra terminou, Milonga.
- A guerra terminou e eu continuo escravo.
- Para mim tu não és escravo, Milonga.
- General, onde está a República que vosmecê proclamou?
- Ela não existe mais, Milonga.
- Vosmecê mentiu para nós.

⁷¹ O desenrolar da deserção de Milonga, Quero-queiro e Palometa, corresponde a *Parte IV* do romance - *Último verão no Continente, 2/3/1845*- transcorre nove anos depois: vilarejo de Ponche Verde, município de D.Pedrito, Província de São Pedro do Rio Grande. (RUAS, 2005, p.89).

- Não, Milonga, eu não menti. Apenas perdi a guerra.
- Onde está o Gavião?
- O coronel Teixeira morreu, Milonga.

Milonga olhou para o céu avermelhado e deu um grito agudo, que fez Netto estremecer. Depois, olhou para Netto com olhos frios.

– Morre, general! Apanhou o revólver, apontou para Netto e apertou o gatilho. O tiro saiu para o alto. No momento do disparo, Milonga foi sacudido por um tremor, atingido pela descarga duma carabina. Dobrou-se sobre o pescoço do cavalo e caiu no chão seco.

Todos olharam para o sargento Caldeira, que segurava nas mãos a carabina fumegante. O sargento Caldeira aproximou-se do corpo caído e curvou-se sobre ele. (Ruas, 2005, p. 102).

Ao tentar assassinar Netto, Milonga foi traído duplamente. Primeiro pelo general Netto em quem ele depositava a esperança de não ser mais escravo. E por último, pelo sargento Caldeira, seu irmão de cor que não hesitou em matá-lo para proteger o general Netto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A História é uma ciência que procura investigar o passado da humanidade, com o objetivo de obter o conhecimento através de uma investigação. A História, para reconstruir o passado, se vale de documentos históricos, jornais, ossos, registros orais entre outros. Após o resgate da documentação histórica, o historiador organiza os fatos de forma cronológica, com a finalidade de interpretar, estruturar e, por fim, reconstruir os fatos históricos a partir de suas experiências.

Conforme Baczkó (1984), a Literatura é uma manifestação da cultura, além de um fenômeno estético, pois possibilita registrar o “movimento realizado pelo homem na sua historicidade, por intermédio dos anseios e das visões desse homem retratados literariamente”. O historiador, dessa forma, pode utilizar a Literatura como fonte de pesquisa na busca de respostas para a historiografia, mesmo sabendo que os escritores literários não tem um comprometimento com a verdade dos fatos.

Assim, a História se aproxima da Literatura, pois, a partir do momento em que o historiador está construindo sua narrativa, ele se utiliza de ficção para construir o seu texto histórico. Hayden White (2001), historiador norte-americano, afirma que o componente ficcional não está totalmente fora das narrativas históricas. Com isso, a História se aproxima da Literatura, deixando claro que o elo entre eles é o processo de construção da narrativa. Cabe ao historiador reunir os fatos históricos e transformá-los em História, tendo ele a autonomia para decidir quais fatos devem ser mencionados em seu texto.

O historiador é livre também para dar ênfase, no que ele considerar importante para divulgar a sociedade. Sendo assim, o historiador direciona e estabelece as informações históricas desejadas. Pois, os fatos históricos não falam por si, é necessário que alguém os reproduza para a humanidade. No momento em que o historiador faz a seleção dos fatos históricos, ele está se apropriando do uso da linguagem e dos elementos próprios da ficcionalidade.

Além do mais, o romance dialoga com a História no momento de problematizar os fatos históricos, questionando, representando, corrigindo imagens criadas pela historiografia. A Literatura, também resgata acontecimentos históricos que foram deixados no esquecimento e na memória coletiva da nação.

O romance histórico, conforme Lukács consiste em apresentar um texto narrativo cujo objetivo é a reconstrução do episódio histórico, em que o autor abdica de seu tempo e torna-se

apenas uma testemunha dos fatos, procurando pensar e agir conforme pensariam e agiriam os personagens históricos. Dessa maneira, o papel do escritor seria semelhante ao do historiador, uma vez que assumiria uma atitude distanciada em relação ao episódio histórico, objeto de reconstituição.

A História tradicional, por muitos séculos, manteve em silêncio a voz de um povo (escravos) que lutou ao lado dos revolucionários farroupilhas em troca de liberdade. Para Mário Maestri (1994), “a historiografia tradicional negou ou minimizou a importância da escravidão na formação social gaúcha.” (MAESTRI, Mario, 1994, p.179). Segundo o autor, o negro teve uma participação decisiva na Revolução Farroupilha e na formação da sociedade.

A historiografia gaúcha não registra que os verdadeiros heróis da Revolução Farroupilha foram os negros. Homens e mulheres escravos que fugiram das fazendas, onde eram cativos, e também ex-escravos que saíram dos Quilombos para lutar ao lado dos Republicanos e abolicionistas em nome da liberdade para eles e todos os irmãos de cor, que ainda estavam presos pela escravidão. A escravidão foi um ato cruel, desumano e indigno que fez parte da História por muitos anos.

A historiografia gaúcha, também ocultou por muitos séculos que a espinha dorsal da revolução de 35 foi o Corpo de Lanceiros Negros. Pois, se os escravos não entrassem na guerra, os revolucionários não teriam contingente suficiente para manter essa guerra durante dez anos. Clóvis Moura enfatiza a importância da participação do negro na revolução dizendo que,

[...] na Revolução Farroupilha eles, os negros, se sentiram à vontade porque fora a insurreição dos alfaiates, na Bahia, nenhum outro movimento foi tão enfático e ostensivamente antiescravista como o liderado por Bento Gonçalves. A presença do negro tinha um caráter regional, lógico. Não havia a contradição existente nos demais acontecimentos quando eles participavam das lutas por ordem de seus senhores [...]. (MOURA, Clóvis, apud PEREIRA, Rodrigo José, 2012, p.250).

O negro era a base da sociedade Rio-Grandense, e foi também a base do exército farroupilha, isto é, os escravos contribuíram para as vitórias de muitas das batalhas farroupilhas, entre elas podemos citar: a tomada de Laguna (Santa Catarina) e a batalha de Seival, que ocasionou na proclamação da República Rio Grandense.

A presença do negro na Revolução Farroupilha, no entanto, é um tema abordado pelos historiadores contemporâneos, que estão buscando corrigir a omissão da historiografia gaúcha tradicional com relação à sua participação na Revolução Farroupilha. Os historiadores e pesquisadores estão procurando retificar a História, ou seja, resgatando a presença dos negros

na Revolução Farroupilha. O trabalho ainda não acabou, visto que, ainda há muito que discutir e resgatar, sobre a participação dos escravos na Revolução Farroupilha.

Tabajara Ruas, em seu romance *Netto Perde sua Alma*, enfatizou a participação dos escravos na Revolução Farroupilha, proporcionando uma releitura da historiografia gaúcha. O romance apresenta através dos delírios e sonhos do protagonista, general Netto, a reconstrução dos fatos históricos. A História da Revolução Farroupilha, na obra, seria um pano de fundo, com a finalidade de resgatar a presença dos escravos na revolução de 35.

O romance não privilegia o episódio bélico, mas sim, a posição dos negros em meio à revolução, destacando a condição do escravo antes e depois da guerra. Assim pode-se concluir que o romance apresenta características do romance histórico tradicional, como também possui elementos do novo romance histórico, num processo híbrido de composição narrativa. O novo romance histórico tem por característica, abdicar de seu tempo para tentar reconstruir através da ficção, o episódio histórico de uma determinada sociedade humana.

Segundo Maria de Fátima Marinho, “trata-se de um gênero híbrido, na medida em que é próprio da sua essência a conjugação da ficcionalidade inerente ao romance e de uma certa verdade, apanágio do discurso da História”. (MARINHO, 1999, p. 12). Segundo Elcio Loureiro,

Outro aspecto a se destacar com relação à obra de Tabajara Ruas é o fato de que, o autor lança mão do onírico – os delírios de Netto, estratégia eminentemente ficcional que afasta toda a possibilidade de um relato tradicional, colado ao discurso histórico. Além disso, o jogo temporal em forma de *flashbacks* e *flash forwards*, presente em *Netto Perde sua Alma* também colabora para essa quebra com o relato tradicional. (CORNELSEN, 2008, n.18.).

Tabajara Ruas utilizou recursos ficcionais no instante em que humanizou o protagonista da narrativa, o general Netto, despindo-o da figura de semi deus. Netto é um homem comum, doente, à beira da morte. No hospital, Netto pode refletir sobre as guerras de que participou e as pessoas que matou. O herói é substituído por um homem confuso, perdido e atormentado pela sua consciência. Dessa forma, entendemos que o autor rompeu com a História no instante em que humanizou Netto e desconstruiu a figura do herói, o qual a História tradicional cultuou durante séculos ao retratar a Revolução Farroupilha.

Então, após um levantamento histórico e características do romance histórico, analisamos alguns personagens. Enquanto personagens construídos literariamente, Netto, Milonga e Caldeira são reformulações da realidade feita pelo autor, tendo como pano de fundo alguns fatos históricos. Assim, o autor constitui uma interpretação possível da realidade e jamais cópia fiel. Sob essa perspectiva, nossa análise evidenciou que Milonga e Caldeira são

figuras que representam parte da realidade dos negros e que, historicamente, são constituídos como seres excluídos e dominados.

Observamos que o narrador de *Netto perde sua alma* problematiza a História contrapondo aspectos historiográficos e literários, sendo que, em alguns momentos, o narrador põe em evidência sua crítica de forma mais direta, denunciando os fatos. Assim, duas narrativas, tanto a obra como o filme, se apresentam como reveladoras da condição do negro e possibilitam uma interpretação crítica e denunciadora.

As constatações feitas na obra nos permitem afirmar que o escritor Tabajara Ruas, ao mesclar episódios históricos e ficção, mergulha na cultura negra em busca de vozes e evidências apagadas ou distorcidas nos registros oficiais da História. Ele realiza uma reconstrução histórica através da ficção literária, fundamentando sua narrativa no passado e permitindo uma leitura crítica da realidade negra até o presente. A possibilidade de uma releitura de aspectos historiográficos, através da ficção, dá a essa obra, bem como ao filme, uma importância singular e expressiva, podendo ser reconhecidas como representação da História dos negros do Sul do Brasil.

Por fim, a análise nos fez compreender que é possível fazer releituras e proporcionou uma visão mais crítica em relação à Revolução Farroupilha e à importância do negro naquela época. Além disso, o narrador põe em evidência sua crítica de forma mais direta, denunciando os fatos históricos. Assim, duas narrativas, tanto a obra como o filme, se apresentam como reveladoras da condição do negro e possibilitam uma interpretação crítica e denunciadora.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Francisco das Neves. **Revolução Farroupilha: estudos históricos**. Rio Grande, RS: Fundação Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004. (Coleção pensar a história sul-rio-grandense; v.2).
- ALVES, Francisco das Neves ; TORRES, Luiz Henrique. **Revolução Farroupilha: história & historiografia**. Rio Grande: [s.n.], 1994.
- ARISTÓTELES. **A poética clássica**. São Paulo: Cultrix, 1992.
- ASSUMPCÃO, Euzébio. Por que não festejamos o 20 de setembro. In: **Nós os afro-gaúchos**. Coordenadores Euzébio Assumpção, Mário Maestri. 2.ed. Porto Alegre, RS: Ed. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998.
- BACZKO, Bronislaw. **Les imaginaires sociaux**. Paris: Payot, 1984.
- BAKOS, Margaret Marchiori. A escravidão negra e os farroupilhas. In: **A Revolução Farroupilha: história e interpretação**. Organizado por José Hildebrando Dacanal. 2.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997. (Série Documenta, 20).
- BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. **Galvez, Imperador do Acre e o novo romance histórico brasileiro**. Artextos. V. 10. Rio Grande: Ed. da FURG, 1999.
- BANN, Stephen. **As invenções da história: ensaios sobre a representação do passado**. Tradução Flávia Villas-Boas. São Paulo: Ed. da Universidade Estadual Paulista, 1994.
- BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática, 1985.
- BARBOSA, A. M., COUTINHO, R. G. (Orgs.). **Arte/educação como mediação cultural e social**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- BOMENY, Helena. Encontro Suspeito: História e Ficção. In: **Revista Dados Revista de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro, vol.33, n.1, 1990, p. 83-117.
- BURKE, Peter. As fronteiras instáveis entre história e ficção. In: **Gêneros de fronteira – cruzamento entre o histórico e o literário**. Tradução Sandra Vasconcelos. São Paulo: Xamã, 1997.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9.ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.
- CANDIDO, Antonio & CASTELLO, J. Aderaldo. **Presença da literatura brasileira: das origens ao Romantismo**. Vol. I. São Paulo: Difel, 1976.
- CANDIDO, Antonio [et al.]. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

CORNELSEN, Elcio Loureiro. Releituras contemporâneas da guerra dos farrapos na literatura sul-rio-grandense. In: **Literatura e autoritarismo: processos de identificação e políticas da (in) diferença**. n.18. 2008. Disponível em: http://w3.ufsm.br/grpesqla/revista/num18/art_07.php. Acesso em: 18 de maio de 2014.

DECCA, Edgar de. O que é romance histórico? Ou, devolvo a bola para você, Hayden White. In: **Gêneros de fronteira – cruzamento entre o histórico e o literário**. São Paulo: Xamã, 1997.

DE MARCO, Valéria. **A perda das ilusões: o romance histórico de José de Alencar**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1993.

D'ONÓFRIO, Salvatore. **Teoria do texto 1**. São Paulo: Ática, 2006.

FAGUNDES, Morivalde Calvet. **História da Revolução Farroupilha**. Caxias do Sul, Rs: Ed. da Universidade de Caxias do Sul, 1984.

FIGUEIREDO, Vera Follain de. O romance histórico contemporâneo na América Latina. **Revista Brasil de Literatura**. Rio de Janeiro: 1997. Também disponível em: <http://members.tripod.com/~lfilipe/Vera.htm>. Acesso em: 11/05/2013

FONTOURA, Antônio Vicente da. **Diário: de 1º de janeiro de 1844 a 22 de março de 1845**. Porto Alegre: Sulina/Martins, Caxias do Sul: EDUCS, 1984.

FLORES, Moacyr. **Modelo político dos farrapos**. 4.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996. (Série Documenta ; 1).

FLORES, Moacyr. **Negros na Revolução Farroupilha: traição em Porongos e farsa em Ponche Verde**. Porto Alegre: EST, 2004. (Raízes africanas; v.4).

GENETTE, Gérard. **Discurso da narrativa**. 3.ed. Coleção Vega Universidade, Lisboa, 1995.

HARTMANN, Ivar. **Aspectos da Guerra dos Farrapos**. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2002

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **A razão na história: uma introdução geral a filosofia da história**. 2.ed. São Paulo: Centauro, 2001.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: história, teoria e ficção**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

KRAMER, Lloyd S. “Literatura, crítica e imaginação histórica: o desafio literário de Hayden White e Dominick La Capra”. In: **A nova história cultural**. HUNT, Lynn (org.). São Paulo: M. Fontes, 1992.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Irene Ferreira. 3.ed. Campinas, SP: Ed. Da UNICAMP, 1994. (Coleção Repertórios).

LE GOFF, Jacques. “História”. In: **História e memória**. São Paulo: Editora da Unicamp, 2003.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. **O Foco Narrativo**. 6ª ed. São Paulo: Ática, 1993.

LIMA, Luiz Costa. **A aguarrás do tempo**: estudos sobre a narrativa. Rio de Janeiro: Rocco, 1989. p. 15-111.

LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance**: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica. Tradução José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 2000.

MAESTRI, Mário. **Breve história do Rio Grande do Sul: da pré-história aos dias atuais**. Passo Fundo, UPF, 2010.

MAESTRI, Mário. Escravidão gaúcha: novos estudos. Um depoimento pessoal. In. **Negros e índios**: literatura e história. Porto Alegre: EdipucRS, 1994. (Coleção História 2).

MARINHO, Maria de Fátima. **O romance histórico em Portugal**. Lisboa: Campo das Letras, 1999.

MENTON, Seymour. **La nueva novela histórica de la América Latina 1979-1992**. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 2004.

ORTIZ, R. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PELLEGRINI, Tânia. A ficção brasileira hoje: os caminhos da cidade. **Olhar** - Revista do CECH (Centro de Ciências Humanas) da UFSCar, São Carlos, ano 1, n.º 2, dez 1999.

PEREIRA, Rodrigo José. **Por que tudo foi diferente?** Os Lanceiros Negros na Revolução Farroupilha (1835 a 1845). Paraná: [s.n], 2012.

PESAVENTO, Sandra. J.; LEENHARDT, Jacques. **Discurso histórico e narrativa literária**. São Paulo: UNICAMP, 1998.

PESAVENTO, Sandra J. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Relação entre História e Literatura e Representação das Identidades Urbanas no Brasil (século XIX e XX). In: **Revista Anos 90**, Porto Alegre, n. 4, dezembro de 1995. p. 115-127.

PESAVENTO, Sandra. Farrapos, Liberalismo e ideologia. In: **A Revolução Farroupilha: história e interpretação**. 2.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

PESAVENTO, Sandra. História e Literatura: uma nova-velha história, 2006. Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/1560>>. Acesso em: 15 março. 2013.

PETERSEN, Áurea Tomatis. **Trabalhando no Banco**: trajetória de mulheres gaúchas desde 1920. 1999. 374 f. Tese (Doutorado em História) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. p. 8-9.

PICCOLO, Helga Iracema Landgraf. **Vida política no século 19**. Porto Alegre, RS: Ed. da UFRGS, 1991. p.47.

_____. “Considerações em torno do Projeto de Constituição da República Rio-Grandense”. In **Coleção da Revista de História, nºLII**, São Paulo, 1974.

_____. “A Guerra dos Farrapos e a Construção do Estado Nacional”. In **A Revolução Farroupilha: História & Interpretação**. 2.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

_____. “O Discurso Político na Revolução Farroupilha”. In **Revista de História. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul**, Vol. 1, 1986/1987.

REIS, Carlos ; LOPES, Ana Cristina M. **Dicionário de teoria da narrativa**. São Paulo: Ática, 1988. (Série Fundamentos).

_____. **O conhecimento da literatura**. Introdução aos Estudos Literários. Porto Alegre: EDIPURCRS, 2003.

REIS, Roberto. (Re) lendo a História. In: LEENHARDT, J. & PESAVENTO, S. (orgs.). **Discurso histórico e narrativa literária**. Campinas: Ed. UNICAMP, 1998.

RIBEIRO, José A. P. **O romance histórico na literatura brasileira**. São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.

RICOEUR, Paul. **Teoria da interpretação: o discurso e o excesso de significação**. Lisboa: Edições 70, 2009. (Biblioteca de filosofia contemporânea).

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Trad. Constança M. Cesar. Campinas: Papyrus, 1994.

RICOEUR, Paul. Ensaio: Confluências entre os discursos históricos e ficcionais. IN: BAUMGARTEN, Carlos Alexandre, CAMPELLO, Eliane Amaral (orgs.). **Cadernos literários**, Volume 5. Rio Grande: FURG, 2000.

ROSA, Othelo. **Vultos da epopeia farroupilha**. Porto Alegre: Globo, 1935.

RUAS, Tabajara. **Netto Perde sua Alma**. 3.ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

RÜSEN, Jorn. **Razão Histórica**. Brasília: UnB, 2001.

SILVA, Juremir Machado da Silva. **História regional da infâmia: o destino dos negros farrapos e outras iniquidades brasileiras (ou como se produzem os imaginários)**. Porto Alegre: L&PM, 2010.

SOUZA, Beto ; RUAS, Tabajara. **Netto Perde sua Alma**. Piedra Sola Produções, 2001.

SOUZA, J. P. Coelho de. **Revolução Farroupilha: sentido e espírito**. 2.ed. Porto Alegre, RS: Sulina, 1972. (Coleção Meridional).

SCHAFF, Adam. **História e verdade**. Tradução Maria Paula Duarte. 6.ed. São Paulo: M. Fontes, 1995. p. 101-310.

TELLES, Jorge. **Farrapos**: a guerra que perdemos. Porto Alegre, RS: Martins, 2002.

TORRESINE, Elizabeth W. Rochadel. **História e Literatura**: ensaios. Porto Alegre: Literalis, 2007.

WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso**: ensaios sobre a crítica da cultura. Tradução de Alípio Correia de Franca Neto. 2.ed. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2001. (Ensaio de Cultura; 6).